

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 e 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

MORRERAM CATORZE dos cento e um ocupantes do quadrimotor que se despenhou na baía de Guanabara

RIO DE JANEIRO, 21. — O quadrimotor que se despenhou, a noite passada, na Baía de Guanabara, era um jacto «DC-8», com o indicativo «PP-PDT», e devia aterrar esta manhã, às 10 e 50, no aeroporto de Lisboa.

O aparelho chegou ao fim da pista, mas não conseguiu tomar altura, tendo ido de encontro a uma barreira que separa o aeródromo da estrada que liga a cidade, abrindo nela uma enorme brecha. Foi nesta altura que se incendiou, caindo, imediatamente, nas águas da Baía de Guanabara.

Transeuntes, que passavam na estrada, atiraram-se à água, para acudir aos passageiros e tripulantes, enquanto era dado o alarme.

20 minutos a flutuar

O avião conseguiu, no entanto, manter-se durante 20 minutos a flutuar, o que permitiu poderem chegar ao local os primeiros barcos de socorro. Lanchas da Polícia e barcos particulares iniciaram logo uma busca na área para recolher os sobreviventes.

Os hospitais da cidade ficaram de prevenção e a Polícia interditou a estrada que leva ao centro do Rio de Janeiro.

Entretanto, muitos passageiros e tripulantes eram retirados do mar.

(Continua na 11.ª página)

HOJE
20
PÁGINAS
nas quais se inclui
ÊXITO

Decorrem consultas entre os aliados ocidentais devido à situação em Berlim

LONDRES, 21. — Efectuam-se actualmente em Berlim e em Bonn consultas urgentes entre os aliados ocidentais «acerca das medidas de ordem prática para evitar a repetição de bárbaros incidentes como o que se verificou em Berlim em 17 de Agosto» — anunciou hoje o informador do Foreign Office.

Entretanto, o chanceler Adenauer enviou cartas sobre a situação em Berlim aos chefes de Estado ou de Governo dos Estados Unidos, da França, da Grã-Bretanha e da União Soviética. — (F. P.).

VINTE E SETE FERIDOS NOS INCIDENTES DE ONTEM

BERLIM, 21. — Os três coman-
(Continua na 11.ª página)

O embaixador chileno e o comandante do «Almirante Riveros», ao homenagearem Fernando de Magalhães, junto ao monumento da Praça do Chile. (Ver notícia na página central)



FALECEU MATOS SEQUEIRA NOTÁVEL INVESTIGADOR OLISIPONENSE

Na sua residência, na Rua do Arco a São Mamede, 67, 1.º, faleceu hoje o escritor e notável investigador olisiponense Gustavo de Matos Sequeira, que, abatido, desde há tempo pelo mal inexorável, sentiu agravarem-se-lhe nos últimos dias os padecimentos aos quais sucumbiu por volta do meio-dia, rodeado do carinho de sua esposa, sr.ª D. Beatriz Carolina de Oliveira Matos Sequeira, e de outros familiares.

Contava 81 anos, era pai dos srs. Vasco Matos Sequeira, antigo jornalista e autor teatral, ausente na província de Moçambique, e do sr. José de Matos Sequeira e das senhoras D. Maria Carolina Matos Sequeira Duque, casada com o sr. comodoro Tomás Vítor Duque, comandante da Base Naval de Lisboa, e D. Maria Adelaide de Sequeira de Oliveira Guimarães, casada com o conhecido escritor dr. Luís de Oliveira Guimarães.

O ataúde com os restos mortais do escritor foram trasladados às 17 horas para a igreja de São Mamede, de onde o funeral sai amanhã,

(Continua na página seguinte)



MATOS SEQUEIRA

Nota do dia

BRUXAS E CURANDEIROS

Os progressos da Ciência não têm contribuído para desfazer em certos cérebros atrasados as teias de aranha que a ignorância e a superstição criaram e que são, muitas vezes, a origem de males irremediáveis. O recurso a bruxas e curandeiros, quando não existe assistência médica regular ou se descê da Medicina, é frequente ainda hoje em muitos pontos do País. Haja em vista o caso daquele

pobre homem da Fonte da Cova, para os lados de Guimarães, que tentou salvar a vida de duas filhinhas atacadas de grave doença recorrendo a uma «mulher de virtude», à qual atribui a cura de uma terceira filha. Mas não é só entre nós que estas coisas acontecem. A superstição tanto pode entrar na choupana de um pobre como num palácio real. Pois se até uma rainha recorreu, ainda não há muito tempo, aos bons ofícios de uma dessas mulheres para obter a saúde de uma filha atacada de cegueira! E há dias, em França, um pequeno de dois anos queimado na proporção de cinquenta por cento teve morte atroz porque o pai chamou um charlatão, que lho prometeu curar, em vez de chamar um médico. E é um curandeiro acreditado pelas suas «curas surpreendentes» que vem denunciar o colega, acusando de assassinos certos charlatões que se atribuem poderes miraculosos e afirmam que podem curar ainda as doenças mais graves, perante as quais a ciência médica se mostra impotente, por meio de beberagens misteriosas ou pela simples imposição mágica das mãos. Ocorre-nos, a propósito, a história daquele visitante de um manicómio que era acompanhado por um guia designado pela direcção do hospital. O ciclorone foi descrevendo

com perfeita lucidez o caso de cada doente e, quando chegou a vez de um homenzinho que se dava ares importantes, com um velho bicornio na cabeça e a mão direita espetada no peito, subiu um pouco o tom das explicações, enfiou por sua vez a mão na abertura do colete, tomou um ar empertigado e disse solenemente: «Este está convencido de que é Napoleão. Ora, toda a gente sabe aqui que o verdadeiro Napoleão sou eu».

A posição definida pelo Governo português perante o Comité dos Sete

O Ministério dos Estrangeiros forneceu à imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Por comunicação de 3 de Abril ultimo, foi tornada publica a correspondência até aquela data trocada entre o Comité dos Sete e o Governo Português. Recordar-se-á que o Comité, na carta que dirigiu ao Governo Português, solicitava a cooperação deste nos seus trabalhos, designadamente para efeito das visitas que o mesmo se propunha fazer a territórios ultramarinos portugueses. Respondeu o Governo Português pedindo o esclarecimento de algumas dúvidas que lhe suscitava a referida carta,

e reservou a sua posição quanto às visitas desejadas pelo Comité indicando que a definiria quando este, como lhe cumpria nos termos das resoluções da Assembleia Geral, visitasse o território português de Goa e investigasse como neste haviam sido executadas as resoluções da Assembleia.

«Em 19 do mesmo mês, voltou o Comité a endereçar ao Governo Português uma carta que não elucidava os pontos levantados por nossa parte e se furta a esclarecer o problema posto no que respeita a Goa. Entretanto, e desde então, o Comité

(Continua na 9.ª página)



Dois médicos, no Hammersmith Hospital, em Londres, submeteram-se a melindrosa operação. O dr. Spencer, cedeu um dos seus rins ao colega Clark, no decorrer de uma intervenção cirúrgica que demorou seis horas. As esposas, que vemos na gravura, Margarite Spencer e Joan Clark, viveram com justificada ansiedade o caso, que foi um êxito, para a cirurgia britânica e, também, uma rara prova de solidariedade.

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

O 25.º ANIVERSÁRIO da Junta Nacional do Vinho

Por motivo da passagem do 25.º aniversário da publicação do diploma que criou a Junta Nacional do Vinho, que será celebrado em Novembro com as «Jornadas Vitivinícolas», o conselho geral daquele organismo foi recebido pelo secretário de Estado do Comércio, a quem o sr. eng. Santos e Castro dirigiu cumprimentos ao Governo, referindo-se ao objectivo determinante da criação da

Junta. Em resposta, o sr. dr. Rodrigues Sanches agradeceu, reafirmando a sua confiança na acção e no espírito colaborador do conselho geral. Este inscreveu-se no livro de cumprimentos ao sr. Presidente da República, e enviou telegramas de saudação ao sr. Presidente do Conselho e às individualidades que, como membros do Governo, em 1937, subscreveram o decreto estatutário do organismo.

PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu, no Palácio de Belém, os srs. dr. Guilherme Pereira da Rosa e Carlos Pereira da Rosa, respectivamente director e director-adjunto do nosso prezado colega «O Século»; Joaquim Miguel de Serra e Moura, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol; dr. António Cabral, presidente da Federação Cinológica Internacional; dr. António Simões Ferreira e D. Luís Mesquita, directores do Clube Português de Canicultura; Teodoro dos Santos e drs.

Manuel Teles e Carmona e Costa, da Sociedade Estoril Sol; e Artur Henry Lamborn e dr. Joaquim Cardim. Inscreveram-se no livro de cumprimentos os srs. dr. Pedro Teotónio Pereira, embaixador de Portugal em Washington; vice-almirante Manuel Ortins de Bettencourt, eng. agrônomo João de Carvalho e Vasconcelos, director, intérito, do Instituto Superior de Agronomia, e João Manuel Calçada Estrela, secretário do mesmo estabelecimento de ensino; eng. Agnelo Galamba de Oliveira e capitão-de-mar-e-guerra Sérgio Aguirre, comandante do navio-escola chileno «Almirante Riveros».

OS PERIGOS da inocência descuidada

Estava uma camioneta estacionada na Rua de Olivença, em Moscavide, quando um pequenito de seis anos, na sua descuidada inocência, que lhe ia custando a vida, se foi deitar á sombra, sob o pesado veículo. Veio o motorista e pôs o carro em movimento, mas logo estacou ao sentir que o rodado traseiro passara sobre qualquer coisa a esmagar-se. Estacou a camioneta para ver o que se passava, mas já então se levantara afitada gritaria em volta. O pobre garoto, Mário Maria Pereira, filho do sr. António Pereira e da sr.ª D. Maria Emilia Joaquina Pereira, morador na Azinhaga do Jogo da Bola, 41-A, em Moscavide, ficara com as duas pernas partidas. Recolheu ao Hospital de Santa Maria.

O BOMBEIRO EXEMPLAR

Como remate da eficiente preparação do pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros, a benemérita corporação que garante a tranquilidade e a segurança do burgo em face de emergências angustiantes, há um concurso anual de selecção, cujas provas conferiram o primeiro lugar da classificação geral e correspondente prémio de 500\$00 ao sapador bombeiro 276/2823/3.º sr. Manuel Lourenço Gonçalves.

VIDA POLITICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou, ontem, além do ministro de Estado, o titular da pasta da Justiça.

TRÁGICO DESFECHO de uma rixa odienta

Andavam de rixa os irmãos Afonso do Nascimento, de 30 anos, e António Maria Gonçalves Fernandes, de 16, solteiros, moradores com os pais, lavradores, em Macedo do Mato (Bragança) e o pastor Bernardino António Xavier, de 38, e sua mulher Diamantina da Glória Fernandes, de 31, também residentes, com três filhos menores, naquele lugar. O conflito seria originado pelo facto de o António Fernandes se introduzir, por várias vezes, abusivamente, no redil e na horta do pegureiro. A questão foi-se azeitando, até que os dois irmãos, depois de, na noite anterior, terem ameaçado os rivais, foram ter com estes, empenhados nas suas rústicas tarefas. Suplicou-lhes a mulher do pastor que deixassem em paz o marido, o qual procurou, também, evitar uma cena violenta. Foi, porém, espancado pelos dois irmãos, e voltando-se para eles com uma foice roçadeira atingiu na cabeça o Afonso que sucumbiu aos golpes recebidos. O pastor e a mulher foram, muito feridos, para o hospital, e o irmão da vítima recolheu á cadeia, enquanto as autoridades procuram desfiar a meada do drama.

MORTE DRAMÁTICA na fundura de um poço

Apareceu morto num poço da herdade do Alamo da Horta, na freguesia de São Manços (Évora), o proprietário António Jacinto Simões, de 53 anos, dali natural e onde residia. O mistério que começava a adensar-se sobre o trágico fim do pobre homem logo se dissipou quando as primeiras investigações afastaram suspeitas de crime.

A morte de Matos Sequeira

(Continuação da página anterior)

às 15 horas, para o cemitério dos Prazeres.

Breve perfil

Tornou-se proverbial o seu chapéu preto á moda de canoa de bicos revirados, substituído já desde há tempos por uma boina á espanhola azul-escura amanchucada na cabeça, a sombrear-lhe os olhos vivos, perscrutadores, enamorados da velha Lisboa, naquele rosto anguloso, com sulcos que pareciam talhados á enxó, como se fosse uma daquelas caras de mareantes petintais, alvenéis ou missionários, tostados por sóis e maresias, desses que foram ás descobertas ou trabalharam para transformar a mesquita dos muçulmanos na catedral da cidade e figuram nos painéis quinientistas.

Esse pormenor do chapéu em jeito de falua ou da boina castelhana era característico dessa figura esguia, ossuda, desengonçada, mas hirta, espécie de milhafre com pelo certo ali nas antigas portas de Santa Catarina sobre a serrilha da muralha fernandina, onde começa o Chiado, esse pormenor bastava aos caricaturistas para, em dois traços, sugerirem a figura singular e inconfundível que tantas vezes ilustrou, em tempos, a crónica literária sobre as figuras do trilho nobre dos intelectuais no «Diário de Lisboa», quando ele, o Matos Sequeira, historiador das origens e remotas tradições do burgo, ali na «Brasileira» ou á porta das livrarias dava a lição da história viva da cidade que era todo o seu enlevo.

Erudito, investigador, arqueólogo, historiador cronista, teatrólogo, crítico, com alma de artista e de poeta, que saborosas as suas narrativas ali á mesa do «café», as crónicas de fundo histórico com o brilho, o colorido e a graça das bizarras cidadinas! Regalava-se a gente em lê-lo e dava gosto ouvi-lo na roda atenta e enlevada dos amigos ou quando dissertava nas conferências em que revelava sempre alguma coisa de novo espanejado da poeira dos arquivos olisiponenses, a par daquilo em que se revelava o pormenor autobiográfico. Lembra-nos de que, certa vez, gracejando a falar do seu cão que roçava pelo jardim da sua casa-museu a São Mamede, lhe ouvimos dizer entre o sorriso que castanholava a dentadura sob a pele ressequida do rosto encovado: — Vejam lá, que, um dia, os meus biógrafos hão-de dizer que fui um grande caçador, quando, na verdade tiro para o cachorro licença de caça... por ser mais barata!...

Enciclopédia viva

Se as suas piadas e os seus ditos de espírito sobre os enredos nos bastidores teatrais e nos cenáculos literários, sobre tudo aquilo que é a espuma efervescente da boémia cidadina tinham um gosto delicioso, com a sua brejeirice á mistura, á erudição viva, colorida, cheia de sugestões, que vinham dos tempos lendários do burgo casquilho debruçado sobre a «enseada amena», pelo qual passaram alanos, suevos, romanos, gregos e troianos, moiros e tantas outras «mitas e desvaídas gentes», metidas em guerras, lançadas nas aventuras da grande epopeia, enredadas nos burburinhos das ruelas, amando, rindo e padecendo e erguendo as glórias da cidade orgulhosa, tudo isso, que ele sabia e só ele era capaz de descobrir na bruma dos tempos passados, fazia de Matos Sequeira uma enciclopédia viva de Lisboa.

Aqui no Chiado, ao pé das duas igrejas, abria-se a porta da muralha que ia pelo Alecrim abaixo até ás tercenças de Cataquefarás; ali onde é o Bairro Alto foi a Quinta das Andradas, viveiro de calafates e mareantes das descobertas. A Rua das Gáveas, pelo nome, inculca a característica original do aglomerado. Mais além, pela encosta até o rio, eram vinhedos e foram domínios de Nunos Alvares; lá para cima, para o Caldas, aos pés da alcáçova, mourisca, houve imponentes moradias de patrícios romanos, com alguns dos mais célebres balneários. De tudo isso, da Alfama e da Mouraria, do Castelo, dos lugares históricos e evocadores ele falava e via-se perpassar num filme empolgante a cidade dos tempos idos ou á urbe moderna, através das transformações que, ampliando-a, não lhe roubaram o típico inconfundível.

A obra de Matos Sequeira é um monumento de erudição histórica a glorificar as tradições de Lisboa. Revelações, correcções a erros de formadores, que se vinham perpe-

tuando, um estudo sério á base de pesquisas e investigações arqueológicas e documentais fazem dessa obra um notabilíssimo e valioso repositório de factos e figuras de Lisboa, indispensável aos historiadores do futuro.

Assinalar-se-á, também, a contribuição valiosíssima do erudito Matos Sequeira em reconstituições históricas, como aquele quadro soberbo da Lisboa Antiga, erguido, com rigorosa pormenorização histórica, quando da celebração dos Centenários, em aturados estudos olisiponenses, em iniciativas realizadas pela edilidade, e em tudo o mais que constitui o precioso espólio do mestre da investigação olisiponense.

Fez a mão no jornalismo

Investigador, dramaturgo, teatrólogo, poeta, historiador e cronista, em cada um destes aspectos da sua operosa e incansável actividade, revelando espantosas energias nas tarefas intelectuais, a par da lucida e sólida inteligência e de um espírito brilhante, cuja fulguração se manteve até os últimos momentos atormentados pela doença demolidora, Matos Sequeira foi também jornalista na fileira da reportagem ou á busca das redacções e aí fez a mão e adquiriu a ginástica mental, a acuidade do observador, a que o erudito ficou devendo o melhor, mais vivo, impressivo e vero da sua obra bem aliçada.

Ao contrário de tantos dos grandes se amáveis cronistas de Lisboa, Matos Sequeira era mesmo lisboeta, aqui nascido e criado. Foi «Menino da Luz» e, concluído o curso do Colégio Militar, tirou várias cadeiras da antiga Escola Politécnica, do Instituto Industrial e do Curso Superior de Letras, mas a sua erudição acumulou-se nas lições da universidade da vida, no grande anfiteatro da cidade fabulosa, a sua encantadora e sedutora Lisboa e nas paciências beneditinas do estudioso investigador. Repartindo o tempo entre as tarefas intelectuais e múltiplas actividades que solicitavam o seu temperamento avesso á permanente quietação em tomos e bibliotecas, exerceu, entre outras funções, o cargo de comissário do Teatro Nacional na interinidade, de 1915 a 1918, nos impedimentos do dr. Augusto de Castro, demitindo-se ao ser nomeado efectivo naquele ultimo ano. Chefe do Gabinete do ministro das Finanças, Herculano Galhardo, em 1915, dois anos depois, era eleito vereador da Camara Municipal e tornou a sê-lo em 1919, mas nunca exerceu o cargo. Em 1931 fazia parte da Comissão de Propaganda da Aliança Republicana-Socialista, pois era afeiçoado á República, com vibrantes entusiasmos e actividades que lhe acarretaram sacrifícios. Nomeado, novamente, comissário do Governo junto do Teatro Nacional, em 1926, exerceu a função durante dez anos e fez parte das comissões de reforma do mesmo Teatro, entre 1919 e 1922, e da respectiva subcomissão redactora. Foi um dos organizadores do Congresso da Crítica, em 1931. Organizou ou teve relevante colaboração nos seguintes certames e realizações: Exposição Olisiponense, no Museu Arqueológico do Carmo (1914), «Stand» de «O Século», na Feira de Amostras do Estoril (1927), Exposições das Mulheres Portuguesas, no salão de «O Século» (1933), Triunfal do Desporto, no Automóvel Clube (1934), Biblio-Iconográfica de Lisboa (1935), dos Artistas de Coimbra, também no «Século» (1937), do Mundo Português (1940), dos Barristas, no Museu de Arte Antiga (1938), do Terramoto de 1755, no Parque Eduardo VII (1935), do Centenário da Imprensa (1941), de Retratos do Século XVII, no Palácio da Independência (1943), etc. Organizou, com Leitão de Barros e Alberto de Sousa, o Mercado do Século XVII, no Largo de São Domingos (1927); as Festas da Curia (1935), a reconstituição da Lisboa Antiga, na cerca das Francesinhas (1934), o Cortejo Folclórico Colonial do Porto, a Casa de Santo António e o Bairro Comercial e Industrial; na Exposição do Mundo Português e, em 1943, também com Leitão de Barros e Minou Anahory, a reconstituição de uma feira antiga no Parque de Palhava, primeira Feira Popular de Lisboa, da iniciativa de «O Século». Além da longa actividade como critério de arte, a par a crítica teatral e da actividade jornalística, fez numerosas conferências sobre arte, literatura, temas históricos e de investigação olisiponense, jornalismo, etc., em círculos eruditos e em instituições culturais e de carácter popular. Em 1943, por delegação da Academia Nacional de Belas-Artes, dirigiu a Missão Esté-

tica de Férias em Santarém. Viajou muito pelo estrangeiro, bastantes vezes em missão jornalística. Pertencia ás Academias de Ciências, História e de Belas-Artes, além de outras doughtas instituições e foi um dos fundadores e dirigente do Grupo Amigos de Lisboa. Pertenceu, também, aos organismos da classe jornalística e aos seus corpos gerentes, nomeadamente do antigo Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa.

Tinha também a paixão do Teatro e são notáveis os seus arranjos de peças antigas representadas, principalmente no Teatro de D. Maria II e transmitidas pela Rádio. São valiosos e clarificadores os seus estudos sobre a figura e a obra de Gil Vicente. Como dramaturgo, fez algumas peças que tiveram assinalado êxito, em especial as comédias de humorismo irónico e risosinho e, revelando sainete especial para o teatro musicado, colaborou, principalmente com Pereira Coelho em revistas de sabor lisboeta que deram brado. Escreveu, também episódios dramático-históricos, assinalando-se o «Auto de Santo António», representado no adro da Sé de Lisboa; «Auto de São João», em Braga, Mafrá e Évora; «Afonso Henriques», no Castelo de São Jorge; adaptou e traduziu peças antigas e modernas e no teatro declamado ou ligeiro, colaborou, entre outros, com André Brun e Pastor de Macedo.

Roque Gama, Alberto de Sousa e outros artistas ilustraram valiosos trabalhos de Matos Sequeira sobre Lisboa e nos seus estudos olisiponenses e noutros trabalhos literários colaborou, também, com Nogueira de Brito Bourbon e Menezes, etc. Com Rocha Junior escreveu «Olivença» (1924).

É vastíssima a sua bibliografia, que culmina, como se disse, nos estudos e investigações históricas sobre Lisboa, abrangendo arqueologia, etnografia, teatro, literatura, jornalismo, crítica incluindo taumografia, etc.

Alguns dos seus trabalhos são obras monumentais de esclarecida erudição e de valor perdurável.

Foi redactor de vários jornais e deixou abundante colecção em revistas e publicações diversas.

Era redactor do nosso prezado colega «O Século», onde, há anos, exercia a crítica teatral.

Funcionário superior das Alfandegas, há anos, exercendo o cargo de subdirector, foi coagido a demitir-se. Nessa altura, foi-lhe prestada expressiva homenagem, de cunho republicano, num banquete de larga retumbância, no antigo Clube Monumental; e nessa altura toda a classe jornalística foi tributária-lhe, também, a sua homenagem a casa de Matos Sequeira, numa reunião memorável, no pequeno jardim da casa da Rua do Arco a São Mamede.

A notícia da morte de Matos Sequeira, conhecida em Lisboa, ao princípio da tarde, causou profunda consternação, principalmente nos meios literários e artísticos, e logo a família começou a receber expressivas manifestações de pesar, ás quais o «Diário de Lisboa» junta as suas sentidas condolências, extensivas ao nosso prezado colega «O Século».

A CIDADE

Alimentos impróprios

No mês de Julho, os médicos veterinários municipais de Lisboa mandaram inutilizar, como impróprios: 622 quilos de peixe e marisco; 238 quilos de carnes e seus derivados; e 652 peças de criação e caça.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. 3. P. (Governo Civil): Dinheiro; duas pulseiras de ouro de criança; porta-moedas com dinheiro; mala de mão de senhora; carteiras de documentos de Thomas Phillips Morgan, Jor., Luís António Manuel e Manuel Antunes Francisco; documentos de Maria Rita Ramos e Fernando Pinheiro dos Santos; um relógio de senhora; agenda e bloco de apontamentos; envelope com radiografias; duas camisolas de criança; escudete de veículo; tampão de roda de automóvel; dois aros de roda de automóvel; sapato de senhora para pé defeituoso; botinha de criança e diversas argolas com chaves.

UM JOVEM PORTUGUÊS vai à Suécia assistir à estreia de um filme

O sr. embaixador da Suécia oferece hoje, ao fim da tarde, na sua residência, na Rua D. Pedro V, 21, 7.º, uma recepção para apresentação do jovem português que irá á Suécia assistir á estreia do filme «A viagem maravilhosa de Nils Holgersson». O candidato, escolhido pelo Ministério da Educação, é o menino António Fernando de Távora Andersen Leitão, de 12 anos, aluno do 3.º ano dos liceus, filho do sr. dr. Andersen Leitão, director do Instituto Nacional de Educação Física. O estudante António Fernando partirá para a Suécia no próximo dia 1 de Setembro e permanecerá treze dias naquele país escandinavo, assistindo, no dia 12, em Estocolmo, á estreia daquele filme.

OS VELEJADORES DO CAMPEONATO DA EUROPA DE «STARS» foram homenageados com um almoço oferecido pelo S. N. I.

Os velejadores participantes no campeonato da Europa de «stars» que se desenrola na baía de Cascais, foram ao princípio da tarde de hoje homenageados com um almoço no Hotel de Seteais, oferecido pelo Secretariado Nacional de Informação, ali representado pelo sr. dr. Alvaro de Sousa, e que reuniu cerca de duzentas pessoas. Presidiu o sr. comandante Seradas Duarte, da Federação Portuguesa de Vela, ladeado pelo sr. Sérgio Tay, presidente do júri do campeonato e pela esposa do dr. António de Menezes. Terminada a refeição, que decorreu dentro do maior espírito de camaradagem e desportivismo, os velejadores dos treze países visitaram Sintra e os arredores.

Histórias Indiscréticas

Desconhecido no Parque Mayer...

Raul Solnado, o talentoso actor de expressão pamplinesca, trouxe para o teatro ligeiro um novo estilo. Um estilo que o publicou aceitou rapidamente e já não dispensa. Em nove anos, o nome de Raul Solnado cresceu nos anúncios dos jornais e nos cartazes dos Teatros. Porque veio Raul para o Teatro? Porque sempre gostou de ouvir. E agora faz rir os outros! Depois do êxito estrondoso de «A guerra de 1908» (além do êxito na revista, o «record» da venda de discos), Raul Solnado firmou definitivamente a sua popularidade, já assente, aliás, em bases sólidas. Os que o não conheciam passaram a conhecê-lo. Todos? Pelo menos quase todos. Raul gosta de jantar no Parque Mayer, esse mundo à parte no mundo de Lisboa. Raul gosta muito de Teatro e vinho tinto. E não perde um prato: carapaus fritos com feijão frade. Uma tarde, destas jantava o actor num dos restaurantes-esplanadas do Parque. Subitamente, uma olhadela rápida ao relógio. Demónios! Estava atrasado. E vá de chamar o criado, precipitado, de boca cheia, a bater com a faca na borda do prato. E veio o rapazito. Catorze ou quinze anos metidos num casaco branco de mangas estampadas. E o Raul apressado: «Eh pá: chegas ali num pulo ao Maria Vitória e diz ao porteiro, que se o sr. Pinto de Campos for lá a minha procura, eu estou a jantar aqui. Vai lá depressa. Anda!». O garoto partiu a correr. Porém, alguns minutos depois, o porteiro do Maria Vitória aparecia a espreitar no restaurante ao senhor baixinho que mandara o recado. Gargalhadas nas mesas vizinhas. E o Raul para o rapaz, a fingir de ofendido: «Então tu não me conheces?». O rapazito cora, torce o guardanapo, e diz com nervosa sinceridade: «Eu cá não senhor». Mais gargalhadas. E Raul, num cómico deslento: «Ora bolas para a popularidade!».

MONUMENTAL



às 21.45 h.

12 ANOS

3.º MÊS

LAURA ALVES

NUMA GRANDE CRIAÇÃO «MARIA ROSA»

MEU AMOR É TRAIÇOEIRO

de Vasco de Mendonça Alves

com ARTUR SEMEDO

ATENÇÃO
Atendendo à consideração de Vasco Morgado pela Liga dos Amigos da Praia da Vieira, apesar deste espectáculo estar a esgotar as lotações do Monumental, interrompe AMANHÃ a sua gloriosa carreira, para LAURA ALVES estar presente com este seu grande êxito na inauguração do Salão de Festas do Riomar 5.ª Feira, novamente, no MONUMENTAL

5.ª Feira, 23, às 21.45 h., na Incrível Almadaense, em Almada «A FERIDA LUMINOSA» — 17 anos.

ATRAS DO REPOSTEIRO

- A companhia de revistas do empresário José Miguel, que tem actuado com êxito no Ultramar, faz a sua estreia em Luanda, no Teatro Nacional, com «Delírio em Lisboa», um dos últimos espectáculos apresentados no Teatro ABC.
- Está em Lisboa, em gozo de férias, o tenor Carlos Jorge, após sete meses de permanência em Paris, como bolseiro do Governo francês. O artista, que tem estudado com a professora Noémia Perugia, deve regressar a França em Novembro próximo.
- Maria Helena, a simpática artista brasileira, apesar de outros convites, mantém os compromissos de há muito tomados com o seu empresário, sr. Hermes da Cunha Portela, pelo que reaparecerá como atracção da nova revista «Vamos a Isto!», a apresentar no Teatro Maria Vitória.

REPOSIÇÕES

«O Mundo a seu pés», no Tivoli

Foi ontem reexibido, na tela do Tivoli, o célebre filme «Citizen Kane» — no título português «O Mundo a seu pés» — essa obra-prima de Orson Welles, reveladora das notáveis qualidades de realizador do famoso actor, que dela foi, também, o produtor e o principal protagonista. «Citizen Kane» pertence à história do cinema e mantém o mesmo valor humano e espectacular e a mesma frescura de há 20 anos, quando revelou ao Mundo o génio de Orson Welles.

O filme narra-nos a história de «Charles Kane», homem riquíssimo e poderoso, que dominou, com energia e audácia, o mundo da política, do jornalismo, das associações sindicais, homens e mulheres — e que, á hora da morte, murmurou uma palavra misteriosa: «Rosebud», que em português significa «Botão de Rosa». Que mistério encerra essa palavra, que o milionário pronunciou no último momento da sua vida? É um cavalo de raça? O nome de uma mulher amada? Ou uma simples recordação da infância?

O estranho filme de Orson Welles vai apaixonar, de novo, os espectadores, dominando-os pelo seu poder dramático, e proporcionando às novas gerações a oportunidade de conhecerem e admirarem o genial realizador no desempenho, ao lado de Joseph Cotten e Dorothy Comynore, entre outros artistas de grande classe.

Entre os complementos, distingue-se a panorâmica dos Pireneus Ocidentais, cujo «Prelúdio» musical acompanha, melodiosamente, a projecção das imagens.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Alvalade

Título em português — «O rapaz que roubou um milhão».
Título original — «The boy who stole a million».

Produção — Inglesa.
Realização — Charles Crichton.
Interpretes — Virgílio Teixeira, Marianne Benet, Maurice Reyna.
Argumento — Niels Hest-Lorsen.
Processo — Normal, preto e branco.
Classificação — Maiores de 12 anos.

No Monumental

Título em português — «Herói do dia».
Título original — «Peter Voss der Lhelu Destages».

Produção — Alemã.
Realização — Georg Morischka.
Interpretes — O. W. Fischer, Linda Christian, Walter Giller.
Argumento — Novas aventuras de Peter Voss, o ladrão de milhões. A aventura dos sete cavalinhos chineses, vivida na América, na Ásia, na África e na Europa.
Distribuição — Filmes Lusomundo.
Processo — Normal, colorido.
Classificação — Maiores de 12 anos.

MARIA TERESA DE ALMEIDA



Maria Teresa de Almeida

Maria Teresa de Almeida, a jovem bailarina do Grupo de Bailados Portugueses Verde-Gaio, terminou este ano o seu curso de dança, do Conservatório Nacional, e dele prestou provas finais no espectáculo recentemente realizado no Teatro da Trindade. O fim do curso não marca para ela início de uma carreira artística, pois foi com Margarida de Abreu que começou a trabalhar.

Maria Teresa de Almeida, que está integrada no Verde-Gaio, colaborou em todos os espectáculos. Impelida pelas suas ambições artísticas, a jovem bailarina, liberta já das preocupações escolares, tem à sua frente imensas possibilidades que, certamente, não deixarão de ser aproveitadas para a renovação e progresso do bailado português.



HOTEL EMBAIXADOR

HOJE, NO TERRAÇO DAS ESTRELAS:
Um nome famoso do «music-hall» mundial

«LAS MULATAS DEL CARIBE»
de JULIA RIVAS

com TONY LEONARD — RAMON PERES
TERRY SANCHES — OSWALDO BORRELL
ritmos frenéticos e trepidantes num espectacular «show» afro-cubano

TUX — Incríveis realizações de equilíbrio dum cozinheiro malabarista e MARIA DA FÉ — a presença da canção portuguesa

VI FESTIVAL DE SINTRA

Ciné-Teatro «CARLOS MANUEL»

HOJE, AS 22 HORAS

JULIUS KATCHEN

um dos maiores pianistas da actualidade num recital com obras de Schubert, Mozart, Brahms, Beethoven, Chopin, Debussy e Liszt

Informações no Posto de Turismo de Sintra (Largo Rainha D. Amélia) e na bilheteira do Cine-Teatro (980394) a partir das 14 horas

ESPECTACULO PARA TODOS

ESTÁ JÁ GENERALIZADA A TODO O PAÍS
A POPULARIDADE E SIMPATIA PELA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
STANDS DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS,
ATRAÇÕES INFANTIS, RESTAURANTES,
PETISCOS, SORTEIOS, etc.

Inicia-se hoje a votação para a eleição da RAINHA DA FEIRA DE 1962 — festa que se faz reviver este ano. Por cada bilhete de entrada será entregue um voto



ABERTURA ÀS 19 HORAS

HOJE, A PARTIR DAS 22 HORAS, CHEGADA A FEIRA POPULAR DOS CONCORRENTES SURPRESA EFACEC—Programa transmitido pela R. T. P.

UMA PEGA 6\$50

Doçaria caseira — Café de balão

Um Ribatejo 10\$00 — Um Ribatejo Super 15\$00

só no BAR DO RIBATEJO — Pr. do Areeiro. 11-D

PETER VOSS, «O LADRÃO DE MILHÕES»,
O AVENTUREIRO DOS MIL DISFARCES,
AGORA, NO MISTÉRIO
DOS SETE CAVALINHOS CHINESES, É VERDADEIRAMENTE O...



HERÓI DO DIA

Um filme colorido com

O. W. FISCHER
LINDA CHRISTIAN
WALTER GILLER

NA EUROPA
NA AMÉRICA
NA ÁSIA,

PERSEGUE BANDIDOS, LUTA
COM AS MAIS BELAS
MULHERES...

HOJE, às 21.30
ESTREIA no
MONUMENTAL

MAIORES DE 12 ANOS
EXCLUSIVO DE
FILMES «LUSOMUNDO»

A PEDIDO: O excepcional complemento

«O SONHO DOS
CAVALOS SELVAGENS»



Uma história repleta
de alegria, encanto
e ternura!

O FAMOSO

Natal Branco

(WHITE CHRISTMAS)

de IRVING BERLIN

com

BING CROSBY

DANNY KAYE

ROSEMARY CLOONEY

VERA-ELLEN

TECHNICOLOR * VISTAVISION

Com

DEAN JAGGER

Música de IRVING BERLIN. Produtor

Robert Emmett Dolan. Realizador MICHAEL CURTIZ

Música de dança e orientação coreográfica Robert Alton

Argumento de Norman Krasna, Norman Panama e Melvin Frank

O MELHOR FILME MUSICAL DE SEMPRE!

MAIORES DE 12 ANOS

SÃO LUIZ

A PARAMOUNT
APRESENTA
DOIS
GRANDES FILMES
UM EM CADA
CINEMA



HOJE

UM GRANDE REALIZADOR
CHARLES CRICHTON

"SUSPENSE"! AVENTURA!

Situações de irresistível humorismo!

... e um rapaz que vos
roubará o coração!



O rapaz que roubou um milhão

(THE BOY WHO STOLE A MILLION)

VIRGÍLIO TEIXEIRA · MARIANNE BENET
e MAURICE REYNA

PRODUÇÃO DE

GEORGE A. BROW

MAIORES DE 12 ANOS

ALVALADE

DIÁRIO DE UM ESPECTADOR

AGOSTO

1962

D	S	T	Q	O	S	S
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

23

Quinta-feira

235

1962

D	S	T	Q	O	S	S
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

130

**A GATA DA MINHA VIZINHA
MIA TODA A NOITE. O MEU
ESPÍRITO PRECISA DE FÉRIAS!
NESTE DIA VOU AO SÃO
JORGE VER UMA
NOVA SÉRIE PARA
RIR... E VOU LEVAR
A FAMÍLIA!**



COLISEU

Empresa Ricardo Covões, Herdeiros
Telef. 31997 (M/17)

HOJE — às 21.30

O LOBO HUMANO

Um homem que a ciência
transformou num lobo

Em complemento
UM ESTRANHO NA MINHA
VIDA

com a linda Kim Novak



*** CARTAZ DOS CINEMAS ***

ESTREIAS

HEROI DO DIA

MONUMENTAL

DE HOJE

O rapaz que roubou um milhão — ALVALADE



Telefone 327172

NATAL BRANCO

Um filme para ser lembrado eternamente.
com Bing Crosby — Rosemary Clooney
— Dany Kaye — Vera-Allen



BALCÃO 54154

PLATEIA 54153

Num filme de ação incrível
MORDIDOS PELO ÓDIO
No programa — UM DOCUMENTÁRIO POLICIAL DA «SCOTLAND YARD».



Telef. 326305

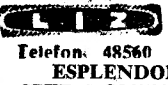
com Ugo Tognazzi e Christiane Martille
A história de 3 «peleirras» em perseguição de uma multimilionária
TOTALSCOPIO FERRANICOLOR



Telef. 763080

O RAPAZ QUE ROUBOU UM MILHÃO

Um filme que nos oferece «suspense» e humor.
Com Virgílio Teixeira — Marianne Benet e Maurice Reyna



Telef. 48560

ESPLendor NA RELVA
SETE HOMENS PARA MATAR
com Marika Röck



Telefone 50595

A's 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (Maiores 17 anos)
Uma obra prima desconhecida de gerações e gerações de espectadores!
O MUNDO A SEUS PÉS
(«CITIZEN KANE») com ORSON WELLES

A's 18.30—Sessão clássica (M. 17 anos)

O MÉDICO E O MONSTRO



Telef. 555131

A's 21.30 (M. 12 anos)
UMA ESTREIA SENSACIONAL
HEROI DO DIA
O invencível aventureiro, terror dos bandidos e sedutor de mulheres.
Com O. W. Fischer — Linda Christian e Walter Giller



Telefone 322523

A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
AVENTURA EM MARSELHA
Um grande filme de ação violenta e ininterrupta.
Com Eddie Constantine — Bernardette Lafont



Plateia 727778

Balcão 729192

A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Uma reposição que se impunha
RIO GRANDE
Um emotivo «Western» com as mais espectaculares cenas de cavalaria!
Com John Wayne — Maureen O'Hara



Telefone 865037

A's 21 horas (M. 12 anos)
ARRISCADA AVENTURA
CAPITÃO PAUL JONES
A's 21.30 (M. 12 anos)
HOMENS DAS TERRAS BRAVAS
O ÚLTIMO TANGO



Telef. 555134

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
Um filme de Robert Hossein
O JOGO DA VERDADE
Duas horas de emoções com Nadia Gray e Paul Meurisse
Cinemascope



Telefone 320768

A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos)
Um filme impressionante
COMPANHEIROS DA MORTE
com Maureen O'Hara e Brian Keith
Uma história de ação, selvajaria e crueldade!



Telefone 326283

15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA ENCHENTES
Grandiosa evocação de um amor histórico



Telefone 47163

A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
Um filme de «suspense»
OS DEGRAUS DO TERROR
Degrau a degrau... uma força oculta impelia-o para o amor e para o crime...
Com Collen Miller — Charles Drake



Telefone 324194

A's 21 horas (M. 17 anos)
A CAPITAL DO CRIME
DESAFIO AO PERIGO

O cooperativismo alemão e o seu espírito de renovação

por J. DIAS AGUDO

Se, há dezasseis anos, após a derrota dos exércitos alemães, alguém afirmasse que no fim duma década e meia o povo alemão estaria de novo refeito do esgotamento económico a que fatalmente foi levado por uma guerra de seis anos, esse alguém seria considerado um teórico ou um lunático. Todavia, esse lunático ou sonhador no abstracto poderia estar na posse de elementos que permitiriam explicar a afirmação. Um desses elementos é a extraordinária capacidade para o trabalho que todo o alemão possui e sem a qual não há triunfo nem recuperação possível, tanto para os homens como para as Nações; e o outro — porque há pelo menos outro — é a convicção que dizem ter de pertencerem a uma raça superior, estado de espírito que não se compadece com certas limitações que as circunstâncias momentaneamente lhe impõem. Esta convicção alimenta a faculdade para o trabalho, depois de a sugerir e de a ordenar; e leva ao fim de dezasseis anos de esforço a comprovar desta maneira a asserção produzida mais acima: a indústria alemã de automóveis é actualmente a segunda em todo o Mundo, e o aumento sempre crescente da produção nacional bruta atingiu em 1960 mais 11 % que no ano anterior. E há anos que tem vindo a ser assim.

Desta euforia nacional, reveladora dum nível de vida que assenta no perfeito paralelismo do desenvolvimento das diversas actividades do país, sempre em crescente labor produtivo, gozam, como é de crer, as cooperativas alemãs. É certo que a concorrência dum comércio livre, que se renova e se adapta às circunstâncias, forçaram-nas a integrar-se também no seu ambiente e na sua época; mas a luta que tiveram que aceitar para se defenderem e imporem os seus princípios não se pode dizer que tenha sido vã nem inglória. Em 1960 o volume das suas transacções, incluindo a zona do Sarre, foi de 3201,4 milhões de marcos alemães, o que representa um aumento de 5,5 por cento em relação ao ano anterior.

Esta média não foi uniforme. As sociedades do Sul apresentaram um aumento maior que as do Norte da República Federal e o Sarre diminuiu um pouco a média por dificuldades de princípio pois, como sabemos, o ano de 1959 foi o primeiro em que a exploração cooperativa ali se fez. Também a média do rendimento deve ter sido influenciada pela deslocação de parte da população para os novos bairros residenciais nos grandes meios urbanos e até pela mudança de estrutura nos alojamentos, como a instalação, por exemplo, dos auto-serviços em grande número. Aparte estes embarras numa vida normal, pode dizer-se que o movimento cooperativista na Alemanha Federal se acentuou e se robusteceu, mesmo, em escala considerável. Nas cooperativas de distribuição ou consumo, por exemplo, havia, no fim de 1960, 2,6 milhões de famílias inscritas, o que, dando em média 4 pessoas por família eleva a oito milhões o número de pessoas que gozam dos seus benefícios. Das 270 sociedades cooperativas deste tipo, 121 dirigem 220 empresas de produção; 120 padarias, 24 talhos, 29 torrefacções de café, 27 armazéns de vinhos e 18 empresas especializadas. O volume comercial de todo este movimento foi de 507,9 milhões de marcos alemães.

Influenciadas pela política económica europeia e ainda porque o facto lhes traz redução de despesas, nota-se nas cooperativas uma preocupação de concentrar e reduzir o número de casas abertas aos sócios para aprovisionamento e modificar a sua estrutura noutros moldes. Assim se têm modernizado muitas das casas antigas e adoptado novas modalidades de venda aos sócios, como é, por exemplo, o auto-serviço. Existindo embora há uns anos já e com resultados plenamente satisfatórios, é fora de dúvida que o ano de 1960 marca um progresso brilhante sobre o número dos que existiam anteriormente. Naquele ano foram abertos 804 desses armazéns, — o que perfaz um total de 2107 auto-serviços — elevando-se o seu volume de negócios a 32,7 % do movimento total das cooperativas de consumo. Este ritmo da distribuição pelo processo novo leva a crer que o armazém clássico tende a reduzir-se a proporções insignifican-

tes, se é que não está fadado mesmo a desaparecer.

É curioso saber-se que a instalação dum auto-serviço não é assunto feito apenas por previsão ou cálculo de pessoas reunidas em conselho. Não. A fundação dum auto-serviço tem obedecido na Alemanha a um plano que mostra bem não se fazer ali coisa *ad hoc* ou baseada apenas em instruções que podem falhar. Fazem-se estudos sobre o local onde convém instalá-lo, sobre a população da zona, o número aproximado de pessoas que circulam diariamente, a concorrência do comércio privado, o número de fiados, etc.

Vejam, por exemplo, que é que se tem de procurar saber da população da zona ao pretender instalar-se um auto-serviço. O plano recomenda que se averigüe:

- a) o número aproximado de habitantes e de famílias;
 - b) a estrutura social e económica desta população (categorias profissionais, rendimentos, aluguéis e encargos prováveis);
 - c) possibilidades de recrutamento de novos sócios;
 - d) montante aproximado do consumo por família;
 - e) se haverá ou não quem esteja habituado a comprar a crédito; etc.
- Outro ponto: a concorrência. Aqui procurará saber-se:
- a) a localização dos armazéns privados dentro da zona;
 - b) o seu sortido;
 - c) as formas de distribuição que adopta (tradicional, auto-serviço);
 - d) o seu equipamento técnico e a sua disposição;
 - e) o pessoal de venda;
 - f) a sua reputação no meio;
 - g) o volume dos seus negócios;
 - h) a política de venda (publicidade, preços, etc.).

Este espírito de ordem, de trabalho e de adaptação às circunstâncias reveladas pelo Cooperativismo alemão, e esta virilidade que ele apresenta depois do seu renascimento em 1946, são bem filhos do estádio superior que ele atingiu antes do advento do nacional socialismo, quando Hamburgo e outras cidades mais se podiam vangloriar de possuir algumas das mais bem organizadas e mais prósperas cooperativas da Europa. O ideal cooperativista resistiu, pois, a catástrofe que destruiu tantas instituições e trouxe a morte a tantos milhões de pessoas. É caso para frisar e até para meditar.

PROF. J. DIAS AGUDO

A GUARNIÇÃO DO «CUSTÓDIO DE MELLO» visitou o Grupo Independente n.º 1 das Escolas da Armada

O comandante do navio-escola brasileiro «Custódio de Mello», que se encontra de visita ao porto de Lisboa, esteve, esta manhã, acompanhado por diversos oficiais e quarenta guarda-marinhas, no Grupo Independente n.º 1 das Escolas da Armada, que funciona em Vila Franca de Xira.

O comandante Moura Sá, que foi recebido ali com honras militares, recebeu depois os cumprimentos do sr. capitão-de-mar-e-guerra António Morgado Belo, primeiro comandante daquele estabelecimento de ensino da nossa Marinha de Guerra.

O sr. capitão-de-mar-e-guerra Moura Sá e a guarnição do seu navio estiveram nas escolas de informações e combate, armas submarinas, comunicações e de alunos marinheiros, etc.

No final da visita realizou-se um almoço de confraternização, no qual participou igualmente o adido naval junto da Embaixada do Brasil, sr. comandante Oswaldo Goulart.

Aos brindes, o sr. capitão-de-mar-e-guerra Morgado Belo ergueu a sua taça pela Marinha de Guerra do Brasil, tendo o comandante Moura Sá saudado a Armada de Portugal.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINCC

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

CENA DE TIROS por causa dum roubo de ovelhas numa herdade em São Miguel de Machede

EVORA, 21 — Esta madrugada, um grupo de desconhecidos assaltou a Herdade de Tições, da freguesia de São Miguel de Machede, para furtar um rebanho de ovelhas. Já quando os assaltantes marchavam com os animais, que retiraram da malhada, foram pressentidos pelo pastor, Inácio José Cecílio, de 48 anos, solteiro, que imediatamente deu o alarme.

Sentindo-se em perigo, um dos ladrões alvejou com um tiro o pastor, sem lhe acertar, tendo este respondido com um tiro de espingarda caçadeira, que atingiu um dos assaltantes, prostrando-o por terra. Apesar de ferido, o quadrilheiro levantou-se e, auxiliado pelos companheiros, conseguiu escapar-se, juntamente com o grupo.

A G. N. R. de São Miguel de Machede, a quem a ocorrência foi participada, está a proceder a aturadas investigações, mas, por agora, ainda não conseguiu identificar os criminosos. Suspeita-se, no entanto, tratar-se de um bando de ciganos.

Rotary Clube de Lisboa

A reunião de hoje, do Rotary Clube de Lisboa, no Hotel Tivoli, na Avenida da Liberdade, foi dedicada a companheirismo.

Presidiu o sr. Wenceslau Sarmiento; secretariou o sr. Saul Ferreira Pires; e dirigiu o protocolo o sr. Joaquim Queimado. Assistiram muitos rotários doutros clubes nacionais e estrangeiros.

O presidente tratou de assuntos internos do clube e diversos estrangeiros fizeram interessantes intervenções acerca de acontecimentos relacionados com a actividade rotária internacional.

Linha de CASCAIS

AS TRADICIONAIS FESTAS DO SENHOR DOS NAVEGANTES EM PAÇO DE ARCOS

Começam depois de amanhã, e prolongam-se até o dia 27 em Paço de Arcos, as tradicionais e luzidas festas do Senhor dos Navegantes, padroeiro das gentes do mar, as quais remontam ao tempo do heróico e legendário Patrão Joaquim Lopes, que marcou, segundo parece o último domingo de Agosto para a sua realização e foi o seu primeiro mordomo.

A imagem do Senhor Jesus dos Navegantes, venerada por todos os habitantes, mas principalmente pelos que labutam no mar, não só os de Paço de Arcos mas todos os tripulantes das embarcações que fundeavam na baía ou a ela arribavam em dia de temporal, tem o seu altar numa ermida setecentista, reconstruída em 1877, data das primeiras festas conhecidas. Até há pouco, sempre a tradição impôs concorrido arraial, com fogo de artifício, regatas e outras provas náuticas, cavalhadas à antiga portuguesa, bandas de música, etc.

Agora, porém, dadas as circunstâncias do momento que atravessamos são limitadas a parte religiosa, da qual se salientam a procissão, a bênção dos barcos pesqueiros, que, junto ao edifício do Instituto dos Socorros a Náufragos se aglomeram graciosamente alinhados e embandeirados, a missa campal, etc.

O programa foi assim organizado: dias 23, 24 e 25, tríduo solene, às 21 e 30, com terço, sermão e bênção; dia 26, missas às 7 e 30, 8 e 30, 9 e 15 e 11 horas, e missa campal, às 12, sendo o canto executado pelo Coro de Paço de Arcos, com acompanhamento pela Orquestra de Santa Cecília; às 17, procissão e bênção dos barcos, seguindo-se a missa vespertina; dia 27, às 9, missa a São Sebastião.

Cinemas

OEIRAS — Oeiras-Cine — A's 21: «Robinson moderno» (12 anos).
CARCAVELOS — Vitória-Cine — A's 21:30: «O conde de Monte Cristo» (12 anos).
PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Família Robinson» e «Império das balas» (12 anos).
ESTORIL — Casino — A's 17 e 21:30: «Um palco para Maria» (12 e 17 anos).

O PORTO PELO TELEFONE

Mais um espectáculo ruinoso a despeito de um generalizado «twist»

PORTO, 21 — A despeito das muito vantajosas condições em que a Câmara cede, agora, a utilização do Pavilhão dos Desportos, os dois últimos espectáculos ali realizados constituíram para os seus organizadores outros tantos fracassos financeiros, muito embora artisticamente fossem dignos dos mais rasgados elogios. Quando, porém, tais factos se dão, procuram-se as razões determinantes e quase sempre é o estado do tempo o «bode expiatório», o que não aconteceu nos casos em questão.

Ora, a razão essencial reside numa certa desconfiança do público, um público sempre difícil e exigente. E isso, porque algumas vezes tem sido logrado, umas por culpa ou falta de atenção dos organizadores, outras devido a circunstâncias imprevistas. Lembramos o espectáculo em que tomou parte Amália Rodrigues e um conjunto de bons actores, queridos do nosso público.

Em suma, os espectadores portuenses estão, por agora, de «relações cortadas» com o Pavilhão dos Desportos, quanto a «shows» e espectáculos semelhantes.

O caso de anteontem foi conflagrador.

Com uma lotação para mais de oito mil pessoas, não estavam lá 500, no começo do espectáculo. Uma lástima, sendo o espectáculo tão bom! No final, na execução do último número é que a coisa ia sendo falada. Foi durante a actualização do conjunto «Tedy Raye», fa-

mosos divulgadores do «twist». O primeiro a sentir o perigoso contágio foi um modesto mas corajoso «sorrveiteiro», que numa das bancadas laterais concitou as atenções do público, chegando a exhibir-se conjuntamente com o principal elemento do conjunto no estrado. A assistência achou graça ao «rajá» de macacão branco e... aplaudiu. Entretanto, aqui e ali rebentavam focos desse incêndio sem chamas. Um casal de jovens, que desde o começo do espectáculo se manteve com toda a dignidade nos seus lugares, na primeira fila, talvez excitados pela exibição do «sorrveiteiro», saltam a vedação das bancadas e aí vão eles fazer causa comum com o improvisado bailarino, nessa altura já secundado por alguns «tedys» dos dois sexos. A onda cresceu e o espectáculo desceu à plateia, chegando, nessa altura, o casal a exhibir «twist» não terminava tão depressa, também, no palco. Se a orquestra, talvez que a Polícia tivesse de «sereenar» os animos...

No entanto, o organizador do espectáculo voltou a Lisboa de onde partira, chorando o seu dinheiro e o tempo perdidos.

O salvador pediu que o salvassem...

Já não é a primeira vez que os que pretendem fazer salvamentos necessitam por sua vez que os salvem.

Hoje, porém, deu-se um facto que julgamos inédito em matéria de salvamentos, feitos com mais ou menos riscos.

Fernando Teixeira Pinheiro, de 17 anos, morador no Bairro Rainha D. Leonor, n.º 5 casa 6, viu que um gato se encarrapitou num pinheiro com cerca de 20 metros de altura, após o que vá de atormentar a vizinhança com o seu miar insistente e dolorido como a suplicar que lhe acudissem pois não atinava com o caminho de regresso ao solo. O Fernando não medindo por certo a aventura em que se iria meter, subiu à árvore para acudir ao bichano. Após lhe ter deitado a mão faltou-lhe o melhor: ou seja a coragem para descer e começou a gritar também por socorro.

O apelo foi ouvido e os bombeiros portuenses da secção da Foz avançaram para o local onde com o auxílio de quatro lanços de escadas, em manobra aliás perigosa, o voluntário Rui Teixeira avançou até ao «expontaneo salvador»... Acontece que os bombeiros julgaram que com um só tiro matavam dois coelhos. Puro engano: o salvado foi o Teixeira pois o gato já tinha sido atirado ao solo pelo desalmado e medroso salvador...

Outro desastre na ponte de Fão
Vindos do hospital de Esporão, onde foram ontem à tarde internados, em consequência de um desastre de viação ocorrido na ponte de Fão, recolheram esta manhã ao Hospital de Santa Maria, o sr. Jorge Dubois e sua esposa sr.ª D. Amélia Gameiro Santiago, residentes em Vigo, na Rua Vista Alegre.

O desastre deu-se devido ao carro vir em grande velocidade. Em geral, certos automobilistas não querem perder um minuto na vida, acabam às vezes por perder a vida num minuto...

Espectáculos de amanhã

S JOAO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «A ingénua em Hawaii» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Dez passos imortais» (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «A justiça do mascarado» e «Homens diabólicos» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Um crime no Metropolitan» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e às 21 e 30: «Com jeito val sr. guarda» e «Os audaciosos» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Prenda de anos» (12 anos). Vermelho» (12 anos).
ASILO DO TERÇO — A's 21 e 30: «Os canhões de Navarone» (17 anos).
CASINO DA PÓVOA — Variedades (21 anos).
CASINO DE ESPINHO — Variedades (21 anos).
PALACIO DE CRISTAL — Feira Popular.
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30: «Pago para matar» (17 anos).



CHURCHILL já não encontrará o seu cãozinho fiel ao regressar a casa

«Refus», o célebre «caniche» castanho de «sir» Winston Churchill, morreu agora, pouco antes do grande estadista voltar para casa, após a sua prolongada estadia no hospital. O simpático cãozinho tornou-se famoso pela fidelidade com que acompanhava o seu dono, durante os últimos quinze anos.



LONDRES, 21.—«Sir» Winston Churchill saiu hoje do hospital onde permaneceu 54 dias a restabelecer-se da fractura de uma coxa.
«Sir» Winston fora internado no hospital de Middlessex no dia 29 de Junho, depois de ter vindo para Londres, num avião que o trouxe de Monte Carlo. Foi num hotel daquela cidade que Churchill deu uma queda e fracturou uma perna.
O antigo primeiro-ministro saiu do hospital com um fato desportivo, sem gravata, de charuto na mão, sentado numa cadeira de rodas.
«Sir» Winston saudou a multidão que o aclamava.
Numa ambulância, precedida de uma viatura negra da Polícia e enquadrada por dois batedores motociclistas, de luvas brancas e capacete de cadelal negro, foi conduzido para sua casa. — (F. P.) e R.).

EM 3 LINHAS O ministro do Ultramar visita a ilha Brava

A folha oficial publicou hoje a lista de antiguidades do pessoal do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde o lugar de director está vago desde a morte do dr. António Baião.

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Monção o sr. Joaquim José Artur Andrade Pereira de Santiago.

Estão abertos concursos documentais para provimento de vagas de médico e de farmacêutico, ambos de 2.ª classe, respectivamente dos quadros médico e farmacêutico comuns do ultramar.

Foi concedida a nacionalidade portuguesa, por naturalização, aos srs. José Augusto Pintelos Pais, Angelino Mário Marzocchi, Chaim Fajner e Serge François Chellamootoo, domiciliados, respectivamente, em Lisboa, nos concelhos de Vila Franca de Xira e de Estremoz e na província de Moçambique.

A Câmara Municipal de Lisboa foi autorizada a permutar uma parcela de terreno na Rua de Jorge Colaço, por outra, na mesma artéria, destinada, em parte, ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, com vista à instalação do Centro de Convívio anexo aos Instituto Calouste Gulbenkian.

A pedido do capitão-de-mar-e-guerra Manuel Afonso Dias, foi rescindido o contrato para exercer o cargo de director do Centro de Geografia da Junta de Investigações do Ultramar.

Foi prorrogado, até 31 do corrente o prazo para apresentação do relatório da comissão encarregada de rever, estudar e definir as condições de aplicação do óleo de bagaço da azeitona, refinado.

O «Diário do Governo» publicou hoje, na sua 3.ª série, o relatório do conselho de administração e o parecer da Companhia de Diamantes de Angola (Diamang), referentes ao exercício de 1961, que teve o lucro de 142 937 contos.

S. FILIPE (Ilha do Fogo), 21.—Após dois dias de visita à ilha do Fogo, o ministro do Ultramar deixou, esta manhã, a vila de S. Filipe, e seguiu a bordo do contratorpedeiro «Vouga» para a ilha Brava, chegando às 9 horas (12 de Lisboa) ao porto da Furna, no Vila Nova de Sintra, sede do concelho.

Durante a visita à ilha do Fogo, o prof. Adriano Moreira estudou vários problemas de interesse para o arquipélago, como o plano rodoviário, e a construção, em S. Filipe, de um pequeno porto, indispensável à movimentação de mercadorias, e de uma pequena pista para aviões ligeiros. Também foi decidido construir mais onze cisternas, no



Seis meses de prisão é quanto vai cumprir, acusado de alteração e sublevação da ordem pública, Colim Jordan, um dos chefes do movimento neo-nazi britânico. A multidão apupou-o quando dava entrada na prisão de Bow Street

valor de 16 500 contos destinadas a combater a falta de água.

Por outro lado, a criação da Caixa de Crédito Agro-Pecuária vem proporcionar um grande desenvolvimento do arquipélago de Cabo Verde. Com efeito, o diploma abre novas perspectivas ao fomento da agricultura e da pecuária, proporcionando o crédito de que necessitam.

A Caixa realizará operações de crédito a médio e a longo prazo, e, excepcionalmente, a curto prazo. Os fundos são constituídos por dez mil contos, agora concedidos por mais verbas que venham a ser inscritas no orçamento da província, assim como quaisquer aquisições a título gratuito. A Caixa pode emitir obrigações, amortizáveis no prazo máximo de vinte anos, aceitar depósitos, utilizar empréstimos aos bancos emissor da província e do Fomento, e realizar quaisquer outras operações de crédito. É administrada por um conselho, constituído pelo presidente e seis vogais, sendo o presidente designado pelo governador e um dos vogais representante das actividades económicas. — (A. N. I. e L.).

Fernão de Magalhães foi hoje homenageado pelo embaixador do Chile e pela guarnição do «Almirante Riveros»

Aproveitando a oportunidade de se encontrar de visita ao Tejo o escoltador-oceânico «Almirante Riveros», da Marinha de Guerra do Chile, o embaixador daquele país em Portugal, sr. dr. Pedro Chana, prestou esta manhã uma homenagem a Portugal, depondo um ramo de flores na base do monumento a Fernão de Magalhães, cerimónia a que se associou a tripulação daquele navio da armada chilena.

Aquele diplomata chegou junto ao monumento a Fernão de Magalhães, na Praça do Chile, acompa-

PROSSEGUEM AS INVESTIGAÇÕES acerca do crime praticado a bordo do «Infante Dom Henrique»

Não pararam as investigações à volta do crime recentemente ocorrido a bordo do paquete «Infante Dom Henrique», onde o cozinheiro José Abreu Inácio matou a tiro a enfermeira do mesmo navio, Maria Leonor Marques Boavida Alves, caso estranho a que então largamente nos referimos. Nem tudo, porém, foi divulgado para, compreensivelmente, não complicar as diligências em curso por parte da Polícia Marítima, empenhada no completo esclarecimento do drama, que se reveste de aspectos obscuros e desconcertantes, em relação à conduta do criminoso, mistificador com manifestos indícios de taras e degenerescências, e à preparação do crime, consoante têm apurado os investigadores, cuja acção vem pôr em relevo o trabalho da Polícia Marítima.

Não só o comandante, sr. capitão-de-fragata Malheiro do Vale, mas, também, o chefe-adjunto Manuel Augusto Cabaço, o chefe Serra e Moura e o subchefe Gonzaga Pratas, o principal investigador, procuraram desde logo deslindar a meada do crime, através de depoimentos, recolha de informações e de outros dados, ainda que indirectamente ligados ao caso.

Nas pormenorizadas buscas que passou a bordo do paquete, principalmente no alojamento do cozinheiro, o subchefe Gonzaga Pratas encontrou documentos elucidativos sobre a preocupação do José de Abreu Inácio em eliminar a enfermeira, que definem uma ideia fixa. Em papel pautado, ele escrevera, com data de 4 deste mês, isto é, três dias antes do crime, uma carta, na qual afirmava: «Devo assassinar a Maria Leonor Marques Boavida Alves. Esta vive maritalmente comigo no Casal do Marco, letra VC. 1.ª. Esq. Enfermeira da C. C. N. Andá a atraí-lo-me com quem ela quer, como o Pereira, que é o dono do prédio, e que, todas as noites, bate à porta e espera por ela de manhã. Devo tirar a vida dela e a minha».

Acrescentava, assim a modos de disposição testamentária, que deixava os móveis da casa a sua mulher e aos filhos.

Está averiguado que o José Inácio se proclamava inspector da P. J. D. E. e, para o provar, quando lhe perguntavam pelos documentos respectivos, levantava uma das abas do casaco, exibindo a pistola e dizia: «Sim, como vêem, sou autoridade».

No que concerne às suas declarações quanto ao porte da vítima relativamente ao senhorio, sabe-se que o sr. Pereira, na verdade, procurava a enfermeira para a efectivação do pagamento das rendas em atraso, pois o criminoso deixara de cumprir esse dever.

Nas informações prestadas à Polícia Marítima afirmou que ela extorquiria dinheiro a um indivíduo, sob pretexto de lhe arranjar uma cédula marítima, não correspondendo isso à verdade. A esse respeito um facto se apurou, com elementos de prova encontrados nas dependências do réu. Este é que burlou um rapaz, prometendo-lhe uma cédula marítima, que não obteve e exigindo dele a quantia de 3200\$00. Foi o José Inácio o autor da proeza e não a sr.ª D. Maria Leonor. A vítima da burla foi o trabalhador Vasco Joaquim dos

Reis Fernandes, de 18 anos, moço

ador na Chumbeira (Bucelas).
Sabe-se que o rapaz se encontrou um dia com o réu, que lhe disse que estava tudo arranjado. Era, no entanto, necessário o gratificar várias pessoas. O rapaz disse-lhe que tinha apenas 500\$00 e logo o José de Abreu Inácio retorquiu que essa não era quantia bastante para pagar tais serviços a pessoas tão importantes. Citava nomes. Começou por lhe exigir mil escudos, mas logo na mesma conversa, uns segundos depois, acrescentava que eram indispensáveis dois mil e, decorridos instantes, disse: «Olha dá-me 3200\$00». E foi esta a quantia que o trabalhador Vasco Joaquim Fernandes lhe passou para as mãos. Parece que há prenúncios de outra proeza semelhante, que o subchefe Gonzaga Pratas está a averiguar, pois foi ouvida uma conversa telefónica, tempo antes do crime, que dava a enten-

(Continua na 11.ª página)

O problema da Tal e as preocupações q

A propósito das informações pormenorizadas que o «Diário de Lisboa» tem publicado sobre o perigoso tranquilizante conhecido, entre nós, por «Softenon», temos recebido numerosa correspondência, conforme já referimos noutra oportunidade, sem o mínimo propósito de especulação, mas com o objectivo de esclarecer um problema que preocupa a opinião pública. Escreve-nos, agora, um nosso leitor a felicitar-nos, previamente, pela orientação cautelosa que seguimos, acrescentando:

«Sendo certo, porém, que em Portugal todos os novos medicamentos são vendidos ao público com a indicação de «Verificado pelo Laboratório da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos», daí advindo confiança pública no produto, surpreendeu a revelação do presidente da referida Comissão ao afirmar que a acção daquele organismo se limita ao aspecto económico».

A observação do nosso correspondente foi por nós esclarecida, dias depois, quando ouvimos, sobre o momentoso problema, o sr. dr. José do Souto Teixeira, director dos Serviços de Farmácia e Comprovação de Medicamentos, da Direcção-Geral de Saúde. A parte essencial: «No caso de a droga em questão ser de fabrico estrangeiro, exige-se, sempre, um certificado oficial em como o produto se vende no país de origem. Junto com os dados científicos, são solicitadas amostras do medicamento, que são analisadas, a pedido da Direcção-Geral de Saúde, no Laboratório da Comissão Reguladora dos Produtos Farmacêuticos, para se avaliar da sua composição qualitativa e quantitativa».

Quer dizer, portanto, que a intervenção do citado laboratório é efectiva, não se limitando os serviços de que depende a uma atitude puramente económica. Todavia, o próprio «Diário de Lisboa», na edição seguinte, levantava o verdadeiro fundo do problema:

«Talvez que o Laboratório da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos com a sua perfeita organização, pudesse colaborar nesta tarefa (defender a população em geral contra as modernas drogas, enquanto não soubermos, de ciência certa, os seus efeitos secundários e tendo, naturalmente, em atenção as necessidades e até a utilidade do ensino e da investigação), não se cingindo apenas às análises qualitativas e quantitativas dos produtos nacionais e estrangeiros, que pretendem entrar no mercado português. Talvez que a sua missão pudesse ser mais complexa, indo até ao campo da experimentação, rodeada de todos os cuidados aconselháveis em tais circunstâncias. Compreendemos o melindre desta matéria, mas zelar pela saúde pública é uma pesada e importante tarefa que se impõe à consideração dos respectivos serviços oficiais».

Parece, assim, bem defendida a responsabilidade da instância oficial de quem depende a autorização para o lançamento dos novos medicamentos, e que é, como sabe-

Term do XV

Na sala de
Internacional
ram hoje os
gresso Nac
que precede
dial do Fog
nhã, no mes
ga até ao di
Os trabalhe

mos, a Dire
Esclarecida,
que nos apro
resta-nos rec
do próprio
Augusto Tra
to, e confiad
boa»:
«Tudo o qu
cidade, inocu
acção farm
ca, é estudad
dutor e rela
apresenta e
são Técnica
tos Também
comprovat
to está a ven
E o que se
meios ao m
para nós de
conhecimento
cação bem fu
os acidentes
vados».



A sr.ª Joan
pital, recup
lhe propor
aos vinte e

SOFREU O NAVI

NOVA YOR
cante de prop
de 22 000 ton
gural entre Y
vannah (Geó
sai da do port
correndo a um
As máquinas a
hora e meia n
Declara-se n
a quem o «Sav
a avaria se ver
gurança elect



Aspecto da assistência á sessão desta manhã

Terminaram os trabalhos do XV Congresso Nacional dos Bombeiros

Na sala de conferências da Feira Internacional de Lisboa, prosseguiram hoje os trabalhos do XV Congresso Nacional dos Bombeiros, que precede o II Congresso Mundial do Fogo, que principia amanhã, no mesmo local, e se prolonga até ao dia 26.

Os trabalhos de hoje começaram

cerca das 10 horas, sob a presidência dos srs. eng. Russo Belo, comandante dos Voluntários de Matosinhos-Leça; Raposo Amado, dos Voluntários de Montemor; comandante Craveiro, dos Voluntários de Odemira; e Moura e Silva, presidente do conselho administrativo da Liga dos Bombeiros Portugueses.

Durante a manhã os congressistas ocuparam-se nos trabalhos de confirmação dos candidatos aos corpos gerentes para 1963-64, da Liga, cuja eleição foi marcada para a tarde. Ocuparam-se, igualmente, do estudo do projecto dos fardamentos, este apresentado pelo conselho administrativo e técnico da mesma Liga.

O sr. José de Jesus Teixeira, comandante dos Bombeiros Voluntários da Ajuda, apresentou ainda, ao Congresso, uma tese subordinada ao tema «Humanitarismo».

De tarde, a partir das 16 horas, procedeu-se á eleição dos corpos gerentes da Liga dos Bombeiros e á confirmação da escolha da cidade da Covilhã para a realização do próximo Congresso, em 1964.

II Congresso Mundial do Fogo

Amanhã, ás 9 horas, os participantes no II Congresso Mundial do Fogo, serão recebidos na Feira Internacional de Lisboa.

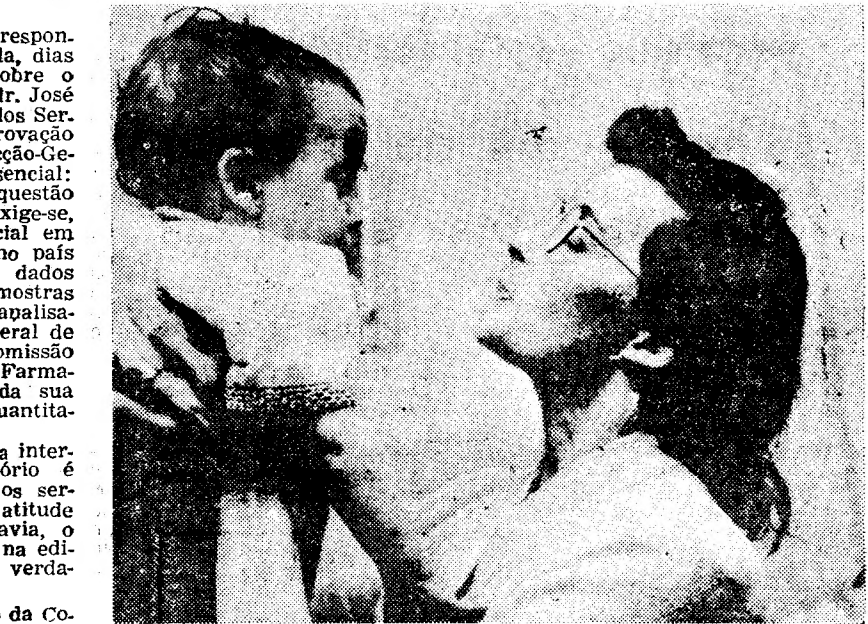
Às 17 horas apresentarão cumprimentos ao ministro do Interior e ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, após o que serão obsequiados pelo Município da capital com um «cocktail», no Castelo de S. Jorge.

a da Talidomida

ocupações que suscitou

mos, a Direcção-Geral de Saúde. Esclarecida, também, esta dúvida, que nos apresenta o nosso leitor, resta-nos recordar-lhe as palavras do próprio director-geral, sr. dr. Augusto Travassos, sobre o assunto, e confiadas ao «Diário de Lisboa»:

«Tudo o que diz respeito á toxicidade, inocuidade, estabilidade e acção farmacológica e farmacêutica, é estudado pelo laboratório produtor e relatado no processo que apresenta e é estudado pela Comissão Técnica dos Novos Medicamentos. Também se exige documento comprovativo de que o medicamento está á venda no país de origem. E o que se pode fazer com os meios ao nosso alcance, e seria para nós de grande importância o conhecimento precoce, em notificação bem fundamentada, de todos os acidentes que possam ser observados».



A sr. Joan Stauton, após delicada operação no Midland Counties Eye Hospital, recuperou a vista, que perdera havia 21 anos. Uma agradável visão se lhe proporcionou: sua filha mais nova, de 15 meses de idade Joan casou aos vinte e um anos, já cega, com Raymond, e deu á luz seis crianças como qualquer mãe normal

SOFREU AVARIA O NAVIO ATÓMICO «SAVANNAH»

NOVA YORK, 21. — O navio mercante de propulsão nuclear «Savannah», de 22.000 toneladas, em viagem inaugural entre Yorktown (Virgínia) e Savannah (Geórgia), teve uma avaria á saída do porto. Prosseguiu a rota, recorrendo a um motor auxiliar á mazute. As máquinas atómicas foram reparadas hora e meia mais tarde.

Declara-se na «States Marine Lines», a quem o «Savannah» foi confiado, que a avaria se verificou no sistema de segurança electrónica. — (F. P.).

União de Freguesias do Concelho de Lisboa

Reuniu-se esta tarde, no Governo Civil, sob a presidência do sr. dr. Osório Vaz, a Comissão Central da União de Freguesias do Concelho de Lisboa, que deliberou sobre vários assuntos respeitantes ás actividades das obras sociais daquele corpo administrativo.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Obteve grande êxito em Aveiro a exibição da Escola de Trânsito da Shell no âmbito da campanha do «Diário de Lisboa»

AVEIRO, 20 (Do nosso enviado)

— Foi um verdadeiro êxito para a petizada da cidade a exibição da Escola de Condução da Shell, no campo desportivo do Beira-Mar. Muitas centenas de crianças, de famílias de várias condições sociais, tiveram a alegria de conduzir, consoante as regras do trânsito, automóveis de pedais e bicicletas, brinquedos com que todas sonham nos anos ingênuos da infância. Afastar-se, já há três dias, as crianças procuravam adivinhar os papéis que lhes caberia representar na dinâmica exibição. Algumas declararam que já conheciam os sinais de trânsito, por lições tomadas dos pais ou de outros parentes. Por aqui se pode avaliar o interesse manifestado pelas crianças to das elas, na sua maioria, entre os oito e os doze anos.

O semanário «Litoral», havia

anunciado, com grande relevo esta prova da Escola da Shell Portuguesa. O numero de inscrições foi de tal modo elevado, que o sr. dr. Rui Correia, representante da Shell, vendo o desgosto dos inscritos, que, por sorteio, não puderam tomar parte na prova, quer como condutores de automóveis, quer como polícias-sinais, ou, ainda como peões e ciclistas, resolveu fazer uma segunda sessão para as crianças que haviam sido excluídas.

O contentamento e a alegria das crianças foi indescrevível.

O publico, que tem acompanhado com interesse a actuação desta escola, já conhece as formalidades do seu funcionamento, a que nos temos referido pormenorizadamente. Apesar do sol quente, o publico afluíu, tomando todas as bancadas. Entre a assistência viam-se muitas senhoras, alegres e sorridentes. Todas se-

ro, sr. Pedro Youd; o representante do «Diário de Lisboa», e o nosso correspondente, sr. António Leopoldo de Cristo.

Começa a prova

Depois de o subchefe da P. S. P. de Lisboa, sr. Carlos Santos, ter dado a primeira lição de sinais de trânsito, através de um microfone, os concorrentes ocupando os respectivos lugares.

Ouve-se um toque de apito. Começam os ciclistas e automobilistas a rodar e os peões a passar nos locais em que o podem fazer. Cinco minutos depois, principiam a ser aplicadas penalidades aos transgressores e explicadas as infracções cometidas e suas nefastas consequências.

Dos 25 participantes desta 1.ª actuação da Escola da Shell, só foram classificados quatro concorrentes:

(Continua na 8.ª página)

UM COMBOIO ESMAGOU UM CARRO — SETE MORTOS

TEMPLE CITY, (CALIFORNIA), 21. — Morreram sete pessoas na noite passada quando um comboio expresso da Southern Pacific esmagou o automóvel em que seguiam as vítimas, arrastando-o durante cerca dum quilómetro á sua frente.

Os mortos tiveram de ser retirados de dentro do carro por brigadas de operários que, com machados de oxiacetileno cortaram a charnaria dos destroços. — (R.).

ORAÇÃO DO AUTOMOBILISTA

ESTOCOLMO, 21. — «Ajuda-me, meu Deus, quando conduzo o meu carro, a amar a próximo como a mim mesmo. Dá aos meus pés a as minhas mãos a força necessária para evitar os acidentes e livra-me da tentação de rivalizar em pericia com os outros automobilistas» — Esta oração será rezada a partir de agora nas igrejas suecas, segundo decisão do Congresso dos Automobilistas Cristãos, que acaba de realizar-se em Joenköeping. — (F. P.).

O regime da Arábia criticado pelo irmão do soberano

CAIRO, 21. — «Somos por uma justa repartição dos rendimentos» — declarou ontem o emir Talal Ben Aziz, irmão do rei da Arábia Saudita, numa entrevista concedida á agência Médio-Oriente.

O príncipe, que acabava de ser recebido pelo presidente Nasser, com o qual discutira «problemas que interessam ao conjunto da Nação Árabe», expôs demoradamente as linhas da política «socialista» que ele e os seus partidários advogam para a Arábia. afirmou, em primeiro lugar, que socialismo e islamismo não são incompatíveis. «Se os dirigentes actuais do nosso país se obstinarem a manter o sistema capitalista, que é contrário á religião, serão por fim contrangidos a optar pelo regime socialista, como sucedeu já em muitos países, mediante desnecessária efusão de sangue».

A GRANDE MAIORIA DA POPULAÇÃO VIVE NA MAIS PROFUNDA MISÉRIA

A Arábia, disse ainda o príncipe, possui, além do petróleo, numerosas riquezas ainda por explorar e que podiam torná-la num dos países mais ricos do mundo árabe. Mas 70 por cento do rendimento actual «vão enriquecer os ociosos, enquanto a grande maioria da população vive na mais profunda miséria. Assim, o rei Ibn Saud arrecada 166 milhões de rials por ano e os seus filhos cerca de 18 milhões cada um».

O príncipe recomendou seguidamente que a Arábia receba 75 por cento do preço do seu petróleo, «como o propõem as companhias japonesas», e afirmou: «Procuramos unicamente a interesse do povo árabe e o futuro demonstrará até que ponto lhe somos fiéis». — (F. P.).

guiam com vivo interesse a actuação dos seus filhos. Muitos pais, munidos de máquinas, fotografavam os pequenos condutores. A assistência agitava as bandeirinhas de papel branco, oferecidas pela Shell Portuguesa, com as legendas adequadas á Campanha de Segurança Rodoviária.

Ao acto presidiu, como representante do governador civil de Aveiro, o sr. dr. António Joaquim Lopes, secretário do Governo Civil, ladeado pelo tenente da Armada, capitão-mor sr. José Luzio, como representante do capitão do porto; inspector da Shell, da zona de Avei-

HOMEM MORTO por questões de ciúmes no Monte Cabeça da Serra

OURIQUE, 21. — Uma velha história de amor, que um dos seus protagonistas pretendia reavivar, terminou em tragédia, emocionando, vivamente, a população deste concelho. A cena ocorreu, ontem, á noite, em circunstâncias dramáticas, do que resultou a morte de um indivíduo de nome José Julião, atacado, a pau e a machado, pela sua ex-namorada, Maria José Ernesto, e pelo marido desta, José Inácio.

Mas, contemos a origem da tragédia: Maria José Ernesto, residente no Monte Cabeça da Serra, desta freguesia de Ourique, teve namoro, há 19 anos, com José Julião, também ali residente, do qual resultou um filho, que hoje conta essa idade. Há 10 anos, porém, Maria Ernesto contraiu matrimónio com José Inácio, trabalhador, também residente no mesmo lugar, de quem tem, agora, quatro filhos, o mais velho de 8 anos de idade. Uma vez casada a Maria Ernesto começou a ser assediada pelo antigo namorado, também já casado, por sua vez, com outra mulher, da qual existem dois filhos, o mais velho com 14 anos.

Durante muito tempo, a requestada nada disse ao marido

Apesar de insistentemente procurada pelo José Julião, a requestada suportou as propostas amorosas daquele, durante muito tempo,

sem nada dizer ao marido. Até que no dia 15 do corrente, não podendo resistir mais, tudo lhe contou.

Ontem, eram 22 horas, o Julião acercou-se da casa da antiga namorada, fazendo-lhe sinais luminosos, com um isqueiro. Esclarecido do que se passava, o José Inácio saiu do seu domicílio, acompanhado da mulher, e ambos armados (ele, com um pau; e ela, com um machado), atacaram o insólito visitante que ficou prostrado, com ferimentos vários. Em seguida, a Maria Ernesto dirigiu-se á residência do sr. António João Simões, proprietário e residente ali perto, a quem contou o sucedido.

O ferido faleceu a caminho do hospital

Aquele proprietário saiu imediatamente, em socorro da vítima, tendo-o conduzido, no seu automóvel, para o hospital desta vila, após o que participou a triste ocorrência ao comandante do posto local da G. N. R.

Devido á gravidade do seu estado, o ferido foi mandado transportar para o hospital de Beja, mas, faleceu no caminho, ainda dentro da área deste concelho, próximo da povoação de Grandão.

O comandante do referido posto da G. N. R. prendeu, depois, em casa, o casal, que não ofereceu resistência, estando, agora, a ser instaurado o processo que há-de ser remetido a Juízo.

A Campanha de Segurança Rodoviária

Educação e fiscalização

com disposições severas

— sugerem dois leitores

Sem comentários, transcrevemos as cartas de dois leitores: «Tenho acompanhado com o maior interesse a campanha do «Diário de Lisboa» sobre os problemas da segurança na estrada. Vi que Portugal é o país onde, relativamente, morrem mais peões nas rodovias. Viajo muito pelo Norte e reconheço que os peões e os ciclistas têm imensa culpa nos desastres que se dão. Mas há condutores, sobretudo de camionetas, que também são muito culpados, pois não respeitam sequer as tabuletas que levam nos veículos indicando os limites de velocidade, a que podem andar.

Ora, para se evitarem estas faltas, seria precisa uma vasta fiscalização e a P. V. T. e a P. S. P. não têm recursos para a poderem fazer nessa escala. É-lhes, materialmente impossível conseguir-lho, a não

ser que se ampliassem os quadros de agentes de brigadas móveis da P. V. T. e fossem aumentados os seus limitados orçamentos. Por isso, de momento, deveria facilitar-se a fiscalização a elementos oficiais, a paisana, pois só assim os condutores terão receio de qualquer carro que os acompanhe. Por exemplo, poderiam fazer essa fiscalização: funcionários categorizados das Camaras Municipais, das Finanças, dos Tribunais, etc. Se um polícia, pode participar, porque o não deverá fazer o notário, o chefe de secretaria da Camara, o chefe da secção de Finanças, etc.?

Tal fiscalização seria intensa e produtiva. Os condutores teriam mais cuidado e as transgressões diminuiriam. Por outro lado, seriam apanhados muitos mais, o que serviria de exemplo aos outros, ao

mesmo tempo, de permanente prevenção.—António Valente (Porto).
Apreensão de veículos e cadeia para os peões

«Aplaudo incondicionalmente a vossa campanha e não tenho palavras que possam expressar o meu contentamento quando li no «Diário de Lisboa» que era preciso encarar-se, a sério, o problema da educação rodoviária através do seu ensino nas escolas e liceus. Parece-me que deve ser exactamente por aí que se aconselha a começar. As campanhas são uteis e os seus efeitos sentem-se efectivamente durante e após elas. Mas é preciso estendê-las a um nível mais amplo, com vista ao futuro. Por isso, a ideia do «Diário de Lisboa» ao preconizar tal ensino é magnífica e de grande alcance.

A falta de respeito mutuo, a imprudência, enfim, tudo aquilo que está na origem de um acidente, podia ser combatido e neutralizado com a educação, já que o civismo é coisa ardua em muita gente.

Para já, nas escolas primárias impõe-se que o professor incute no espírito da criança o bom cumprimento das regras do trânsito, pois os pais não lhes falam nisso, ou por não se lembrarem e as desconhecem também, ou por falta de tempo, como é natural e compreensível. Também é preciso que haja mais respeito pela criança. Vi em países europeus que já visitei, esse respeito. Quando uma criança quer atravessar uma rua, os carros param imediatamente, o mesmo se verificando com as senhoras que conduzem carros de bebés. Enfim, mais uma questão de educação.

Enquanto a não houver, terá que lançar-se mão de medidas energéticas. Não me refiro a simples apreensão da carta de condução, mas também a apreensão dos veículos (que seria um castigo exemplar) e para os peões cadeia e multa pesada.—Alfredo Solas (Amaral).

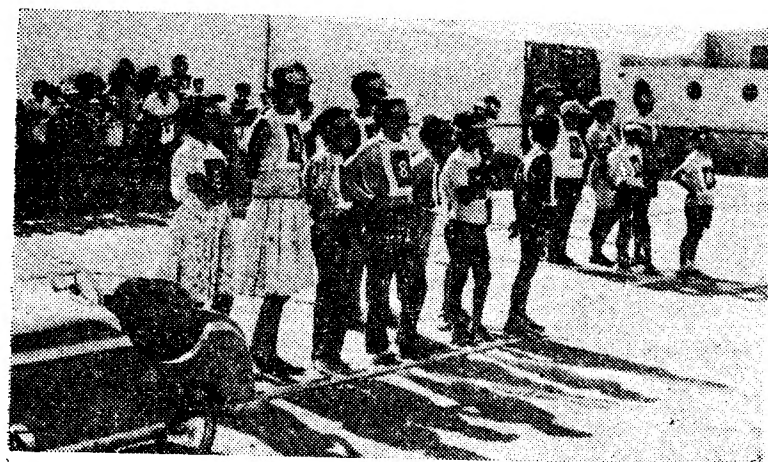
Será você um bom automobilista?

Nem todo o bom condutor é um bom automobilista. Para o ser, não basta apenas saber conduzir ou fazê-lo de forma brilhante. Outras qualidades se lhe exigem, tais como prudência, educação, bom-senso, respeito pelo semelhante...

1. — Tem à mão, no seu veículo, lampadas eléctricas de substituição?
2. — Se o seu carro derrapar, tem a noção de que poderia ter agido utilmente, para evitar um choque ou reduzir o desgaste dos pneus e engrenagens?
3. — Sabia que a distância susceptível de paragem da viatura cresce proporcionalmente, elevada ao quadrado da velocidade em que rola?
4. — Tem tendência para acelerar quando o sinal luminoso passa a cor amarelo-laranja?
5. — Sabe olhar à direita, para evitar o encandeamento de luzes, à noite?
6. — Sabe que aumenta a aderência a pisos gelados ou húmidos esvaziando ligeiramente os pneumáticos?
7. — Possui um exemplar do Código da Estrada e relê-o, de vez em quando?
8. — Faz verificar, periodicamente, a pressão dos pneus?
9. — Se o seu carro se avariar, será capaz de fazer algumas reparações simples (alumagem, bomba aspiradora da gasolina, filtro do carburador...)?
10. — Tem um par de óculos de sol no «cofret» do seu carro?
11. — Regula o banco do automóvel quando o julgue necessário, mesmo que tenha de fazer apenas alguns quilómetros?
12. — Inquieta-se com a visão lateral?
13. — Sabe quando é que o seu veículo não está em boas condições?
14. — Para, se sente sono, mesmo que lhe falem apenas uns 10 quilómetros a percorrer?
15. — Manda regular os faróis, pelo menos uma vez por ano?
16. — Assusta-se quando lhe falta a acuidade de visão ao longe?
17. — Sabe qual é a função do diferencial num carro?
18. — Sabe que é preciso ligar as luzes de código quando há nevoeiro?
19. — «Toca na madeira» quando se fala de acidentes?
20. — Faz muitos quilómetros sem que se aperceba que o espelho retrovisor está mal regulado?
21. — Irrita-se com facilidade?
22. — Já pregou alguma «partida» a um automobilista, que o tenha merecido?
23. — Tem preocupação com a sua saúde?
24. — Costuma acontecer-lhe encontrar um sinal de trânsito novo, ou que desconhece?
25. — Parece-lhe, com frequência, que os outros conduzem mal?
26. — Coloca-se no grupo dos que podem beber álcool sem que lhe faça mal?
27. — Usa palavras «enérgicas» para os que cometem erros em estrada ou rua?
28. — Pensa que as mulheres conduzem pior que os homens?

Some o total dos pontos e junte-lhe, contando por um, as faltas (mesmo ligeiras) que cometeu ao conduzir.

Se não tiver nenhum ponto, com certeza que mentiu a si próprio. Com menos de 5, considere-se um optimista exagerado e... perigoso. Se tem menos de 8, merece felicitações: é um automobilista consciente, competente e seguro, mas desconfeite dos outros. Se o total estiver entre 8 e 12, pode ter uma razoável confiança em si mesmo e nas suas qualidades de condutor. Entre 13 e 15, deve fazer um esforço por melhorar e ter mais atenção ao conduzir. Acima de 15, aconselha-se a completar os seus conhecimentos a aprender a conduzir melhor, ou, então, desista de o fazer.



Um grupo de crianças seleccionadas aguarda o momento de prestar provas

A exibição em Aveiro

(Continuação da página central)

José Domingos Cravo e Francisco Teixeira Raposo, ambos de 9 anos (automobilistas); Manuel Carvalho, de 14 anos (ciclista), natural do Brasil, em gozo de férias em Aveiro, filho do sr. dr. Izires de Carvalho, médico, e da sr.ª D. Ermelinda de Carvalho; e Maria da Glória Vieira, de 12 anos, actuando como peão.

Os prémios da Shell foram entregues aos classificados pelo representante do governador civil.

Nesta prova não foi apurado nenhum sinalheiro, pois todos eles ma-

licadeza com que atendia os clientes que se iam abastecer de carburante. A graça com que tirava o tubo de enchimento e a maneira como imitava os funcionários destes serviços captou a atenção de todos os espectadores. Levava a mão à pala do boné e até auxiliava os condutores, fazendo o sinal de passagem livre.

No final, todos os classificados e inscritos tomaram um refrigerante «Fanta», oferecido por esta empresa.

As próximas exposições

Hoje, a Escola de Trânsito da Shell, integrada na III Campanha de Segurança Rodoviária do «Diário de Lisboa», apresenta-se na Figueira da Foz, ao fim da tarde.

Amanhã, estará em Cascais, para uma exposição no ringue do Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, às 16 e 30.

As outras demonstrações: Sintra, na quinta-feira, no ringue de patinagem da Praia das Maças.

Costa da Caparica, na sexta-feira, no campo «Comandante Henrique Tenreiro», do G. D. da Casa dos Pescadores.

Setúbal, no sábado, no estádio do Vitória.

O espectáculo de domingo, no ringue de patinagem do Clube Desportivo de Paço de Arcos, realiza-se às 21 e 30.

Inauguração

de duas montras no Porto

PORTO, 21. — A Sociedade de Tecidos Confiança, inaugurou ontem duas montras, com expressivas fotos e documentação valiosa e elucidativa sobre a nossa campanha de segurança no trânsito, á qual aquela firma dá assim o seu valioso apoio.

O publico detém-se perante as montras daquele importante estabelecimento da Rua de Santa Catarina, interessando-se pelos motivos expostos, apresentados de forma artística, como é timbre daquela casa.

A Imprensa do Porto e a nossa campanha

A propósito da exibição da Escola de Trânsito no Porto, tiveram palavras muito amáveis para com a nossa iniciativa da III Campanha de Segurança Rodoviária os nossos prezados colegas do Porto, que inseriram nas suas colunas desenvolvidas reportagens da demonstração. «O Primeiro de Janeiro», «Jornal de Notícias», «O Comércio do Porto» e «Diário do Norte» deram ao facto o relevo devido.

Sobre o espírito e finalidades destas realizações, escreve «O Comércio do Porto»:

«Integrada no âmbito da III Campanha de Segurança Rodoviária, proveitosa iniciativa do nosso prezado colega «Diário de Lisboa», foi, ontem, de tarde, apresentada, no terreno fronteiro ao Pavilhão dos Desportos, a Escola de Trânsito da Shell, que redundou num êxito e resultou numa util lição sobre as regras do trânsito, da qual muito aproveitaram as vinte e cinco crianças nela inscritas e o publico numeroso e interessado que ali compareceu.

«Depois de Leiria e Coimbra terem assistido á realização destas exposições — demonstrações da aludida Escola de Trânsito, coube, agora a vez ao Porto. De notar, o alto alcance de que se reveste esta iniciativa, que visa contribuir para uma maior e indispensável disciplina de trânsito, pois só assim será possível fazer diminuir a série negra de acidentes que, diariamente, se verificam nas estradas do País».

O Código da Estrada impõe aos condutores de veículos e de animais regular a sua velocidade segundo as dificuldades de circulação e tendo em conta obstáculos imprevistos. Em muitos casos, a sinalização rodoviária indica a velocidade a que pode rolar-se.

Muitas vezes, estas placas indicam duas velocidades: uma para os carros pesados, outra para os ligeiros.

Estes números, porém, não entram em linha de conta com as possibilidades de travagem de todos os veículos nem com a imprudência de certos peões ou condutores. Por isso, estes limites terão que ser impostos pelo condutor a si mesmo, tendo em atenção esses factores.

Quadros coloridos com sinais de trânsito nas escolas primárias

Numa edição da Shell Portuguesa, em colaboração com o «Diário de Lisboa», estão publicados alguns milhares de grandes quadros coloridos com os sinais de trânsito, numa iniciativa integrada nesta III Campanha de Segurança Rodoviária. Destinam-se a ser distribuídos pelas escolas primárias do País, a fim de familiarizar a criança com as regras essenciais do tráfego rodoviário.

Nisto reside um factor importante para se acautelar o futuro e as gerações jovens contra a tragédia que paira nas nossas estradas. O ensino dessas regras deve fazer parte integrante da instrução, como já se faz em vários países, nomeadamente na França, por se saber que deverá

partir dos bancos da escola a educação de uma nova mentalidade, capaz de aligeirar o panorama negro do acidente.

Assim, ac tomar esta iniciativa julgamos contribuir, em certa medida, para esse fim.

Oportunamente, se dirá como vai fazer-se a distribuição dos quadros coloridos, apresentados de forma muito sugestiva e simplificada.

NÃO DEVE ESTACIONAR...

- 1 — Quando uma placa de sinalização lho proíba.
- 2 — Numa curva, perto de um cruzamento ou entroncamento, numa lombagem.
- 3 — Nas pontes, viadutos, tuneis e passagens de nível.
- 4 — No local destinado aos veículos de transportes colectivos.
- 5 — Quando prejudicar a circulação normal.
- 6 — Em todos os locais considerados perigosos, tanto para o seu veículo, como para os que circulem.
- 7 — Em frente de portas e portões, na medida em que prejudique a manobra dos veículos que queiram entrar ou sair (garagens, quintas, quartéis, de bombeiros, «stands», etc.).
- 8 — Nos sítios onde o Código de Estrada o proíba.

Cintos de segurança

Vai publicar-se, na Grã-Bretanha, um decreto que torna obrigatório o uso do cinto de segurança nos automóveis, pois está demonstrado que tal prática pode evitar uma grande percentagem de acidentes mortais dos condutores e seu acompanhante, no banco dianteiro do carro.

Ao mesmo tempo, anunciam de Itália que as fábricas Fiat decidiram equipar todos os carros do seu fabrico com os cintos de segurança, no que se refere aos modelos 1300, 1500, 1800 e 2300. Trata-se de duas medidas acertadas para se evitar a multiplicação do acidente rodoviário.

O «Diário de Lisboa» é vendido por Martinho Fontinha, em ANADIA, no «Café Anadia».

Num recente estudo da O. N. U. verifica-se que os troços de estrada mais perigosos, tendo em vista o numero de acidentes mortais neles ocorridos, são os seguintes:

	Porcentagens
Rectas	47
Cruzamentos e bifurcações	29
Curvas	12
Descidas	7
Lombas	2
Passagens de nível	2
Afunilamentos	1

nifestaram grande falta de atenção ás missões de comando do trânsito. A assistência aplaudiu os premiados.

Classificados na segunda actuação

Automobilistas: Emília Maria da Maia Romão, de 13 anos; Fernando da Silva Vinagre, de 11 anos; e António de Maia Martins, de 12 anos. Ciclistas: João de Matos Marques Ribeiro, de 12 anos; e Luís Manuel dos Reis Vinagre, de 12 anos. Sinalheiro: Carlos Filipe Correia Dias, de 9 anos. Peão: José Teixeira da Silveira, de 8 anos.

Também foi louvado e premiado um pequenito de 8 anos, António Norberto da Silva Calisto, que se encontrava no posto abastecedor da Shell (em miniatura), colocado no recinto, pela graça, aprumo e de-

A atitude do Comité dos Sete

(Continuação da 1.ª página)

dos Sete viajou pelo continente africano. Durante a sua permanência em África, foram tomadas atitudes e proferidas declarações que não deixam subsistir a menor dúvida sobre o pensamento tendencioso que anima a maioria dos membros do Comité e os propósitos em que os mesmos se encontram de servir interesses alheios à verdade, à justiça, e ao bem-estar dos povos, além de revelarem um absoluto desrespeito pela Carta da O. N. U. Terminou o Comité dos Sete a elaboração do relatório destinado à Assembleia Geral e, por informações em seu poder, sabe já o Governo Português que se trata de

um documento que confirma quanto acima se diz, e onde nem sequer se procura salvaguardar a aparência de um mínimo de imparcialidade e objectividade. Nestas condições, e não sendo lícito submeter a dignidade do país a uma cooperação com o Comité dos Sete que por outro lado seria inútil em face dos objectivos pré-determinados que o Comité prossegue, foi enviada ao seu presidente em 11 de Agosto corrente uma nota definindo a posição do Governo Português perante aquele.

«Para conhecimento geral, publicam-se a seguir os textos das cartas do Comité, de 19 de Abril, e do Governo Português, de 11 do corrente».

A carta de Zenon Rossides

A carta enviada, em 19 de Abril, pelo embaixador Zenon Rossides, presidente do Comité Especial para os Territórios sob Administração Portuguesa, ao sr. dr. Franco Noqueira, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, é do seguinte teor:

«Excelência: Tenho a honra de acusar a recepção da sua carta de 23 de Março de 1962, que me foi dirigida pessoalmente e que não deixei de comunicar ao Comité Especial para os Territórios sob Administração Portuguesa como seu presidente.

Em resposta aos seus pedidos de esclarecimento, transmitem-se em nome do Comité os comentários e observações seguintes:

Os poderes do Comité Especial para ouvir petiçãoários dos territórios sob administração portuguesa, ou para visitar os territórios em questão, derivam da resolução 1699 (XVI) da Assembleia Geral, que criou o Comité. Estaria fora da alçada deste Comité discutir a validade daquela resolução, bastando declarar que nem a Carta nem o Regulamento restringem de qualquer forma a autoridade da Assembleia Geral nesta matéria.

Quanto à sua preocupação, no que respeita à resolução 1542 (XV), permito-me observar que, embora nenhuma referência particular lhe tenha sido feita na minha carta de 13 de Março, aquela resolução encontra-se obviamente entre as que são fundamentalmente relevantes para o trabalho do Comité, uma vez que é expressamente mencionada na resolução 1699 (XVI). Apres-me verificar pela sua carta,

no entanto, que o seu Governo, não obstante haver votado contra a referida resolução 1542 (XV), lhe atribui devida importância, pelo menos no que toca à enumeração dos «territórios não-autónomos sob administração portuguesa». De facto, a sugestão contida na sua carta relativamente à nossa visita a Goa é feita ao abrigo daquela resolução, que inclui Goa e dependências entre os territórios sob administração portuguesa e que, assim, o seu Governo necessariamente aceita. Considerando que, quando da aprovação daquela resolução, não havia, segundo as leis de Portugal, diferenciação constitucional entre Goa e os restantes territórios enumerados, deduz-se logicamente, que aquilo que nessa resolução se considera como aplicável a Goa pode igualmente ser aplicado aos outros territórios nela enumerados.

Se, em conformidade com o que precede o seu Governo desejasse facilitar a nossa visita aos territórios não-autónomos, sob a sua administração, o Comité visitaria aqueles territórios que são mencionados na citada resolução, os que em sua opinião considerasse necessários para o cumprimento do mandato que recebeu da Assembleia Geral.

Em conclusão, Excelência, desejaria exprimir a esperança de que um primeiro passo construtivo num esforço de cooperação — sentido de uma solução pacífica e justa do problema, nos termos da Carta das Nações Unidas, possa ser dado por Portugal no interesse de todas as partes interessadas.

Aceite Excelência, a segurança da minha mais alta consideração».

A resposta do ministro dos Negócios Estrangeiros

Com data de 11 de Agosto, respondeu o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros ao sr. embaixador Zenon Rossides, com a seguinte carta:

«Tenho a honra de acusar a recepção da carta de V. Ex.ª de 19 de Abril de 1962 e de agradecer os esclarecimentos que são prestados quanto às dúvidas suscitadas na carta do Governo Português de 23 de Março último.

2. Lamento informar V. Ex.ª de que tais esclarecimentos têm de ser considerados insuficientes e justificam, por outro lado, as observações que seguem.

3. Nota-se, em primeiro lugar, que o Comité dos Sete se recusa a discutir a resolução 1699 (XVI), afirmando a sua incompetência para apreciar a validade da mesma, que parece aceitar, aliás, sem convicção. O Governo Português estranha a atitude de deste modo o Comité assume e que poderá implicar alguma dúvida, por parte do próprio Comité, quanto à procedência do mandato que lhe é atribuído. Todavia, em flagrante contraste com esta atitude prudente, o Comité Especial não hesita em se julgar apto a interpretar e, portanto, a discutir a resolução 1542 (XV), que o Governo Português citou, uma vez que o Comité exprime a intenção de observar apenas na medida em que o entender e de lhe impor as limitações arbitrárias que julgar úteis à prossecução dos objectivos que se propõe. Pensava o Governo Português que as resoluções 1699 (XVI) e 1542 (XV) tinham igual valor, e que o Comité dos Sete se encontrava obrigado a respeitar ambas. Por que indica ser outro o seu ponto de vista deseja-se saber em que se baseia o Comité para, por sua própria iniciativa, cumprir uma resolução e desobedecer à outra. E esta posição do Comité torna-se tanto mais surpreendente quanto é certo que, por outro lado, invoca a mesma resolução 1542 (XV) contra o Governo Português, e pretende que este

se submeta ao texto na sua totalidade, enquanto o Comité se avoca discricionariamente a liberdade de ignorar consoante os seus desejos. Não pode o Governo Português deixar de rejeitar uma tal posição.

4. Em segundo lugar, observa-se que o Comité, a propósito da sugestão da sua visita a Goa, recorre à própria lei portuguesa para concluir que, se o Comité deve, na opinião do Governo Português, deslocar-se a aquele território, também deveria na opinião do Comité, ser autorizado a visitar os demais territórios ultramarinos portugueses, dado ser idêntica a relação constitucional existente entre qualquer dos mesmos e a Metrópole Portuguesa. Não julga o Governo Português pertinente nem válida esta argumentação. Se o Comité invoca a lei portuguesa, terá então de aceitar esta na sua integralidade, e o facto inibiria desde logo o Comité de qualquer actividade. Se o Comité invoca as resoluções da Assembleia, também deverá acatá-las com idêntica integralidade, tanto mais sendo de presumir que todas devem constituir lei para o Comité e, nesse caso não se vê como este poderá aceitar uns textos e rejeitar outros. Reconhece-se que o Comité exprimeu a vontade de visitar alguns territórios portugueses; mas não está o Governo Português consciente de que tenha expresso igual desejo quanto a Goa; e o facto, só por si, documenta o bom fundamento das alegações precedentes. Parece ao Governo Português, todavia, que os intuitos do Comité consistem em poder argumentar umas vezes com a lei portuguesa e outras vezes com as resoluções da Assembleia, extraindo de uma e de outras, consoante as conveniências, as disposições que mais se afeiçoarem aos objectivos premeditados que o Comité se propõe prosseguir. Também neste ponto o Governo Português se vê obrigado a rejeitar uma tal atitude.

gado a rejeitar uma tal atitude.

5. Finalmente, e sob outro aspecto, tem o Governo Português procurado seguir as actividades do Comité dos Sete, e, por isso, em relação a aquelas, pretende também formular alguns comentários que julga apropriados.

6. Ao comentar a carta do Governo Português, de 23 de Março último, em que se indicava a necessidade de uma visita a Goa, o Comité, conforme o afirmou no comunicado de imprensa, de 11 de Abril de 1962, considerou tal sugestão como «humorística». O Governo Português abstém-se de apreciar a dignidade deste qualificativo. Mas estranha que o mesmo seja aplicado a uma situação em que se verificou agressão e violação das normas da Carta, e que põe em causa os destinos e a liberdade de centenas de milhares de pessoas. Esta atitude de novo documenta a parcialidade do Comité, e bastaria para se concluir pela inviabilidade de cooperação com o mesmo. Por outro lado, alguns dos membros do Comité, que visitaram certo número de países em África, fizeram declarações públicas que decerto comprovam igual parcialidade, além de demonstrarem o desprezo completo pela legalidade e a demagogia emocional que presidiu à actividade daqueles membros do Comité. Deseja o Governo Português salientar somente a declaração feita pelo delegado da República da Guiné, sr. Achkar Marof, do teor seguinte: «Portugal tem de abandonar a África por quaisquer meios, pacíficos ou não».

(«La Nation Africaine», de 15 de Junho de 1962). Não sabe o Governo Português como conciliar esta declaração com os princípios pacifistas que informam a Organização das Nações Unidas; e como não foi desmentida ou esclarecida pelo Comité tem de entender-se que este a subscreve e que a declaração representa o animo e as intenções do Comité no seu conjunto ou, pelo menos, da maioria dos seus membros. Constitui matéria de conhecimento geral, até talvez entre os membros do Comité, que ao mesmo delegado da República da Guiné, na sua qualidade de presidente, em exercício, durante a visita a África, foram feitos numerosos depoimentos contrários ao espírito que anima a maioria do Comité, designadamente por parte de goeses que declararam considerar-se escravizados e não libertados pela recente agressão indiana contra Goa. Mas de tais factos não se encontra nas declarações e actividades do Comité qualquer reflexo. O Governo Português já se não surpreende, mas não pode eximir-se a sublinhá-lo. Por último, e segundo o comunicado de imprensa de 30 de Julho último, o presidente do Comité, com a aprovação da maioria deste, entendeu que o Comité, não obstante o disposto na resolução 1542 (XV), não tinha de se ocupar de Goa e de S. João Baptista de Ajuda, porque tais territórios estavam fora do mandato do Comité, uma vez que se encontravam agora nacionalmente integrados». O Governo Português deseja saber se tais territórios, antes de serem vítimas de uma agressão, não estariam já nacionalmente integrados; pergunta-se o Comité considera que em favor de certas nacionalidades ou soberanias existe um direito inerente da anexação violenta e integração, que é recusado a outras nacionalidades ou soberanias, decerto havidas por inferiores pelo Comité; e por último pretende-se saber se o Comité entende que a agressão constitui meio legítimo de mudança de soberania, substituindo os princípios de autodeterminação e de expressão livre da vontade das populações, conforme a lei formulada pela Assembleia Geral e a que se julga que o Comité deveria obedecer. O Governo Português prefere abster-se de caracterizar uma tal atitude do Comité.

7. Nestes termos, tem o Comité documentado, para além de qualquer dúvida, a sua incapacidade absoluta de realizar um trabalho construtivo, imparcial, objectivo, e patenteado o seu decidido propósito de obedecer a interesses e pontos de vista que nada têm de comum com a verdade, a justiça e os princípios da Carta da O. N. U. Como Governo responsável que se determina pelos princípios da legalidade, da justiça e do bem-estar dos povos, não pode o Governo Português assumir para com o Comité uma atitude diferente da que tem adoptado até hoje, reiterando por isso as reservas já anteriormente formuladas.

Aproveito a oportunidade para lhe apresentar, sr. embaixador, a expressão da melhor consideração.

DIÁRIO escolar

Em demanda da escola moderna

Algumas deficiências da escola actual e solução para esses problemas

Deficiências	Soluções
1. Nada ou quase nada de coesão entre as diferentes actividades da criança.	1. Aplicação de um programa de ideias associadas; estudo da criança e do ambiente em que vive.
2. Pouco conteúdo no ensino em relação com os interesses fundamentais da criança e da sua evolução.	2. Emprego do método dos centros de interesse.
3. Lições excessivas com temas e finalidades totalmente diferentes.	4. Divisão das matérias de ensino tendo em conta as grandes funções psicológicas: Observação, Associação e Expressão.
4. Divisão das disciplinas sem ter em conta o processo do pensamento na criança.	5. Quantidade de matérias apropriadas aos diversos grupos estabelecidos.
5. Na maior parte das disciplinas excede-se a capacidade de assimilação e de memória da maioria das crianças.	6. Preferência dada aos métodos intuitivos, activos e construtivos.
6. Predomínio das disciplinas que podem ensinar-se pelo procedimento verbal.	7. Actividade pessoal favorecida pela prática dos trabalhos manuais (diversos exercícios em relação com os centros de interesse) e pelo emprego de jogos educativos.
7. Falta de exercícios que deem motivo à actividade pessoal e espontânea da criança.	

Estabelecimentos de ensino secundário da Guarda e Famalicão

Aumentam de ano para ano os problemas das direcções dos vários estabelecimentos de ensino da Guarda, dada a enorme concorrência de candidatos aos exames de admissão (mais de 800 no liceu e mais de 500 na nova escola técnica). A este numero exagerado dever-se-á, ainda, acrescentar o daqueles que nos mesmos estabelecimentos de ensino continuam os seus estudos. Este problema mantém-se há tempos, agravado, ano a ano, pelo aumento do numero de candidatos ao ensino e apesar da criação da Escola Técnica e pela flagrante exiguidade das instalações. Impõe-se a construção urgente do novo liceu e da escola técnica.

Escola Industrial e Comercial de Famalicão

Com capacidade para 1400 alunos, compreendendo 58 salas de aulas, oficinas, laboratórios e outras de-

pendências, encontra-se em adiantado estado de construção o novo edifício para a Escola Industrial e Comercial de Famalicão, cujo acabamento permitirá satisfazer as necessidades do ensino secundário técnico local.

CONCURSO para catedrático do Instituto Superior Técnico

Foram admitidos ao concurso para provimento do lugar de professor catedrático da cadeira de Mecânica Racional do Instituto Superior Técnico os seguintes candidatos: drs. António César de Freitas e Manuel Neto Murta e engenheiro José Maria Peres de Quadros e Costa.

Novos assistentes de Medicina

Foram contratados: para primeiros assistentes das cadeiras de Deontologia e de Patologia Geral da Faculdade de Medicina de Coimbra os drs. Manuel Miranda Ramos Lopes e António José de Amorim Robalo Cordeiro; e para segundo assistente de Propeútica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Lisboa o dr. Luís Augusto Osório Leite de Noronha.

NIAGARA LINE CONCORDIA LINE

(LINHA DOS GRANDES LAGOS)

Rotterdam

Haugesund

Anunciam os seguintes navios que carregarão em LISBOA para

— MONTREAL

— CLEVELAND

— TORONTO

— DETROIT

— HAMILTON

— CHICAGO

— MILWAUKEE

(e outros portos se convierem)

«PRINS MAURITS» em 30 de Agosto

«HAUKEFJELL» em 10 de Setembro

«BINDAL» em 22 de Setembro

«RUTENFJELL» em 29 de Setembro

PODENDO ACEITAR CARGA DE FRIGORIFICO

Wiese & Ca. Lda.

Telefs. 34331/5 e 35111/2 — Rua do Alecrim, 12-A — LISBOA-2

CRÓNICA CINEGÉTICA

O ANTEPROJECTO DA LEGISLAÇÃO DA CAÇA—7

Continuemos a apreciar as sugestões apresentadas pelas três Comissões Venatórias Regionais acerca do anteprojecto a que temos feito referência nas anteriores crónicas pois trata-se de um trabalho a todos os títulos merecedor dos mais rasgados encómios, não só pela série de conhecimentos que divulga como pelas verdades que encerra.

O § 1.º deste artigo (n.º 51 do decreto-lei n.º 39931, de 24 de Novembro de 1954), estabelece porém ainda o seguinte: Com vista a acutelar devidamente os interesses das populações, os requerimentos serão objecto de informação da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Agrícolas, que incidirá especialmente sobre: superfície da propriedade, ou parte da propriedade, para que é requerida a reserva; relação entre as áreas já reservadas para a caça e pesca no concelho ou concelhos em que se situa a propriedade e limitrofes e a área total dos mesmos; localização da propriedade em relação às reservas já concedidas e aos centros populacionais.

A priori, parece que em face de tais disposições estariam devidamente acatadas aquilo que a própria lei, embora vagamente, parece querer reconhecer como sendo «os interesses das populações», porém tal não se verifica, nem jamais se verificou, com a forma como, por todo o País, e designadamente no Alentejo, se estão a conceder reservas de caça e pesca em propriedades, que ao abrigo destas disposições legais se submetem ao regime de simples polícia florestal, unicamente porém com a finalidade de proibir nelas a caça, às populações do País, num benefício exclusivo para os proprietários desses terrenos que, na maioria dos casos, aproveitam tal regalia para, vendendo o direito de caçar nessas propriedades, auferirem lucros de centenas de contos com esses arrendamentos, em prejuízo manifesto dos interesses das populações dessas regiões, que na caça encontram — a par de um exercício salutar, um divertimento natural que os afastava de outros meios menos benéficos como tabernas, etc. — um meio fácil de proverem e variarem, durante parte do ano, as suas necessidades alimentares.

O que se está a passar em todo o País é elucidativo.

Submetem-se ao regime de simples polícia florestal grandes áreas — algumas onde nem sequer é possível a execução de um plano florestal, tão bravias e inóspitas são, como por exemplo certas propriedades das margens alcantiladas do rio Guadiana — e concede-se-lhes a reserva de caça, sem que sequer tenham tentado pôr em execução o plano florestal a que se obrigam para poder obter a concessão da reserva de simples polícia florestal: outra coisa não era de esperar, desde que o objectivo principal do pedido de submissão ao regime de polícia florestal constitui apenas o desejo egoísta de oportunamente conseguir a possibilidade de proibir, nestes terrenos, o exercício da caça aos povos da região e auferir grandes réditos — que ficam livres de contribuições do Estado — pelo aluguer de tal direito a pessoas ricas ou abastadas.

Consegue-se assim, sofisticadamente, atrair ao espírito da lei citada e os mais elementares princípios que têm regido, através de muitas centenas de anos, o nosso direito venatório. A pouco e pouco vão-se cercando os direitos dos povos de caçar livremente, direitos que pelo menos foram pugnados pela grei e reconhecidos, quer em Cortes quer em Camaras Legislativas, e constituem uma tradição destes povos, que a realza sempre soube respeitar e acatar.

Objecta-se também às vezes que, sem reservas de caça particulares, a caça deixaria de existir no País, como se para haver caça na justa medida não houvesse também outras formas de a proteger e ainda como se não fosse preferível haver menos caça para todos do que muita apenas... para alguns.

Tem-se alegado que tais reservas são concedidas numa percentagem mínima da área dos respectivos concelhos, mas em alguns casos, como no concelho de Estremoz e nos limitrofes de Arraiolos, Borba, Vila Viçosa e Sousel, tal não tem

sucedido, pois não só têm concedido reservas de caça a propriedades contíguas que abrangem grandes áreas ou se separam, irrisória e sofisticadamente, apenas por corredores estreitíssimos, como também porque as reservas concedidas abrangem sempre as melhores zonas de caça da área dos concelhos.

Com efeito, se um concelho tem 475,68 km², como por exemplo o de Estremoz, a verdade é que nem toda essa área é própria para caça; muitos hectares estão ocupados por estradas e caminhos públicos, zonas urbanizadas, etc. O resto dessa área ainda é constituída por terrenos fracos de caça por não possuírem características próprias para o seu «habitat» e, finalmente, as áreas mais propícias para caça, são precisamente aquelas onde o direito de caçar já está reservado, ou onde o mesmo se pretende reservar para benefício exclusivo de alguns privilegiados da sorte, e em prejuízo manifesto do tal interesse das populações que se pretendia acutelar na lei.

E' isto que se está a passar em todo o Alentejo e nas Beiras, as grandes regiões de caça do País.

Por estas razões é que as Comissões Venatórias Regionais ousam sugerir que o assunto da reserva de caça seja considerado no decreto que regulará o seu exercício.

Sem deixar de considerar e reconhecer que a caça hoje em dia entre nós só pode ser considerada como uma «res nationis» — bem comum do povo português — julga-se por isso mesmo que ao Estado, competindo condicionar as regras e períodos em que permite a sua captura, não poderá deixar de considerar que sobre certas restrições, possa ceder, mediante o pagamento do justo preço, o direito de utilizar privadamente a caça em determinadas áreas.

Tendo sido o regime de reserva de caça instituído sob o pretexto de interessar o proprietário em submeter as suas terras ao regime florestal, julga-se que seria interessante manter o sistema e o princípio, mas condicionando este de maneira a não se permitirem reservas de caça — ad libitum — em toda a área de uma propriedade, com manifesto prejuízo para as populações dos respectivos concelhos.

De harmonia com este pensamento, as Comissões Venatórias Regionais sugerem que as reservas de caça referidas no Decreto-Lei n.º 39931 não possam exceder metade da área da propriedade submetida ao regime florestal nem, nelas, a área reservada poder ser superior a 1000 hectares nem inferior a 200. E que a delimitação dessa área só possa ser feita no centro da propriedade submetida ao regime flo-

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — A's 15 e às 21.15: «Dois amores» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — A's 21.15: «Feliz aniversário» e «Safira» (17 anos).

MEM-MARTINS — *Cine-Chaby* — A's 21.30: «Eddie e a Interpol» (17 anos).

ERICEIRA — *Cine-Casino* — A's 21.15: «Amores célebres» e «Os turbulentos» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Campos* — Rua Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); *Clabell* — Rua António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931551).

QUELUZ — *André* — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); *Queluz* — Av. Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 9518441).

SINTRA — *Misericórdia* — Largo Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. (T. 931690).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

restal, onde se instale a reserva, pois só assim se evitará o estabelecimento de reservas contíguas e permitirá aos povos das regiões terem terrenos livres para caçar. Sugere-se ainda que, para manter o justo equilíbrio de reprodução de espécies por cada hectare não se deve abater por ano mais de uma peça de caça e que cada hectare de reserva pague ao Fundo de Caça, por hectare reservado, 6\$00 anuais, pois quem desejasse utilizar privadamente a caça, bem comum da Nação, pagaria assim ao Estado uma quantia proporcional ao valor desse património cinegético, cuja apropriação exclusiva lhe seria reconhecida.

E as Venatórias acrescentam muito judiciosamente: «ninguém seriamente pode argumentar que é excessiva a taxa preconizada, pois não se pode ignorar que a grande maioria das reservas de caça do País estão estabelecidas em propriedades, cuja submissão ao regime florestal foi solicitada apenas para que, ao abrigo do mesmo, se instituissem essas reservas de caça que por vezes são alugadas anualmente ao preço médio de 25\$00 por hectare».

As Comissões Venatórias Regionais, com um sentido de oportunidade a que temos de prestar a nossa sincera homenagem, afirmou haver ainda um ponto — digamos social — para o qual se entende dever chamar a atenção das instâncias superiores, e em parte corrobora as razões fundamentais destas sugestões. Dada a natureza da propriedade altamente dividida entre nós no Norte do País, pela compreensão social da maioria dos proprietários dessas regiões, a reserva de caça ali não tem suscitado problemas, a nosso ver graves, como no Sul, na Beira Baixa e no Alentejo, o regime de propriedade agrícola é diferente: aqui surgem os grandes latifúndios e é diferente a mentalidade da maioria dos proprietários rurais, que não querem compreender a importância social da caça. Nestas regiões, salvo raríssimas e honrosas excepções, a maioria dos grandes proprietários agrícolas, ao contrário do que sucede no Norte, vive divorciada dos meios rurais; finge, por cómodo egoísmo, ignorar as suas necessidades e interesses; daí uma situação social que se nota em disparidade com o que sucede no Norte, onde a vida rural tem ainda algo de patriarcal.

Decididamente, poucas vezes, cremos, se terá posto o dedo na ferida com tanta precisão. E ainda poderia dizer-se muito mais, sem necessidade de fugir à verdade.

Mas continuemos a apreciar o documento, que ficará histórico nos anais cinegéticos pela irrefragável justiça que encerram as suas palavras.

No Alentejo tudo é grande: a vastidão das planícies, o frio e o calor, a riqueza e a miséria. Não se podem ignorar estas realidades e, consequentemente, naquilo que directamente diz respeito à caça, parece-nos que o actual sistema de reservas de caça, por que aparece mascarado para satisfazer desejos e caprichos de uma minoria de proprietários que nenhum interesse têm pelo povoamento florestal das suas herdades, mas que as submetem a estes regime para obter a concessão da reserva de caça, em grandes extensões, com prejuízos das populações rurais e do Estado, que nenhum réditto cobra sobre as rendas astronómicas que se lhe estão a pagar, hoje em dia, pelo direito de caçar nessas propriedades, é um elemento a considerar.

De tudo isto a que resumidamente as Comissões Venatórias Regionais fazem referência, nasce um mal-estar que, acrescentam estes organismos, parece necessário encerrar, objectivamente, naquilo que uma consciência cristã pode encontrar justo e razoável, para que não continuem a ser feridos os interesses dos povos, que são também os da grande maioria dos caçadores portugueses.

Oxalá, pois, as sugestões das Comissões Venatórias Regionais, assinadas pelos comandantes de Polícia de Lisboa, Porto e Coimbra, srs. coronéis Edmundo da Luz Cunha, António Rodrigues dos Santos Junior e major Dagoberto do Coito Graça, na qualidade de presidentes, respectivamente, das Comissões Venatórias Regionais do Sul, Norte e Centro, sejam superiormente apreciadas e compreendidas, pois elas reflectem, com uma objectividade a que não estamos muito habituados, o panorama cinegético, no tocante ao astronómico numero de poutos, com a consequente venda de caça esbulhada aos pobres.

NABAIS DA CUNHA

«Aspectos Quantitativos do Ensino em Portugal»

— um estudo de grande oportunidade do Gabinete de Investigações Económicas do I. S. C. E. F.

Discreta e seguramente, sem preocupações de publicidade, o Gabinete de Investigações Económicas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras está a realizar uma obra de interesse relevante para a fundamentação do esforço de progresso em múltiplos domínios de que o nosso País carece instantaneamente. Nessa linha de trabalho promissor vem inscrever-se o estudo «Aspectos Quantitativos do Ensino em Portugal», da autoria do investigador dr. José de Matos Torres — uma análise estatística amplamente e objectivamente documentada da evolução do ensino de todos os graus e das perspectivas que resultam dela para a indispensável formação de quadros ao serviço do desenvolvimento nacional.

Entre tantos problemas primaciais que as gerações portuguesas de hoje defrontam, muito raros excederão esse problema em importância decisiva para os destinos da grei. Assim o constata o autor desde os primeiros passos do seu elucidativo trabalho: os problemas da educação têm assumido importância crescente nas sociedades modernas: a escassez de quadros bem preparados, especialmente de técnicos e de pessoal científico, faz-se sentir com acuidade crescente

em todos os países; a fase actual da nossa evolução, em Portugal, situa no mais alto nível dos interesses nacionais a preparação dos valores humanos. A evolução dos efectivos escolares entre 1950-51 e 1957-58; o aproveitamento escolar registado nos vários graus; a situação especial do ensino agrícola; as possibilidades de formação de quadros científicos altamente qualificados; as previsões sobre a população escolar nos anos vindouros — preenchem capítulos reveladores do estudo do dr. Matos Torres, a que não faltam o suporte da análise mais rigorosa e o sentido pragmático de sugestões fundamentais.

As conclusões a tirar das realidades presentes do ensino em Portugal não são auspiciosas: a nossa população escolar é ainda muito reduzida em paralelo com a população total do País; as diferenças no numero de alunos que frequentam os vários graus de ensino atingem desproporções consideráveis e deixam em suspenso potencialidades de valorização humana que cumpre realizar por todos os meios possíveis; não existe em Portugal uma política de educação seguramente definida; impõe-se sem restrições um amplo alargamento do ensino, assegurando a todos os jovens com aptidões, sem condicionamento dos recursos económicos familiares, a possibilidade de acesso ao ensino compatível com essas aptidões.

Uma advertência primacial resulta das observações coligidas neste trabalho impressionante do Gabinete de Investigações Económicas. O problema do ensino é hoje dos mais graves que impendem sobre o futuro da Nação. E da sua solução dependerá, como demonstra o dr. José de Matos Torres, o destino da comunidade portuguesa no mundo de hoje e do futuro, sob o signo de uma expansão que tem no desenvolvimento do potencial humano a sua força decisiva.

3500 TURISTAS

norte-americanos visitam Portugal no mês de Setembro

Cerca de 3500 americanos, funcionários da grande organização de frigoríficos «Norge», visitarão Portugal, durante o próximo mês de Setembro.

Em grupos de 150, aqueles turistas permanecerão quatro dias no nosso País, visitando os principais pontos históricos e turísticos.

Esta excursão é do maior interesse para a economia portuguesa, calculando-se que os funcionários da «Norge» deixem no nosso País cerca de setecentos mil dólares (20 mil contos).



Refrigerantes
CRUZEIRO

A
N
A
N
A
S



L
A
R
A
N
J
A
D
A

ÁGUA GASEIFICADA

Fabricados pela
SOCIEDADE DA ÁGUA DE LUSO
LUSO

DISTRIBUIDORES

REVENDEDORA DE ÁGUAS, LDA.

AV. LINHAGA DA TORRINHA, 100, R. 401 LISBOA 4

A queda do avião na Baía do Guanabara

(Continuação da 1.ª página)

O aparelho afundava-se, nesse momento, e apenas passou a cuidar-se em recolher os corpos que boiavam ao cimo da água.

92 passageiros e 9 tripulantes

As primeiras informações fornecidas pela «Panair» dizem que no aparelho seguiam 92 passageiros e 9 tripulantes. O avião, depois de passar por Lisboa, devia seguir para Paris e Londres.

Testemunhas oculares afirmam que viram um dos motores explodir, com grande estrondo e, depois, enormes labaredas envolveram toda a carlinga, no momento preciso em que se despenhava no mar.

Primeiro balanço: 13 mortos

A confusão estabelecida pelo acidente não deixou saber-se, desde logo, qual o numero de vítimas, persistindo mesmo dúvidas quanto ao numero dos seus ocupantes.

Entre as 2 horas e cinco minutos, em que se deu o desastre, até às 4 da madrugada, toda a área foi percorrida por embarcações e recolhidos não só os sobreviventes como alguns cadáveres. Uma certeza houve, no entanto: quase todos os ocupantes (num total de 101) se haviam salvo. Não se sabia, porém, se teriam sido arrastadas para o fundo algumas pessoas que não conseguiram libertar-se do aparelho, ou não foram projectadas para fora com a explosão e o embate na água.

Dos tripulantes, todos conseguiram salvar-se excepto a hospedeira do ar, cujo corpo foi recolhido no mar todo carbonizado.

Morte de uma neta do escritor Josué de Castro

Entre os passageiros haviam alguns portugueses, brasileiros e pessoas de outras nacionalidades. O escritor prof. Josué de Castro salvou-se do sinistro, assim como sua esposa, tendo-lhe morrido uma netinha, que os acompanhava. O escritor e diplomata seguia para Paris. E' o representante do Brasil nos organismos da O. N. U. em Genebra.

Sabe-se que se salvou uma família portuguesa de apelido Botão (3 pessoas), que se destinava a Lisboa. Também se salvaram os srs. José de Brito e esposa e Edgar Frois da Fonseca, funcionários superiores da «Panair».

Igualmente, duas senhoras brasileiras, de apelido Pinheiro (Rosa e Teresa), foram retiradas, com vida, de sobre a fuselagem do avião. Iam para Lisboa e parece tratar-se de duas irmãs do jornalista Alves Pinheiro.

Um cientista soviético entre os passageiros

Entre os passageiros encontrava-se um cientista soviético, da delegação russa ao Congresso Médico de Fertilidade e Esterilidade, efectuado recentemente no Rio de Janeiro.

Até às 5 da madrugada, elementos da Força Aérea brasileira recolheram seis mortos do desastre. Pensam que há 7 cadáveres dentro do aparelho que se afundou no Guanabara. Foi, também, a Força Aérea que conseguiu salvar o diplomata Josué de Castro, lançando-lhe um barco de borracha. A esposa, no entanto, alcançara a margem a nado.

Os treze argentinos que seguiam no avião conseguiram salvar-se todos.

«Ouvi um grande estrondo» — diz um sobrevivente

O passageiro brasileiro, Bolívar Kup, que nada sofreu, relata assim o drama que viveu:

— Ouvi um grande estrondo e senti uma dor fortíssima nos rins. Peguei na minha pasta e, quando o avião parou na água, semi-quebrado, subi para a fuselagem e aguardei que me acudissem. Isto durou mais de 10 minutos...

Estes dez minutos, porém, foram suficientes para evitar que o numero de vítimas fosse mais elevado, pois alguns dos sobreviventes estavam quase a afogar-se quando foram apalhados pelas embarcações de salvamento.

Mas o que valeu a muitos dos ocupantes do aparelho foi terem-se sentado nas asas do avião aguardando socorros. O publicista inglês,

Peter Roberto dos Santos, que ia de visita à esposa, na Europa, conseguiu salvar-se nadando para uma lancha, embora bastante queimado na cabeça e num braço.

O drama desenrolou-se com muita rapidez, mas valeu aos ocupantes do aparelho não morrerem todos no desastre ter o aparelho sido atirado para a água onde se manteve a flutuar, apagando-se, ao mesmo tempo as chamas.

É o quarto grande desastre no Brasil, há um ano

O avião custara 150 mil contos e era propriedade da «Panair» do Brasil.

Este é o quarto grande desastre

14 mortos e 9 desaparecidos

Por informações colhidas em Lisboa, onde se gerou um movimento de grande ansiedade, tanto mais que no avião viajavam portugueses, confirma-se que toda a tripulação, comandada pelo piloto Lacerda, se salvou, excepto a hospedeira. Quanto às três pessoas da família Botão, trata-se de portugueses radicados no Brasil e que vinham de férias a Lisboa. Os srs. Jorge Brito, administrador de estações da «Panair» e Edgar Frois da Fonseca, director técnico da mesma companhia, faziam uma viagem de rotina à capital portuguesa.

Soubemos ainda junto dos serviços de informação da Portela que, até este momento, o balanço oficial da tragédia é de 12 passageiros e a hospedeira mortos.

O brigadeiro Eduardo Gomes estava para embarcar no «DC-8», para uma missão oficial à Europa, mas não o fez ontem por motivo

A HOMENAGEM a Fernão de Magalhães

(Continuação da página central)

por parte da Marinha de Guerra Portuguesa, o chefe do Estado-Maior da Armada e o comandante naval do Continente, respectivamente almirante Sousa Uva e Cardoso de Oliveira. Associaram-se ao acto o conselheiro Theodore A. Xanthaky, em representação do embaixador dos Estados Unidos da América do Norte, que se fazia acompanhar do adido naval, sr. capitão-de-fragata John Enyart; estando ainda presentes os srs. D. Ernesto Roque Piaggio, embaixador da Argentina; dr. Negrão de Lima, chefe da missão diplomática do Brasil; o encarregado de negócios de Cuba, D. Francisco Calzadilla Nunez; embaixador de Espanha, prof. D. José Ibanez-Martín; encarregado de negócios do Peru, D. Clemente Araoz; o ministro do Uruguai, dr. Pedro Brugni e ainda o embaixador da Venezuela, coronel Perez Morales. Presentes ainda o governador civil de Lisboa, sr. dr. Osório Vaz e o vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, sr. Aníbal David, assim como o chefe do protocolo do Estado, sr. dr. Lencastre da Veiga; o capitão-de-mar-e-guerra David de Carvalho, do Estado-Maior da Armada, oficiais da nossa Marinha de Guerra e muitos populares.

Após o toque de sentido executado pela fanfara do Corpo de Marinheiros da Armada, o representante diplomático do Chile, sr. dr. Pedro Chana, e o capitão-de-mar-e-guerra Sérgio Aguirre, avançaram para junto do monumento, em cujo sopé colocaram uma linda coroa de flores.

O sr. dr. Pedro Chana proferiu então um breve discurso, no decorrer do qual disse que, como primeiro embaixador do Chile em Portugal, prestava homenagem a um

APREENSÃO DE SARDINHA no valor de 33 contos

Por não corresponder às dimensões legais, a Polícia Marítima apreendeu a sardinha pescada por dezasseis embarcações, no valor de 33 100\$00. A sardinha foi, depois, vendida, revertendo o produto para o Estado.

de aviação que ocorre no Brasil há um ano.

Em 1 de Novembro de 1961, morreram 45 pessoas quando um DC-7 da «Panair» do Brasil, com 85 pessoas a bordo, se despenhou numa colina perto do Recife, no Norte do país. Em 10 de Maio deste ano, perderam a vida 24 pessoas num desastre que ocorreu com um avião de transporte em Vitória e em 31 de Julho morreram dez pessoas quando um aparelho da aviação brasileira se despenhou perto de Vicos.

Um dos motores do «DC-8», que ontem explodiu, foi encontrado a 500 metros do local do acidente. — (F. P., R. e A. N. I.).

de doença de uma pessoa de sua família. O nosso aeroporto estava prevenido para receber o avião às 10 e 50 de hoje, devendo partir, meia hora depois, para a capital francesa. Recebeu-se, ao meio da tarde, a informação de que há 39 sobreviventes hospitalizados.

Entretanto, as ultimas notícias dizem haver 14 mortos e 9 desaparecidos.

A morte da enfermeira

(Continuação da página central)

der a prática de acto idêntico com outra pessoa.

Portanto, o réu, que já depois de ter praticado o crime, não teve escrúpulos de acusar a sua própria

vítima de haver cometido um facto dessa natureza, tem sobre si uma

queixa concreta apresentada por Vasco Joaquim dos Reis Fernandes, além da supeita da existência de outro caso idêntico.

Entre os papéis que foram encontrados no camarote do réu, apareceram dois documentos que revelam uma estranha inclinação para a denúncia e para a formulação de queixas contra vários componentes da tripulação do navio.

O José Abreu Inácio, ouvido novamente pelo subchefe Gonzaga Pratas, disse que esses papéis eram rascunhos de informações verbais que já havia fornecido. Quanto a uma reunião de propaganda, no Casal do Marco, que originou uma diligência policial, declarou que não se lembrava de nada.

O José de Abreu Inácio, pelo que a Polícia Marítima apurou agora, não era estimado entre os seus colegas dos vários navios de que foi tripulante. Talvez por isso se observou que não parava muito tempo como membro da tripulação das unidades da nossa marinha mercante. Sabe-se que fez, quando tripulante do paquete «Niassa», uma denúncia de contrabando, para receber a parte respeitante ao denunciante na multa, porventura, aplicada aos contraventores. Surgiu também a suspeita de que praticou outros actos semelhantes.

O subchefe Gonzaga Pratas ouviu o inspector da P. I. D. E. José Manuel Alonso Sena Martinez, que declarou ter recebido uma queixa da sr.ª D. Maria Leonor Boavida Alves, em que afirmava estar a ser perseguida pelo José de Abreu Inácio, com ameaças de morte. Em face de tais ameaças, foi-lhe dado o conselho de ficar a bordo na noite do crime, para se evitar, assim, que o cozinheiro a encontrasse na residência. Como se sabe, a vítima procedeu desse modo, mas não evitou ser procurada pelo assassino e morta nas circunstâncias sabidas. Sobre a afirmação de que o José de Abreu Inácio era agente daquela corporação, o sr. José Martinez desmentiu-a.

Vão ser ouvidas outras pessoas e aguarda-se o relatório pericial da Polícia Científica sobre a arma utilizada pelo criminoso e sobre as balas que empregou.

INDEMNIZAÇÕES a pagar pelo Estado à Associação de Socorros Mútuos na Inabilidade

Reune-se esta noite, na sua sede, Rua Nova do Carvalho, 71, 1.ª, a assembleia geral da Associação de Socorros Mútuos na Inabilidade, para tomar conhecimento do acórdão proferido pelo Supremo Tribunal de Justiça, referente ao pedido de indemnização de 7796 contos, a pagar pelo Estado, intentado por aquela colectividade, que havia sido desfalçada pela comissão administrativa que, desde 1935 a 1945, geriu os destinos da associação.

O Supremo não só confirmou a decisão favorável do Tribunal da Relação, quanto a indemnização, como, também, a relativa a lucros cessantes, cujo montante deve atingir alguns milhares de contos e que diz respeito à actualização dos bens patrimoniais da instituição, alienados antes da associação entrar em normalidade administrativa.

Realizaram-se esta tarde os funerais de quatro das seis vítimas do desastre de Alenquer

Efectuaram-se, esta tarde, os funerais de quatro das seis vítimas do trágico desastre de Cheganças, próximo de Alenquer, conforme o «Diário de Lisboa», ontem, largamente noticiou.

Do Hospital Militar Principal, à Estrela, saíram, às 16 horas, duas berlindas-automóveis, transportando os corpos de Manuel António Manteigas Bernardo, de 27 anos, casado; Pedro Vitorino Leandro, de 35, casado; e José do Nascimento, das quatro vítimas, para o cemitério de mesa, na messe da base aérea da Ota. Uma das berlindas passou pelo hospital de Vila Franca de Xira, onde recolheu a urna com os restos mortais de Luciano Amado dos Reis, de 29 anos, solteiro, empregado de mesa, e, esta manhã, autopsiado, realizando-se, em seguida, o funeral, em conjunto, das quatro vítimas, para o cemitério da vila de Alenquer, onde residiam.

Quanto ao préstito do 1.º cabo escriptorário 313/60, João Ramos Martins, de 23 anos, casado, natural do concelho de Silves, que se encontra na casa mortuária do Hospital da Estrela, segundo informações que

nos foram fornecidas, efectua-se amanhã, às 9 horas, para o cemitério de Olhão.

No Instituto de Medicina Legal foi, também, autopsiado, esta tarde, o cadáver de Julio Manuel de Oliveira Monteiro, de 14 anos, servente, cujo funeral não se encontra, por enquanto, determinado.

Melhorou o estado dos feridos

Na enfermaria da Base Aérea n.º 2, da Ota, onde se encontram internados, sentiram melhoras o soldado condutor de auto n.º 245/60, Vivaldo dos Santos Pereira; e João Manuel Lino Duarte, de 27 anos, casado, ajudante de cozinha, vítimas, também, do brutal acidente.

O caso Finkbine comentado pelo Vaticano

CIDADE DO VATICANO, 21 — «Devem suprimir-se aqueles que sofrem de aleijões graves?» Pergunta o «Osservatore Romano» a propósito do caso de Sherry Finkbine, que foi a Suécia praticar um aborto com receio de lançar ao mundo um ser monstruoso.

O órgão do Vaticano recorda que pela boca de Pio XI a Igreja reafirmou que não existe o direito de suprimir um ser, qualquer que ele seja ou seja qual for o motivo invocados. Justificar um tal acto pela vontade de só procriar crianças sãs equivale a adoptar as teses racistas dos nazis.

O jornal salienta que o caso da sr.ª Finkbine levanta uma vez mais a seguinte questão: pode e deve o Estado intervir neste domínio? O «Osservatore Romano» pensa que todos os Estados deviam intervir para impedir o aborto sob qualquer forma. «Ninguém» — acrescenta aquele jornal — «nem mesmo o Estado, pode autorizar, em qualquer caso, a supressão de um inocente. Uma tal autorização constitui uma violação flagrante da lei moral. O feto é já uma verdadeira criatura humana, com todos os direitos e prerrogativas desta, incluindo o direito à vida que o Estado deve a todo o ser humano». — (F. P.).

DEM A PORTUGAL o presidente do Senado da República do Congo

LEOPOLDVILLE, 21. — O presidente do Senado da Republica do Congo, Victor Koumorik, grande amigo dos portugueses, irá a Portugal no fim deste mês. Tenciona visitar, além de Lisboa, a cidade de Coimbra e o santuário de Fátima, e gostaria de se avistar com o prof. dr. Oliveira Salazar. — (L.).

NECROLOGIA FALECIMENTOS

Alfredo Francisco Espada Carneiro

MONTEMOR-NOVO, 21. — Faleceu o sr. Alfredo Francisco Espada Carneiro, de 84 anos, natural de São Romão (Montemor-o-Novo), casado com a sr.ª D. Maria Benedita Fragoço Carneiro e irmão da sr.ª D. Rosa Carneiro Campos e do sr. Francisco Simões Carneiro, funcionário judicial, reformado. Era pai das sr.ªs D. Rosa Fragoço Carneiro Barreto, D. Julia Fragoço Carneiro Marques e D. Dulce Fragoço Laboreiro e dos srs. Diogo Fragoço Carneiro, chefe da secretaria dos Serviços Municipalizados, e Augusto Fragoço Carneiro.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

TELEFONES 43189 —

43180—55301—66 27 72—08 00 22

IGNORAVA TER MORRIDO

CHACABUCO (Buenos Aires), 21. — A família de José Casino, de 60 anos, velou o seu cadáver durante a noite, na residência de seu irmão Vicente. O morto, identificado pela Polícia e parentes, fora vítima de um atropelamento por um automóvel circulando a grande velocidade.

Na manhã seguinte, Vicente foi a casa de seu irmão buscar documentos pessoais necessários para se fazer o funeral e deparou com José, muito contente da vida, dando de comer às gatinhas, ignorando que a alguns metros de distancia a família lamentava a sua morte.

A chave do caso: a vítima do atropelamento fora um vizinho, António Cano, de idade igual a de José e com características físicas semelhantes. — (R.)

DO ESTRANGEIRO

● **ESTUDANTES CONDENADOS A MORTE NO YEMEN** — O iman do Yemen deu ordem para que 16 estudantes sejam fuzilados e outros decapitados por tomarem parte em manifestações contra o seu Governo — anuncia o jornal «Al Gomhouria» do Cairo. O jornal acrescenta que se verificaram manifestações em diversas cidades yemenitas. Numa destas, na sexta-feira, a guarda real abriu fogo sobre os manifestantes, matando dois e ferindo seis.

● **A CHINA E A «BOMBA»** — É apenas uma questão de tempo até a China continental possuir armamento atômico — afirma o presidente da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos, Glenn Seaborg, na revista «U. S. New and World Report».

● **A U. P. A. NO CONGO** — O «Governo angolano», no exílio, em Leopoldville, anunciou ontem que as autoridades congoleesas tinham colocado à disposição dos guerrilheiros angolanos um campo de manobras do Exército Nacional Congolês, a 95 km. ao sul de Thysville (Baixo-Congo). Esse campo servirá para treino das tropas da «União das Populações de Angola». Os novos recrutas serão treinados por oficiais e sargentos angolanos, formados na Tunísia por elementos da Frente de Libertação Nacional argelina.

● **HASSAN II EM ITALIA** — Partiu hoje do seu país para a Itália, em visita particular, o rei Hassan II de Marrocos. É acompanhado por vários membros da sua família e marcou para o dia 27 o seu regresso.

FOI PROIBIDO UM COMÍCIO ANTIFASCISTA EM LONDRES

LONDRES, 21. — O ministro da Construção e Obras Públicas que a semana passada recusou às organizações fascistas britânicas autorização para promoverem manifestações na praça de Trafalgar, também não deu hoje autorização ao movimento de protesto antifascista «Estrela Amarela» para efectuar um comício na mesma praça no próximo dia 1. data do vigésimo terceiro aniversário da entrada das tropas nazis na Polónia.

O ministro invoca as mesmas razões da primeira recusa: «Dado o que aconteceu nas ultimas semanas, não devem ser autorizados esses comícios numa época do ano em que se espera que muitos turistas e outras pessoas visitem aquela praça». — (F. P.).

AUMENTADOS OS SALÁRIOS DE MINEIROS ESPANHÓIS

MADRID, 21. — Chegaram a acordo os mineiros do Rio Tinto (Andaluzia) e o Governo espanhol, acordo para o qual, pela primeira vez, em Espanha, o ministro do Trabalho contribuiu directamente, desempenhando o papel de árbitro entre os mineiros e as empresas.

Em virtude do novo contrato colectivo agora assinado (e que abrange 12.000 mineiros) os salários quotidianos mínimos dos trabalhadores no fundo e à superfície são aumentados de 30 e 40 pesetas, respectivamente, e, em muitos casos, estes salários são aumentados deste modo em proporções que vão de 80 a 100 por cento. — (F. P.).

NAS FÉRIAS DO TOTOBOLA
JOGUE NA LOTARIA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÊMIOS GRANDES

OS EFEITOS DA TALIDOMIDA

KINGSTON (Jamaica), 21. — Duas mulheres que tomaram Talidomida durante a gravidez deram ontem à luz crianças com os braços atrofiados. São os primeiros casos do género conhecidos na Jamaica, onde o uso daquele medicamento foi recentemente proibido pelas autoridades. — (F. P.).

Perante 500 jornalistas os «gêmeos espaciais» falaram do seu voo

MOSCOW, 21. — Os dois «gêmeos espaciais», Nikolaev e Popovitch, deram hoje a sua primeira conferência de imprensa depois das viagens orbitais em volta da Terra.

Estavam presentes cerca de 500 jornalistas soviéticos e estrangeiros. A conferência decorreu na Universidade de Moscovo.

Começou por discursar o académico Keldych que é tido como o verdadeiro coordenador dos programas científicos mais avançados do seu país. O orador expôs a significação e a projecção do voo dos dois cosmonautas.

Nikolaev e Popovitch, fardados de aviadores e ostentando as novas condecorações que foram atribuídos no sábado, no Kremlin, estavam na tribuna de honra, ladeados por Gagarine e Titov, que os precederam, nesta mesma tribuna, em 1961, a seguir aos seus voos orbitais.

OS COSMONAUTAS NÃO SOFRERAM «PERTURBAÇÕES DE MAIOR»

Falou depois o prof. Yazdovsky, especialista de fisiologia, espacial, que afirmou não terem os cosmonautas, durante os voos, sofrido «perturbações de maior», mesmo nos momentos mais críticos, isto é, quando da aceleração à partida, e do esforço físico exigido no regresso à atmosfera.

Segundo o orador, um dos resultados mais interessantes destes voos terá sido provar que os cosmonautas podem erguer-se e andar nas suas cabinas sem serem verdadeiramente estorvados pela imponderabilidade.

A SUPERIORIDADE TÉCNICA DA U. R. S. S. SALIENTADA POR BLAGONRAVOV

A experiência adquirida no duplo voo de Nikolaev e Popovitch permitirá eventualmente «acelerar» o progresso cósmico da U. R. S. S., cujas ideias-mestras são conhecidas — declarou o académico Blagonravov, que falou, depois, do prof. Yazdovsky.

Este programa, no dizer do mesmo cientista, inclui o estudo das possibilidades de colocação em órbita de «plataformas espaciais interplanetárias».

Blagonravov chamou, por outro lado, a atenção para a precisão de aterragem quase simultânea dos «Vostoks» numa «zona predeterminada».

Finalmente, declarou que a U. R. S. S. provará a sua superioridade técnica sobre os Estados Unidos, e lembrou que a União Soviética, animada de intenções «exclusivamente pacíficas», recomendou a proibição de toda a utilização do Cosmos com fins militares, mas esbarrou, nesta ordem de ideias, com «a recusa dos E. U. A.».

Ou a O. N. U. põe termo à secessão da Katanga ou se retira do Congo

— afirma Thant num relatório ao Conselho de Segurança

NOVA YORK, 21. — «A solução do problema congolês pela reconciliação e compreensão m... e pela negociação deve ser procurada por todos os meios possíveis»

— declarou ontem o secretário-geral da O. N. U., Thant, no seu relatório ao Conselho sobre a situação no Congo.

«A este respeito» — prosseguiu Thant — «considero-me dever revelar que as demoras e as táticas dilatórias utilizadas com tanta habilidade por Tschombé são perigosas e não poderão ser indefinidamente toleradas nem pela O. N. U. nem pelo Governo central».

No caso de não ser possível obter rapidamente o termo da secessão katanguesa, as Nações Unidas encontrar-se-iam perante a necessidade de escolher entre a retirada ou «a atitude oposita», ou seja, «procurar por todos os meios necessários» pôr cobro aos «esforços katangueses de secessão» — declara ainda Thant, que exprime a esperança de que o projecto de constituição federal do Congo possa concluir-se dentro de trinta dias.

Enquanto se aguarda a promul-

gação de uma lei regulando a partilha dos rendimentos financeiros da «Union Minière» entre o Governo central e a província da Katanga, Leopoldville e Elisabethville deviam — segundo o secretário-geral — concordar em partilhar as meias dos rendimentos das minas ou quaisquer outros, depositando-se num organismo competente as divisas estrangeiras ganhas «por qualquer parcela do Congo».

Thant propõe, por outro lado, que o Fundo Monetário Internacional auxilie o Governo congolês a preparar um «plano nacional de unificação monetária».

No campo militar, o secretário-geral propõe que um comissão de três membros representando o Governo central, a província da Katanga e as Nações Unidas «prepare no prazo de trinta dias um plano de integração e de unificação de todo o Exército congolês».

— (F. P.).

Franco chegou já a San Sebastian

MADRID, 21. — As quatro explosões de engenhos que se verificaram em Espanha, no espaço de 24 horas, são comentadas pela imprensa madrilena com sobriedade e prontidão.

O «Pueblo», um dos diários visados pelos atentados, publica a informação na primeira página, com uma breve nota de redacção indicando que «foi escolhido pelos perturbadores da paz espanhola» que, acrescenta, «se inquietam com o prestígio do jornal e o aumento da sua tiragem».

O «Madrid» também acompanha a notícia de uma nota redactorial dizendo: «É de prever que a imprensa estrangeira não deixará de dar a maior das publicidades a tais atentados que, na realidade, não passam do que sucede habitualmente por esse Mundo fora... Não deixa por isso de ser exacto que os autores de tão cobardes atentados criam um ambiente muito diverso do que pretendem porque os espanhóis não se intimidam... Aguardamos

impacientemente a oportunidade de novo plebiscito que seria a melhor das respostas à gente de Munich e áqueles que se lá não foram estabelecer presentes no pensamento».

A imprensa afirma, por outro lado, que o general Franco teve uma recepção particularmente entusiasta em San Sebastian. «Nunca antes foi o Caudillo alvo de recepção tão calorosa» — acrescenta, — (F. P.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE

— Em Portugal continental, o vento era fraco, nas regiões do interior e moderado a forte do litoral oeste, e o céu estava geralmente limpo, por acção de uma massa de ar transportada na circulação conjunta do anticiclone dos Açores centrado no norte do Arquipélago e duma depressão localizada sobre a Península Ibérica.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 18°; Portalegre, 18°; Coimbra, 17°; Lisboa, 19°; Faro, 27°; e Funchal, 21°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS, AS DEZ HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 20°/2; e na água do mar, 15°/5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ AS 16 HORAS: máxima, 24°/4; mínima, 16°/8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 34°/3; mínima, 22°/6.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Nortada no litoral oeste, céu geralmente limpo, vento forte de Norte, especialmente a sul do cabo Carvoeiro; nas regiões do interior e do Algarve vento Noroeste fraco a moderado.



Nikolaev e Popovitch teriam conseguido juntar os «Vostoks» —segundo fonte americana

WASHINGTON, 21. — Os dois cosmonautas soviéticos, Nikolaev e Popovitch, teriam, no seu voo espacial, logrado operar a junção das naves «Vostok III» e «Vostok IV», e conseguido prosseguir durante certo tempo nesse voo geminado — afirma um artigo aparecido ontem na «Aviation Week Magazine».

Segundo esse artigo, o Governo norte-americano estaria profundamente ao corrente do facto mas recusava-se a divulgá-lo. Depois de ter longamente deliberado sobre a

oportunidade de publicar a notícia — prossegue a revista — Washington resolveu calar-se para não ter que reconhecer oficialmente essa realização soviética e para não dar à Rússia indicação da medida das informações que os Estados Unidos possuem quanto a experiências soviéticas.

Considera-se possível que os próprios cosmonautas revelem o que conseguiram fazer numa conferência de imprensa, hoje, em Moscovo. — (R.).

«Westerns» em solo francês

DE 1910 a 1914, quando os filmes de «cow-boys» ainda se não denominavam «westerns», a equipa cinematográfica de Jean Durand propôs-se realizar alguns em França. Rodar em França filmes americanos? O paradoxo não era para



embaraçar um encenador astucioso. Neste seu propósito, Jean Durand agia com mais malícia do que sinceridade. Se os filmes cómicos que realizava jamais o

havião posto ante qualquer problema de difícil solução, Durand partiu do princípio que também nenhum se levantaria na realização de filmes de «cow-boys» em solo francês. Um ponto comum unia os dois géneros: a perseguição. Tema essencial dos filmes cómicos, também era motivo principal nos «westerns». Este elemento dinâmico resultava sempre, partisse embora de um pretexto mínimo. Cenário? Bastava situar as peripécias em regiões misteriosas e indefinidas, que um termo designava em bloco: o «Far-West». O «Far-West», enfim, povoado de índios, bisões e cavalos selvagens, onde Durant e seus colaboradores jamais haviam posto o pé...

Impunha-se um mínimo de documentação para anular esta ignorância. O próprio cinema a forneceu. Surgiam, nos «écrans», os primeiros «cow-boys» nas produções americanas da Vitagraph, da Selig e da Broncho. Eram os modelos precisos. Desde que não se pretendesse reproduzi-los fielmente — entenda-se... Nada mais eram, na realidade, do que uma oportuna fonte de inspiração. Falta, sómente, resolver, com os meios de ocasião, os problemas levantados pelo vestuário e equipamento — requisitos estes que o Studio Gaumont não pode satisfazer. Como vestir o «cow-boy», o índio e os figurantes? Esta penúria não embaraçou os actores. Quase todos eram acrobatas de circo e «music-hall». Mais improvisadores, pandegos e boémios, do que verdadeiros comediantes, estavam habituados a confeccionar os seus vestuários com que, nos filmes cómicos apareciam ante a objectiva — e, assim, fácil lhes foi conseguir um guarda-roupa, onde o feltro, após dois ou três toques, tomou o lugar do «Stetson» tradicional... Os revólveres da «gen-

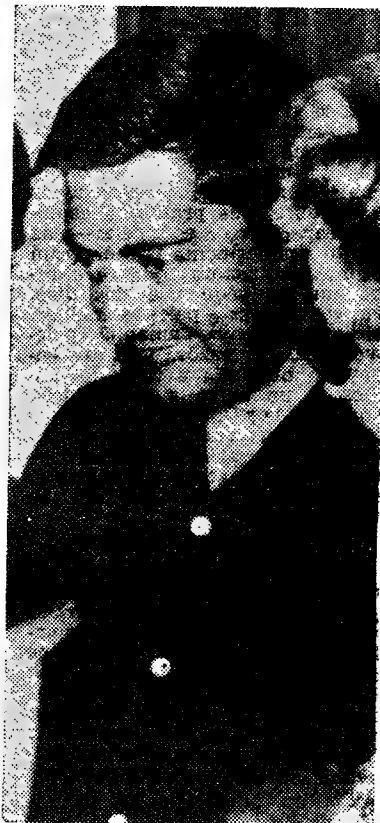
darmerie» passaram a pendurar-se na cinta dos improvisados «cow-boys». E para o índio? As calças ruivas dos galuchos de 1900 estavam mesmo a calhar. Uma blusa de operário, tingida de azul, e uma fita de pano em redor da fronte, espetada de pe-

(Continua na página seguinte)

«O filme «Um Dia de Vida» é um novo degrau na minha carreira»

— declarou-nos Augusto Fraga

ajustada deliberação do Conselho do Fundo do Cinema Nacional, parece-me que, desta vez, te-



AUGUSTO FRAGA

mos mais do que uma das várias esporádicas e aparatosas reacções do cinema português, que tem vivido sempre em crise como um doente que esteja para morrer desde que nasceu. A resolução de facilitar a produção através da concessão de subsídios, se não resolve todos os problemas da produção, conseguirá, certamente, dar mais do que uma aparência de saúde ao doente. Oferece, pelo menos, possibilidade de uma rectificação de erros. E bem forçoso é que se produzam filmes em número suficiente para as necessidades do nosso público, que não é, apenas, a gente «snob» das estreias de Lisboa e Porto, mas o espectador anónimo e pagante, que tem o direito de exigir que lhe deem um espectáculo que ele possa compreender e assimilar.

— Acha que a contribuição oficial poderá elevar o escalão dos nossos filmes?

— Permitirá a sua continuidade, o que já não é mau, porque, por ora, sem mercado mais vasto e sem defesa da concorrência estrangeira, só poderemos fazer um cinema «autenticamente» barato e comercial. Numa palavra: um cinema para maiorias. A propósito, tenho para mim que haveria muito que discutir sobre as películas para maiorias, que os entendidos, com pretensões intelectuais, procuram deitar abaixo. Maioria é força, é potência, é Nação. E a maioria tem os seus gostos e as suas debilidades. A maioria está inculcada no aspecto grande da vida, tanto no drama como na ale-

(Continua na 15.ª página)

DISNEY NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO FILME DE ANIMAÇÃO

De 10 a 15 de Setembro próximo, efectua-se em Rimini, Itália, a primeira exposição internacional do filme de animação, em que participam os seguintes países: Alemanha, Bulgária, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Israel, Checoslováquia, União Soviética e Jugoslávia.

Esta exposição, organizada na ideia de que a arte do filme de animação pode desenvolver-se mercê de uma estreita colaboração internacional e de livre troca de ideias, propõe-se valorizar e promover a expansão deste género de filmes, bem como premiar as obras que mais se tenham distinguido pela originalidade e qualidades artísticas.

O hóspede de honra do certame será Walt Disney, o inventor de um sistema cinematográfico de cartões animados capaz de interessar os órgãos culturais de numerosos países que têm uma vasta produção de filmes de animação, quer para utilizar em espectáculos, quer para pôr ao serviço das artes, das ciências, da técnica, da publicidade ou da educação.

A Exposição Internacional de Rimini, primeira iniciativa deste género no Mundo, é o reconhecimento do desenvolvimento atingido estes últimos anos pelo filme de animação, o que determinou o nascimento de um ramo autónomo de carácter industrial no domínio da cinematografia.

Os prémios serão atribuídos por um júri internacional, formado por críticos de cinema.

Homenagem a Jean Vigo

por VASCO GRANJA

Jean Vigo é um dos nomes mais significativos do cinema francês. Dizem-no os historiadores e críticos, pois em Portugal os seus filmes são inteiramente desconhecidos. Quando realizará a Cinemateca Nacional uma retrospectiva dedicada ao autor de «Zero de Condição»?

Desconhecido em Portugal, não o é na Suíça, onde a cinemateca deste país realizou no corrente ano, durante o Festival Internacional do Filme, em Locarno, uma retrospectiva consagrada ao maior criador do cinema francês, depois de Buñuel, como diz J. F. Aranda.

Para completar esta retrospectiva, durante a qual se efectuou uma exposição fotográfica sobre a vida e a obra de Vigo, a Cinemateca Suíça editou um importante volume de textos e testemunhos recolhidos por Freddy Buache, com a colaboração de Vinicio Beretta e Franco Vercelotti: «Jean Vigo (Documentos de Cinema publicados pela Cinemateca Suíça, n.º 4, Lausana, 1962).

No prefácio, Freddy Buache

justifica a intenção dos organizadores desta comovida homenagem:

(Continua na página seguinte)

PELOS PALCOS DO MUNDO

A artista brasileira Cacilda Becker está a obter o maior êxito da sua carreira, com a peça «A Visita da Velha Senhora», do autor suíço Friedrich Durrenmatt. A montagem dessa obra, representada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, custou mais de 5 milhões de cruzeiros. Exigiu 7 cenários, 16 mutações de cena, projectores cinematográficos, elevadores, câmara de televisão e 250 figurinos.

actividades do «Actor's Studio», de Roma, o director daquela escola de arte dramática, Claudio Triscoll, afirmou: «Começamos com base numa ideia muito precisa, aquela que respondesse às actuais exigências da recitação, pelo estudo e pelo aprofundamento das técnicas psicológicas que eram praticamente desconhecidas na Itália. Tais técnicas, extraídas do método de Stanislavsky, pareciam particularmente apropriadas e es-



Mariana Rey Monteiro e Alves da Costa numa cena dramática do filme «Um Dia de Vida»

(Continua na 15.ª página)

Ao encerrar o segundo ano de



Filmes de «cow-boys» realizados em França nos velhos tempos...



(Continuação da página anterior)
nas — eis o que era necessário para aparentar a ferocidade de um comanche.

A cavalaria era tão incoerente como as vestimentas. Os cavalos eram animais tristes, sem formas, que nenhuma espora estimulava, cansados já dos trabalhos agrícolas.

Esta insólita companhia tinha, no entanto, uma personagem com uma nota de autenticidade. Referimo-nos ao simpático Joë Hamman, com um ou dois anos nos ranchos de Montana e de Wyoming, companheiro e amigo de Buffalo Bill, cavaleiro de «rodagem», mestre no laço e atirador de categoria. Além da sua experiência folclórica, Hamman possuía, não um guarda-roupa, mas múltiplas peças de vestuário, quer de «cow-boy», quer de índio, as quais Jean Durand logo aproveitou para os seus objectivos. Este prestígio material contribuiu para que os filmes franceses de pacotilha apresentassem alguma veracidade.

● Hoje «cow-boy», amanhã pele-vermelha

Joë Hamman foi, por conseguinte, o primeiro actor a participar em França nesses estranhos e pitorescos «westerns». Possuía um cavalo chamado «Pé Branco», um puro sangue da Camarga, de cor ruça, ágil e seguro. Antes mesmo de filmar no Studio Gaumont, Hamman já havia interpretado «Cow-Boy», «O Desesperado», «A mão cortada» e um «Cow-boy em Paris», filmes das produtoras francesas «Lux» e «Eclipse». Foram tímidas as primeiras realizações de Durand, em consequência da debilidade económica da direcção. Fugia-se a construir qualquer «decor» — e sempre se filmava ao ar livre, aproveitando o cenário natural. Os filmes não duravam mais do que dez minutos, quase todos perpassados nas Buttes Chaumont, um aglomerado de grutas e verduras, com certo aspecto de jardim de subprefeitura... Os índios, com blusas de operário, abrigavam-se nos caminhos de Romainville. Os «cow-boys» galopavam nos terrenos vagos de Montreuil. O «cheriff» e os seus homens, quando faziam um prisioneiro, levavam-no para as caves de uma fábrica de cimento e passavam-lhe uma corda pelo pescoço. Título: «Enforcamento em Jefferson City». O rio, cortando a planura, era o Missouri... por convenção!

Na Ravina da morte, o chefe dos peles-vermelhas lograva escapar-se dos seus perseguidores atravessando a nado o canal d'Oureq, e refugiava-se no seu «wigwam» do Arizona... em Saint-Ouen, próximo das fortificações. Felizmente que estas histórias se dirigiam a um público muito novo — e, graças ao ritmo rápido das imagens, à brevidade da acção, os espectadores eram «levados», sem grande esforço, até porque à data nada tinham visto de semelhante. Gaumont congratulava-se com o negócio e decidiu ampliá-lo. Abriam-se novos horizontes. A objectiva passou para as gargantas de Franchard, em Fontainebleau, e nas dunas de sal de Ermenonville — paisagens, realmente, mais adequadas para o que se pretendia do que os pomares dos arredores de Gaumont.

Foi, todavia, na Camarga, que o «western» francês viveu os seus mais belos dias. Esta região, fértil de fauna, de água e vegetação, com os seus cavalos e touros, pastores e lugares pitorescos, logo se impôs como «otogénica» e propícia a servir de cenário às aventuras dos jovens vaqueiros e

NOVO DISCO

Após o grande êxito alcançado com o seu disco «Musica de Portugal», do qual se fizeram três edições, o conhecido cancionista António Madeira, de Almada, lançou agora no mercado um novo disco, edição de «Parlophone». Compõe-se o novo disco de quatro canções — «Lisboa», «Coimbra dos meus amores», «Minha bandeira» e «Fado de minha mãe», todas com acompanhamento do quarteto de guitarras de Martinho d'Assunção.

dos índios astutos. A equipa de Jean Durand instalou-se em Saintes-Maries-de-la-Mer, no único hotel ali existente e em algumas casas particulares, levando com ela o sopro da aventura. O actor envolvia a cinta numa cartucheira, amparava-se em dois revólveres... Ia á cavalaria, selava a montada e empenava-a. Em prejuízo mesmo das tomadas de vista, nunca abandonava o cavalo. Desdenhava andar a pé, inclusive quando necessitava de ir comprar tabaco.

Se na vila, em todas as esqui-



nas, se viam «cow-boys», também não escasseavam os índios. Mas nunca no mesmo dia. Não porque se procurasse evitar o encontro entre estes ferozes rivais de sempre, uns prontos a espingardar, outros a escalar — mas muito simplesmente porque eram os mesmos actores que se alternavam, na sequência dos dias, em «cow-boys» e peles-vermelhas. Hoje «cow-boy», amanhã pele-vermelha. Por razões práticas, rodava-se num dia a fuga dos índios, e no outro a perseguição dos «cow-boys», interpretados estes pelos actores que haviam interpretado aqueles. Eram os mesmos a correr atrás dos mesmos, sem alguma esperança de se agarrarem...

● O revólver mágico

O marquês de Baroncelli Javon, notável poeta provençal, pôs à disposição da equipa de Jean Durand as suas manadas e alguns cavalos de sela, nervosos, briguentos e teimosos. Compreendendo que aqueles homens eram cavaleiros de ocasião, os animais faziam o que muito bem lhes apetecia... Conduzir os touros era um problema, não obedeciam a papalvos

inexperientes. Às vezes, um cavalo, estacava no seu galope e coçava uma orelha com uma das patas traseiras: o «cow-boy» descrevia um círculo e dava com a cabeça no solo.

Aliás, as quedas de cavalo abundavam nesses filmes, criando, não raro, más situações. Um exemplo pleno de humor: Jack, o bom «cow-boy», era perseguido por um bando de bandidos. Destemido, volta-se na sela, e dispara um único tiro com o seu revólver. Não cai um homem — caem cinco! Uma cena esplêndida, de que a objectiva não perdeu um único pormenor... Só que quatro dos bandidos haviam tombado, não devido ao tiro, e sim devido à teimosia dos cavalos. Como remediar o percalço? Com um simples título: «O Revólver Mágico!»

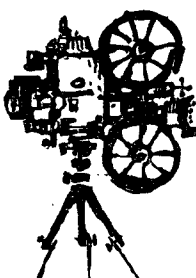
Sob a designação pomposa, de série, de «Cenas da vida do Oeste americano», foram, entre outras, realizadas as seguintes películas: «O Ataque do Rancho», «A Pradaria em Fogo», «100 dólares, morto ou vivo», etc. — aventuras em que o movimento submergia o diálogo grifado na película, diálogo que, muitas vezes, era deixado à improvisação de cada um. Caso saísse bom, registava-se.

Esse tempo, enfim, já vai longe. A Primeira Grande Guerra, eclodindo de repente, chamou os artistas às fileiras, para uma luta séria e sangrenta — e muitos deles morreram calçados. O «western», com o correr do tempo, evoluiu, tornou-se até psicológico — e, quando perpassa nos «ecrãs» das salas escuras, o espectador ignora os seus primeiros ridículos e regozija-se, tão somente, com a sua perfeição actual.

(Condensado de um artigo de Gaston Modot)

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

Estão presentemente em curso, nos estúdios norte-americanos, os seguintes filmes: «Tom Jones», dirigido por Tony Richardson e interpretado por Albert Finney e Susannah York; «PT 109», dirigido por Lewis Milestone e interpretado por Cliff Robertson e Ty Hardin; e «Spencer's Moun-



PANORÂMICA

A MORTE DE MARILYN

AGORA, que está morta, todos a choram com uma lágrima, mais ou menos sincera. Agora que Marilyn morreu, todos reconhecem que foi uma vítima...

Agora, há um coro de lamentações. Mesmo os jornais que a perseguiram com as suas objectivas indiscretas, lhe devassavam a vida privada, comprometeram o seu casamento com Miller — lembremos, para exemplo, o «escândalo» com Yves Montand — escrevem agora frases chorosas de circunstância.

Agora...

Perseguida e desprezada, escuraçada pela própria mãe, Marilyn venceu. Uma vitória falsa, é certo, mas uma vitória, apesar de tudo. Tornou-se um ídolo, que alimentou a finança, a indústria, a vaidade e a cobiça dos homens. Como o «Caixeiro Viajante», ela absorveu as fórmulas fictícias e vazias de autêntico conteúdo.

Miller escreveu a «Morte do Caixeiro Viajante» mas não se apercebeu de que o caminho de Marilyn era paralelo com a sua personagem e que ia terminar também na morte.

A beleza de Marilyn alimentou Hollywood, alimentou os jornais, alimentou o mundo insaciável.

Só ela vivia no vazio — sem família, sem amor, sem vida privada. A sua juventude gastou-a, perseguindo uma ilusão. E na hora da morte estava só, de novo abandonada e perseguida.

O seu acto desesperado pôs termo a um calvário de falsa rainha. Mas seriam os outros quem iriam, ainda, lucrar com isso.

Marilyn está morta, mas ressuscitou nos jornais, nas revistas, nos «ecrãs», na rádio, na televisão. A sua figura sofisticada de diva de almanaque inunda as tabacarias e colhe-nos em todas as esquinas.

Marilyn está morta. Desapareceu a actriz que era a própria encarnação da beleza feminina, ou melhor, o próprio símbolo da tentação. Morreu a rapariga orfã, mas nasceu o mito Marilyn.

O Mundo chora por Marilyn. O mesmo Mundo cruel que não aceitou, não amou, não acarinhou o ser humano que ela era. Prefere, agora, adorar a sua imagem fria.

MANUEL DE AZEVEDO

Homenagem a Jean Vigo

(Continuação da página anterior)

«Reunimos textos inéditos: dois argumentos de Claude Aveline e um de Philippe Soupault, assim

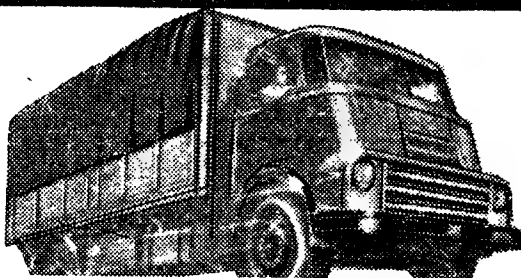
como uma série de testemunhos especialmente escritos, a nosso pedido, para este volume. Desejamos que eles contribuam para iluminar um pouco melhor o retrato de Jean Vigo e para definir com mais precisão a situação que ocupa hoje este cineasta cujo génio soube, simultaneamente, descrever o real sem complacência, e transfigurá-lo. A actualidade de Vigo é permanente: ela possui, na nossa época de profunda confusão de valores, um poder de choque tão vivo como há trinta anos. Não há hiato entre o homem e a obra: um e outro apresentam um carácter exemplar.

De toda a história do cinema, Jean Vigo é um dos raros autores, em companhia de Buñuel e Eisenstein, a mostrar, como evidência fundamental e incontestável, que o mais curto caminho da vista ao coração passa pela inteligência crítica, que a poesia autêntica e a verdade se confundem.

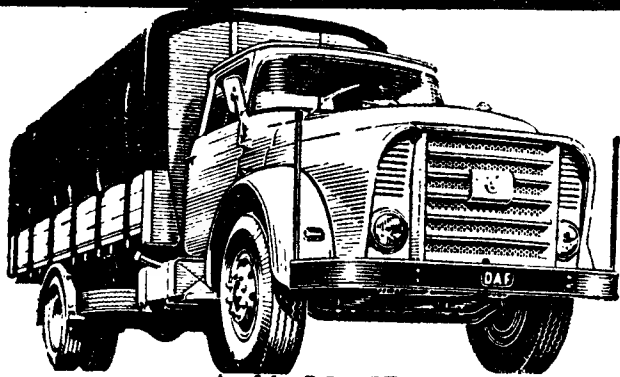
O volume inclui depoimentos de Paul Leautaud, Henri Agel, J. F. Aranda, Raymond Borde, Bernard Chardère, Louis Chavance, Jean Dasté, Lotte H. Eisner, Paul Gilson, Henri Langlois, Marcel Martin, Edgar Morin, P. F. Sales Gomes e André Thirifays. Notas biográficas e o esboço de uma biografia completa tão interessante volume sobre o grande apóstolo do documentário social, do «ponto de vista documentado», cuja concepção cinematográfica podemos sintetizar nestas suas palavras de apresentação de «A Propos de Nice», em 14 de Junho de 1930: «O aparelho de filmar registará tudo o que deve ser considerado como um documento e que será interpretado, durante a montagem, como tal. Bem entendido, o estilo de representação consciente não pode ser tolerado. A personagem deverá ser surpreendida pelo aparelho, senão deveremos renunciar ao valor de «documento» de tal cinema. E o fim será atingido se conseguirmos revelar o espírito de uma colectividade após uma das suas manifestações puramente físicas. E isto com uma força tal que, de futuro, o mundo que acompanhávamos de perto com indiferença, se ofereça a nós para além das suas aparências. Este documentário social deverá abrir-nos os olhos».



Uma das passagens mais emotivas do filme de Ingmar Bergman «Como num Espelho», a obra consagrada agora com o «Oscar» para o melhor filme estrangeiro: o médico Martin (Max von Sydow) tenta vencer uma das muitas crises de sua jovem mulher «Karin», Harriet Andersson, que tem uma interpretação notável



A 2000 DO 475



A 16 DD 575

Os camions DAF de 8 e 10 Tons. de carga útil são os mais perfeitos, que lhe oferecem o quilómetro mais rápido e mais económico

12 meses de garantia

MARIO BAPTISTA COELHO, LDA. — LISBOA

AUGUSTO FRAGA

fala-nos de «Um Dia de Vida» o seu próximo filme

(Continuação da 13.ª página)

gría, que, por ser de força maior, é problema corrente. Os morbos, os complexos, as interveniências, as preocupações tremebundas, ficam para as minorias, por entendidas no assunto...

— «Um Dia de Vida» é um passo em frente na sua carreira?

— E, se quiser, um degrau acima da escada que venho subindo. Cautelosamente, procurando aperfeiçoar, cada vez mais, o meu ofício, rodeando-me para isso de bons profissionais e nunca de amadores, tenho vindo a dirigir, sem pausas, os meus filmes e pisando bem a terra firme. Em Portugal, sem uma indústria cinematográfica organizada, falhar uma vez — é o fim. E é, na prática dos estudos, na realização dos filmes, que as qualidades criadoras se revelam e desenvolvem. O ofício não se mete a martelo na cabeça. Por isso, para corresponder à confiança daqueles que me confiam o seu di-

nheiro para transformá-lo em celulóide, não tenho corrido atrás de foguetes, nem de fantasias. O meu caminho, desde o primeiro instante, está bem traçado: fazer filmes que não pareçam ser cinema português à força de serem cinema português. O público simples quer rir ou chorar com alguma coisa que compreenda. Esta é a minha pauta: fabricar películas simples, com meios económicos compatíveis com o mercado, e a suficiente dignidade artística, que, a mim mesmo, imponho. Não se me pode acusar falta de sinceridade ou de egoísmo. Vou trabalhando sem atropelar ninguém, deixando sempre campo aberto para os outros, para os que defendem as minorias e querem obras carregadas de problemas ou para os que preferem o artesanato em vez de uma indústria, verdadeiramente válida.

— Fale-nos, agora, do seu novo filme.

— Falar de um novo filme português é sempre arriscado. A imaginação dos portugueses é de tal modo doctria que uma obra em realização, destinada à apreciação do público, é logo, no início, discutida e criticada como se todos a conhecessem... e não gostassem. No entanto, sempre direi que «Um Dia de Vida», cujo assunto já foi consagrado no palco do Trindade, dando ao seu autor, Costa Ferreira, o Prémio Gil Vicente, é mais um degrau da tal escada que vimos subindo, eu e Manuel Queirós, que só ambicionamos um cinema profissional, sem esporádicas aventuras económicas, que não possam corresponder a nenhum propósito de continuidade bem meditado. Assim, «Um Dia de Vida» vem na escala do nosso programa revelando já uma nova etapa, considerando-o no seu aspecto do sentido humano da vida. Menos concessões... menos melodramatismo do que em «Raça» — o outro degrau abaixo da nossa escada. E' que, para se chegar a qualquer sítio, é necessário a eleição oportuna do caminho a seguir e logo uma continuidade no andar. E subir é sempre muito mais difícil (e por isso exige mais cautelas) do que caminhar a direito...

EQUIPA

cinematográfica

japonesa

em Portugal

Vinda de Roma por via aérea, chegou ontem a Lisboa, uma equipa de filmagem japonesa que, durante seis dias, permanecerá em Portugal, a fim de terminar um documentário intitulado «Os Japoneses no Mundo». Esta película, que já foi rodada em França, Itália, Alemanha, etc., tem por objectivo focar aspectos do Japão espalhados pelo Mundo.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

ENSINO PRÁTICO COMERCIAL — BENFICA

Rua Cláudio Nunes, 21 — Tel. 701338

EXTERNATO ANGOLANO

Cursos Primário e Técnico (diurno/nocturno)

Esteno-Dactilografia — Mecanografia — Contabilista — Máquinas de Contabilidade e escrever «Olivetti» — Explicações ABERTAS AS MATRICULAS



Carmen Mendes e Josefina Silva num dos episódios de «Um Dia de Vida»

PELOS PALCOS DO MUNDO

(Continuação da 13.ª página)

senciais para a recitação diante das camaras». Salientou, então, que estes dois anos terminaram com o aparecimento de um grupo

A estreia do filme

«Retalhos da Vida de Um Médico»

A estreia do filme «Retalhos da Vida de Um Médico», realizado por Jorge Brum do Canto, segundo a conhecida obra do ilustre romancista e nosso prezado colaborador Fernando Namora, foi marcada para 23 de Novembro.

O filme, aguardado com invulgar interesse, será apresentado, simultaneamente, nos cinemas Tivoli e Politeama, em Lisboa, e Rivoli, no Porto.

O PROGRAMA

«Meia Noite»

de Rádio Clube Português

Anunciam-se para breve grandes remodelações no programa «Meia Noite», transmitido todas as madrugadas, directa e simultaneamente pelos cinco emissores de Rádio Clube Português (Lisboa, Parede, Porto, Miramar e Modulação de Frequência, ondas médias e curtas). Prevê-se a entrada de novos colaboradores no referido programa.

de jovens actores e actrizes, totalizando vinte e cinco.

Luca de Tena, novo director do «Teatro Espanhol», de Madrid, anunciou que vai formar uma companhia que esteja familiarizada com o género que o teatro vai cultivar. O «Teatro Espanhol» — acrescentou — serão apresentadas unicamente obras de autores consagrados universalmente: Lope de Vega, Shakespeare, O'Neil, Bernard Shaw, Pirandello e outros grandes autores. Com respeito a estreias, Luca de Tena disse que só terão lugar as de obras galardoadas com o Prémio Lope de Vega, que o «Ayuntamiento» concede anualmente a obras inéditas.

Segundo notícia a A. N. I., o director do Teatro de Ensaio de Lisboa, João Sarabando, encontra-se em Madrid para tratar da estreia em Lisboa da peça «Diálogo com a Morte», de Fernando Martínez Beltrán. Aquela obra foi já traduzida para português e será editada de forma a coincidir com a sua estreia teatral em Lisboa. A esposa de Sarabando, Judith Maria, terá a seu cargo a interpretação da principal figura feminina do «Diálogo com a Morte». Sarabando disse não saber ainda a data exacta da estreia em Lisboa da peça, mas pensa que será entre os meses de Outubro e Novembro.

VIDA MUSICAL

O programa do concerto desta noite, em Sintra

O VI Festival de Sintra prossegue esta noite, no Cine-Teatro Carlos Manuel, com o recital do pianista Julius Katchen, o famoso artista, que desfruta em todo o Mundo de grande reputação, e que se tem apresentado em concertos de conjunto tocando a trio com Distrak e Pablo Casals.

Pianista americano da melhor estirpe, interpretará um excelente programa, no qual se incluem: «Sonata em ré maior v. 234», de Mozart; «Sonata ops. 57», (apassionata), de Beethoven; «Vier Klavierstücke», de Brahms; «Fantasia op. 15», de Schubert; «Balada n.º 3, em lá sustenido maior», de Chopin; «Clair de Lune», de Debussy; e «Rapsódia Hungara, n.º 12», de Liszt.

Orquestra Sinfónica de Lisboa

A Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do maestro Fernando Cabral, retoma amanhã a noite, no Pavilhão dos Desportos, a série de concertos que ali tem vindo a realizar sob a égide da Camara Municipal de Lisboa.

O concerto de amanhã, que começa às 21 e 45 e para o qual são gratuitamente distribuídos bilhetes nas bilheteiras do Pavilhão e nos Paços do Concelho, conta como motivos de interesse com uma primeira audição, o «Concerto n.º 3», de Gahalevesky, para piano e orquestra. Será solista o pianista José Carlos Picoto.

Serão ainda apresentados: abertura da ópera «Penélope», do compositor clássico português Sousa Carvalho; «Scheerazade», de Rimsky-Korsakov, música que serviu o célebre bailado dos «Ballets Russes»; dois nocturnos, de Debussy; e «Orgia», da «suite» das «Danças Fantásticas» de Turina.

Concerto de homenagem a Calouste Gulbenkian

No auditório da Fundação Gulbenkian, a Palhavã, a Fundação Musical dos Amigos das Crianças, promove hoje, ao fim da tarde, um concerto de homenagem ao grande benemérito. A Orquestra Juvenil daquela Fundação, composta por jovens dos dez aos dezoito anos, interpretará um programa variado. Serão solistas Fernando Figueiredo Ferreira, em flauta; Jorge Moyano Marques, em piano; José Ferreira e Anabela Gonçalves, em violino; e Luísa de Vasconcelos, em violoncelo.

«Duas Sonatinas Recuperadas», de Fernando Lopes Graça

Em férias, podemos ler (livros e partituras), ouvir discos e música retransmitida, com muito mais desanuviamento. O mal é a abundância de solicitações e estão a nossa espera, há tempos exageradamente longos, uns quantos documentos de que queríamos ocupar-nos, desde que os recebemos. O primeiro, será o novo disco (novo, porque foi o ultimo cometimento dos «Arquivos Sonoros Portugueses») preenchido pelas «Duas Sonatinas Recuperadas», de Fernando Lopes Graça, para piano, tocadas por Maria Elvira Barroso.

O título, «Sonatinas Recuperadas», tem o aspecto de uma esquisitice. Nada, porém, de mais justificável, a própria nota do disquinho esclarece que estas encantadoras páginas foram compostas há uns quinze anos talvez (o próprio autor não sabe precisar), mas ficaram inacabadas; só em 1960 se resolveu o autor a terminá-las, salvando-as da própria indiferença a que as tinha votado.

São seus traços principais uma sadia frescura, onde o apontamento popular não falta, mas é muito discreto, e uma fantasia que toma, por momentos, o aspecto de improviso, apesar de não dispensar as bases da estrutura clássica. E o conteúdo, exprimido por uma linguagem bem própria do autor, não se furta à densidade emotiva que Fernando Lopes Graça traz no amago do seu ser.

A execução de Maria Elvira Barroso, nítida e bonita, não só tira partido da qualidade percussiva e das felizes ressonâncias pianísticas da realização do autor, como se ve inteligentemente as suas intenções.

Este disco é mais um serviço relevante, nas suas discretas proporções, que os «Arquivos Sonoros Portugueses» prestam à musica portuguesa, desta vez sob feição erudita.

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO

PEREIRA & C.ª

RUA DO CARMO.

PEQUENO MAGAZINE

CARLOS V

lançou a moda
das cabeleiras postiças

Atacado de estranha doença no coiro cabeludo, o imperador Carlos V teve,



um dia, de rapar o cabelo e começou a usar cabeleira postiça.

Por espírito servil de imitação e para lisonjear o soberano, os palacianos logo começaram a usar cabeleiras postiças — de onde a moda generalizada, naquele tempo, mesmo entre os que dispunham de abundante ornamentação capilar.

O Japão fabricará foguetões de desenho sueco

Informam de Estocolmo que foguetões anti-submarinos e lançados de foguetões de desenho sueco vão ser fabricados no Japão, segundo um contrato de licença firmado entre a Companhia Bofors e um grupo industrial japonês. O contrato é válido pelo período de dez anos.

NOVO «record» da produção automobilística no Brasil

A produção da indústria automobilística brasileira bateu novo «record» no passado mês de Julho. Sairam das onze fábricas existentes no país 18.176 veículos, que elevam a produção, este ano, a 104.024 unidades, sendo 45.956 carros de passageiros, 23.945 utilitários, 12.810 «jeeps» e 21.813 ônibus e camiões. A empresa que mais produziu foi a «Volkswagen», com 21.220 unidades, fabricadas de Janeiro a Julho, o que representa 46,17 por cento do total da produção no Brasil.

Imprensa económica

Setenta e seis revistas e boletins, com uma tiragem de 583.100 exemplares, são editados pelas oito e uma Camaras de Comércio e Indústria, agrupadas na Federação das Camaras da Alemanha.



...E, por fim, esquecera-se do essencial — o dinheiro.

Um museu de folclore único no Mundo

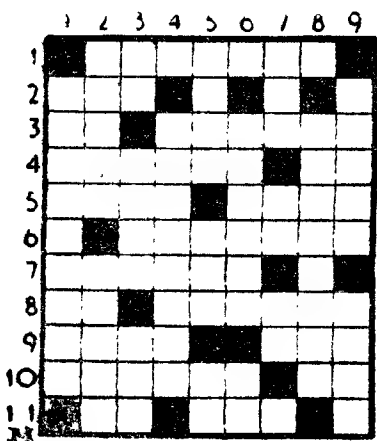
Não tem similar o Museu do Folclore holandês, em Arnhem. Museu ao ar livre, que celebra este ano o seu cinquentenário, vem atraindo, principalmente nos anos do pós-guerra, numero sempre crescente de visitantes (350.000 no ano passado).

Fazem parte deste museu, espalhados por uma vasta região de bosques, autênticos exemplares das antigas estalagens, fazendas, moinhos e albergues (em actividade), com os utensílios de que as pessoas se serviam antigamente, os trajes típicos, em resumo, tudo o que representa a vida e a cultura rurais do passado. O museu foi fundado com o objectivo de estimular o estudo da vida rural e, actualmente, goza de excelente reputação, que já ultrapassou as fronteiras da Holanda.



PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIOS)
Problema n.º 2767



HORIZONTAIS: 1 — Decrescer. 2 — Dama de companhia. 3 — Porco. 4 — Aberto. 5 — Estrela de primeira grandeza da constelação da Águia.

CAMINHOS DE FERRO

Horários dos comboios
LINHAS DO SUL E SADO

Comunica-nos a C. P. que desde 19 de Agosto a 9 de Outubro é estabelecido o seguinte serviço especial: Automotoras n.ºs 8322/8125 — Efectuam-se diariamente entre Évora e Funcheira.

Comboio n.º 9011 (rápido do Algarve) — Efectua-se diariamente entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana com ligação para Lagos, dando também ligação para Sevilha.

Automotoras n.ºs 8126/8330 — Efectuam-se diariamente entre Funcheira e Évora.

Comboio n.º 9012 (rápido do Algarve) — Efectua-se diariamente entre Vila Real de Santo António-Guadiana e Barreiro, com ligação de Lagos e Sines, recebendo também ligação de Sevilha.

Parcência. 5 — Costumar. Alegria. 6 — Extrai. 7 — Chamas a ti. 8 — Nome de letra grega. Immediato. 9 — Caminhando. Botequim. 10 — Enche completamente. Apenas. 11 — Alternativa. Gritos de dor. VERTICAIS: 1 — Atolaria. 2 — Juízo. Idiota. 3 — Seguiu. Aparelho de tecer. Ofertou. 4 — Traços. 5 — Dirigi. Gracejar. Pronome pessoal. 6 — Deito abaixo. Nesse lugar. 7 — Rio de França, afluente do Rodano. Prefixo de negação. Símbolo químico do nióbio. 8 — Quedas de água. 9 — Tonsura. Rezou.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o Provérbio nele inscrito. Solução do problema n.º 2766

HORIZONTAIS: 1 — Irada. Tom. 2 — TARDU. 3 — Forrais. 4 — Aro. Placa. 5 — MAS. Eu. Ai. 6 — Es. Entala. 7 — Real. 8 — Semi. Sal. 9 — Age. 10 — ARECADO. 11 — Sé. Mor. Si.

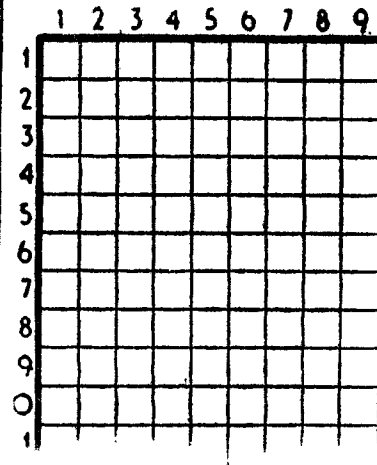
VERTICAIS: 1 — Infame. Suas. 2 — Orasse. Ré. 3 — Astras. Mar. 4 — Dar. Erigem. 5 — Arapene. Eco. 6 — Dilutas. Ar. 7 — Tosa. Aland. 8 — Ou. Cal. Os. 9 — Sais. Mui. PROVERBIO — TARDU MAS ARRECADU.

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4812

HORIZONTAIS: 1 — Rei da Pérsia que foi vencido em Maratona. 2 — Preposição. Ente. Viração. 3 — Ecoe. Nome de mulher. 4 — Decapitadas. 5 — Estavam. Ninhos. 6 — Vulcão que expelava lama salina. 7 — Estreito. 8 — Erga. Preposição. 9 — Referida. 10 — Lavrai. Rezes. 11 — Apelido. Ilha do Arquipélago de Cabo Verde. Isolado.

VERTICAIS: 1 — Altivez. Pasadas. 2 — Reduzir a farinha. Afia. 3 — Copista e iluminador do século XII, autor do códice Apocalipse de Lorvão. Apelido. 4 — Artigo definido. Salifa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.



Rio de Portugal. 5 — Verdadeiro. Estro poético. 6 — Caminhar. Azo. Lista. 7 — Cantiga. Semelhante. 8 — Nome de homem. Tapes. 9 — Lavrasse. Plano.

Solução do problema n.º 4811

HORIZONTAIS: 1 — Veto. Rem. 2 — Ira. Par. 3 — Rã. Cem. Sá. 4 — Marraram. 5 — Rim. Ela. 6 — AC. Sãs. As. 7 — Rãs. Nas. 8 — Mistério. 9 — E's. Aço. Ra. 10 — Uro. Eco. 11 — Amo. Eros.

VERTICAIS: 1 — Vir. Carmen. 2 — Eram. Cães. 3 — Tá. Ar. SS. Um. 4 — Cris. Taro. 5 — Permaneco. 6 — Rama. Saro. 7 — Ir. Ré. Si. Er. 8 — Sala. Orço. 9 — Damaso. Aos.

FOTOGRAFIA A CORES

Laboratórios Especializados

FOTOFILME Rossio, 101

1.º tel. 323192
(ao lado da Pastelaria Suíça)

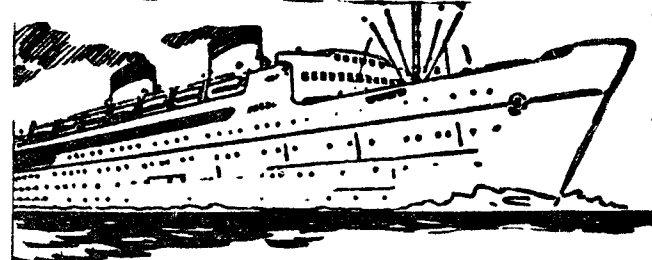
As pessoas com pouco cabelo, ficam surpreendidas quando usam BEL HAIR. A firmeza suave de BEL HAIR, dá um aspecto natural às cabeleiras pouco fartas.



um fixador que fixa...
...mas de que maneira!

Um fixador diferente para senhoras, homens e crianças — não tem gordura — perfeitamente solúvel na água — sintético, plástico, orgânico — assimilável pelos cabelos aumentando a consistência natural, o que significa o mesmo poder de fixação para menor quantidade de fixador

bel hair FIXADOR FLEXÍVEL



"ITALIA"
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA:

AMÉRICA DO SUL

GIULIO CESARE

4 de Setembro

RIO DE JANEIRO
SANTOS
MONTEVIDEO
BUENOS AIRES

MEDITERRÂNEO

AUGUSTUS

3 de Setembro

BARCELONA
CANNES
GÊNOVA
NÁPOLES

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGENCIA MARITIMA
TRANSATLÂNTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-F, 1
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO
& C.ª LDA.
Rua Nova da Afandega, 12
Telefone 28421

MARLO

O MEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE
sob a orientação científica
do dr. L. M. LEVITT

271



UM CADÁVER NA ESTÁTUA DA LIBERDADE

por CORNELL WOOLRICH



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — O detective Steve Ennis passa por um sujeito gordo que sobe penosamente a escada em espiral da Estátua da Liberdade. «É um assassínio» declara o dito sujeito, falando mais verdade do que pensa. Quando Ennis desce, o homem gordo desapareceu, mas o seu chapéu jaz esquecido, sob um banco. Ennis, sentindo despertar em si o seu interesse profissional, não logra descobrir o paradeiro do homem gordo...

CAPÍTULO II

Entretanto, já se fixara no meu espírito que a devolução daquele chapéu ao seu proprietário, me ia dar água pela barba. Mas não era o chapéu em si. Era o completo desaparecimento do homem, o que mais me intrigava. E logo um homem daquele tamanho! Não me sentia tão irritado, se se tratasse de alguém menos — como dizer? — palpável. Mas um grandalhão daquele diametro, volatizar-se por obra de magia... Não, essa não comia eu.

Quando regresssei, o barco já chegara e os excursionistas subiam, agora, pela prancha de acesso. Nesta viagem, o «ferry» não trouxera ninguém, pois as visitas á estátua acabavam ás 4 e 30 e aquela fora a última.

Meti o chapéu na mão de uma das sentinelas de guarda ao cais.

Entreguei isto na secção dos perdidos e achados, faça o favor. Não consigo descobrir o dono e já estou farto de andar de um lado para o outro, com este chapéu na mão.

A secção fica na Battery. O senhor mesmo terá de se encarregar disso á chegada a Nova York — disse-me a sentinela.

Quer dizer, o chapéu continuava na minha posse. Mas não refletei, certo como estava que encontraria inevitavelmente o seu proprietário no barco, visto que, por hoje, era aquela a última travessia. A prancha foi retirada e aprofamos á baía.

O cavaliheiro tem de estar a bordo — disse eu aos meus botões. — Com certeza, não vai pas-

sar a noite na ilha. E barco algum o veio buscar entre a nossa chegada e a partida. — Disso não tinha eu duvidas, já que o «ferry» só fazia uma travessia por hora, e aquele era o unico em serviço aos dias de semana.

Iniciei, portanto, a busca, de cima a baixo. No «salão», encontravam-se apenas um pai, com um gaiato de cada lado, muito ocupados em balouçarem as pernas no jeito que os gaiatos adoram fazer, e outro senhor, sem dar um «tusto» pela paisagem, muito entretido a ler o jornal. Perguntei a mim próprio, porque diabo fizera ele o passeio.

Na coberta de bombordo, que era de onde a vista mais interessava, meia dúzia de passageiros fora instalar-se nas cadeiras de palha, como se estivessem em cruzeiro de luxo, com a diferença de não haver criados a servir aperitivos. O homem gordo tão-pouco se encontrava ali.

Dirigi-me então á coberta de estibordo, deparei com a morena tipo Lollogrinda, que eu deixara sózinha lá em cima na plataforma, de observação da estátua. Era o unico passageiro daquele lado. Passei por ela, lentamente, observando-a bem, sem contudo a olhar com demasiada insistência. Ela aceitou o exame sem se dar por achada. Talvez já estivesse habituada a que a admirassem, porque a verdade é que era um bom naco.

Para ser franco, eu não tinha qualquer prova de que a morena tivesse feito a passeata na companhia do camarada gordo. Ainda que desse tratos á cabeça, não me recordava de a ter visto com ele na primeira travessia. A unica coisa de que tinha a certeza é que o homem viera na companhia da mulher, porque ele próprio me mencionara o facto, quando eu me sentara no banco a seu lado. Portanto, alguém tinha de ser a mulher. Mas quem poderia ser esse alguém? De todas as senhoras a bordo, só aquela vinha sózinha e, portanto, sobre ela recaíam as maiores probabilidades.

Parei ao chegar ao extremo da coberta e voltei atrás. Os olhos da «madame» não deram mostras de me ter visto, fixos como estavam numa direcção oposta e distante.

Parei em frente dela e, levando dois dedos ao chapéu, disse-lhe:

— Desculpe-me, mas encontrei o chapéu do seu marido. — E dizendo isto, estendi-lho.

Ela olhou-me da cabeça aos pés e foi como se dos seus olhos se desprendessem pingentes de gelo.

— É um belo truque, o seu — disse-me — porque não sou casada e, portanto, o meu marido não tem chapéu. — Lançou-me novo olhar de agulhas e alfinetes e concluiu: — Compreendido? E fique sabendo que não estou interessada em travar conhecimentos a bordo de um «ferry».

— A senhora está enganada — retruquei-lhe, empertigando-me. — Eu já sou casado.

Mas ela limitou-se a encolher os ombros e a dizer:

— Disso não tenho culpa. Acontece apenas que umas mulheres são mais infelizes que outras.

Levei tempo a apreender o significado da frase. Mas, depois de lha ter apreendido, tão-pouco gabei muito com isso. Neste negócio do dizes tu direi eu, a mulher leva sempre a palma ao homem. Elas têm garras e eles apenas os punhos. — Acha? — perguntei, como já os homens diziam em 1925.

Toda esta história era de fazer perder a cabeça a um santo. Era uma vez um homem gordo, uma esposa e um chapéu (mas não os três ao mesmo tempo). Depois, desaparece o homem gordo. Segue-se o desaparecimento da esposa. Já não teria ficado surpreendido se acabasse por descobrir que tão-pouco havia chapéu, conquanto o seguisse naquele momento entre o polegar e o indicador.

Rapei da lapiseira.

— Importa-se de me dar o seu nome?

— Importo-me, sim senhor.

Rapei da chapa e mostrei-lha.

— Faça-lhe esse pedido na qualidade de detective e não de seu pseudo-admirador.

Ela murmurou qualquer coisa pouco lisonjeira para o meu «ego». De qualquer forma, ela não agradara ao meu «ego» desde o principio.

— E agora, importa-se?

— Mais do que nunca. Mas se tem assim tanta vontade de saber o meu nome, cumpra-se a sua vontade. Espero que me deixará, depois, em paz. — Atirou para trás a lingueta da carteira e começou a rebuscar qualquer coisa, que eu julguei ser o bilhete de identidade. Depois, tirou um espelho e olhou-se atentamente. — Não esperava um interrogatório de terceiro grau e por isso não vim preparada.

— Uma pergunta não é um interrogatório.

— A circunstancia de o ver parado aí á minha frente, já é uma sentença punitiva — disse ela. Era um encanto!

Limitei-me a ficar á espera.

— Chamo-me Colman. Alice Colman. Morada: Alcove Apartments, Tarrytown. Satisfeito?

— Por agora.

— Que? Vai haver mais?

— Esperemos que não.

— Com certeza, não está a falar a sério — ri-postou, já francamente zangada. Fez uma pausa e depois continuou, mudando de tom: — Não, não está a falar a sério. O senhor espera que haja mais. E se arranjar maneira, fará que haja mais. E' assim que os senhores, os da Policia, procuram justificar o ordenado, remexendo tudo para do nada criarem um caso.

— Quer a senhora dizer que não reparou no homem gordo que visitou connosco a estátua?

— Como não havia eu de reparar nele, se todo o tempo, nos tirou quase sempre a vista? Mas porquê casar-me com ele, tornando-me no bode expiatório da história?

— Perguntei apenas — respondi, imperturbavelmente.

E com isso findou a nossa breve e cordial entrevista. Ela desapareceu da coberta, como se não aguentasse a minha presença um minuto mais. Via afastar-se. Em que lhe podia pegar? Responder desabridamente a um representante da lei?

Depois do barco atracar, fui postar-me á saída da prancha de desembarque, á frente de todos os passageiros e a cada um deles fui fazendo as mesmas perguntas. «Policia... Nome, por favor... morada... traz o bilhete de identidade?»

Por fim, tinha comigo as identidades de todos quantos me tinham acompanhado na excursão... de todos menos daquele que era o causador de tudo aquilo. E o caso era que o sujeito gordo continuava sem aparecer. Não havia já duvidas de que não fizera a viagem de regresso no «ferry». Daí, ou se encontrava na ilha, ou nas águas que a circundavam. Morto, vivo, ou entre os dois estados...

O ultimo passageiro a sair foi a «vamp» de cabelos pretos, conquanto eu não devesse classificá-la como tal, pois a verdade é que não se fizera «vamp» comigo. Ponhamos, pois, a coisa nos seus devidos termos: o ultimo passageiro a sair foi a «vamp» (em potência) de cabelos pretos.

Parou. Entreolhámo-nos. Decididamente, não simpatizávamos um com o outro.

— O senhor ainda vai ter noticias minhas — disse-me sem tentar ocultar uma velada ameaça.

— E a senhora terá muita sorte — respondi, com reservada dignidade (pelo menos foi esse o tom que procurei dar á resposta) — se não receber, primeiro, noticias minhas.

(Continua)

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS COMBOIOS DOS DOMINGOS

Esta venda começa-se á fazer ás 6.ª-feiras na estação do Cais do Sodré. Aos domingos, tanto do lado da Avenida 24 de Julho como do lado do Jardim, funcionarão outras bilheteiras destinadas aos srs. passageiros que se dirijam a Santo Amaro Oeiras Carcavelos e Cascais, mantendo-se nas bilheteiras normais a venda para todas as estações.

EXCURSÃO A PENACOVA, CRUZ ALTA, BUÇACO, LUSO

Comunica-nos a C. P. que se esgotou a lotação da excursão que leva a efeito no dia 26 do corrente, de Lisboa a Penacova, Cruz Alta, Buçaco, Luso, e volta.

Mais nos comunica que por terem ficado ainda muitas pessoas sem bilhete para tão magnifico circuito turístico, resolveu repeti-lo, mais uma vez, no próximo dia 9 de Setembro.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2. — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, Ossos e Articulações — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das Senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Romão Lott — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas
Dr. Maria José Leão — Análises clinicas — As 9 horas,
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas

TERÇA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1962

BRASÕES

observe-se com atenção modelos expostos ANIBAL, grav. Unico especializado Rua Nova do Almada 64, T. 326162

FESTAS DE VERAO NA CORUNHA

Nos dias 1 a 31 de Agosto de 1962 Por motivo destas festas, a C. P. tem á venda, nalgumas estações, (entre as quais Lisboa-Santa Apolónia, Coimbra Porto, Braga Viana do Castelo), bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos, para a estação de Corunha. Período de venda — 27 de Julho a 31 de Agosto.

Pintor José Félix

A sua familia agradece, por este meio, a todas as pessoas que, por qualquer meio, manifestaram o seu pesar pelo seu falecimento, na impossibilidade de o fazer directamente, pelo desconhecimento de muitos endereços.

FATOS DE BANHO

estrangeiros, lastex, desde 1955 medidas pequenas e grandes.

CASA GRILLO

R. CONCEIÇÃO, 71, 73

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUCAM SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

FOLHA-DE-FLANDRES—Sempre a preços muito accessiveis. — CICC, LDA. — Rua D. João V, 7-13 — LISBOA — Telef. 684141/2/3

PORTIMÃO

Visite esta linda cidade

e o CAFÉ NACIONAL

que tem ao seu dispor um serviço esmerado

CAFÉ NACIONAL

FOTOS DE ARTE

Execução perfeita

Estúdios da Fotofilme

Rossio, 101 — Tel. 323192 (ao lado da Pastelaria Suissa)

Externato Angolano

Ens. Infantil — Primário — Técnico Ambos sexos. Transporte. Tel. 701338

Melhoramentos na histórica povoação de Coito de Midões

A antiga e pitoresca povoação de Coito de Midões, excelente miradouro para um vasto panorama que abrange as serras da Estrela, da Lousã e do Caramulo, cujo passado histórico se revela nos testemunhos do domínio romano, tem progredido sensivelmente nos últimos cinco anos pelo esforço dos seus naturais, agrupados na Liga Regional Coitense.

Com modestas quotizações, foi possível reunir, nesses anos de existência da Liga, quase meia centena de milhar de escudos, que possibilitaram a realização de diversos melhoramentos, tais como alargamento de ruas, iluminação pública, arranjo de caminhos, etc. Estão, agora, em curso outros melhoramentos, tendo uma potente escavadora procedido, nestes últimos dias, às terraplenagens dos caminhos de ligação ao Esporão e Touriz e do Largo da Capela à estrada de São Miguel, as quais se espera ver transformadas, num futuro próximo, em boas estradas de acesso à risonha povoação, que procura, assim, com o entusiasmo dos seus filhos, transformar-se na aldeia alegre e progressiva que pode e deve ser.

FESTAS E ROMARIAS

Em Arouca

AROUCA, 21. — Amanhã e nos dois dias seguintes, efectuar-se-ão as tradicionais festas do concelho, que atraem sempre a esta vila milhares de forasteiros. As principais artérias estão vistosamente engalanadas, esperando-se que os festejos tenham o êxito dos anos anteriores.

Amanhã, ao alvorecer, será lançada uma salva de morteiros; às 9 horas, começará a feira anual, dos mais variados artigos; às 12, será inaugurada uma importante feira de gado; às 17, chegará a Banda Musical de Alvarenga, que dará concertos, na Praça Landão de Vasconcelos, durante a tarde; e à noite, arraial, que terminará, às 24 horas, com uma sessão de fogo de artifício.

Em S. Manços

EVORA, 21. — Nos dias 26 e 27 do corrente, efectuar-se, na progressiva freguesia de S. Manços, as tradicionais festas anuais, que compreendem, no primeiro dia, uma tourada à portuguesa, a Feira Franca, com muitas barracas de venda dos mais variados artigos, e os divertimentos habituais.

O PERIGO das bombas de foguete

VILA REAL, 21. — Deram entrada no Hospital da Misericórdia, desta cidade, vindos das Pedras Salgadas, Silvino Albano de Sousa, de 9 anos, filho de Carlos de Sousa e de Cesaltina Conceição, e António Joaquim Martins Silva, de 10 anos, filho de Paulino da Silva e de Umbelina da Conceição Martins, o primeiro sem a mão esquerda e o segundo com ambas as mãos esfaceladas, em virtude de, quando ambos tentavam acender uma bomba de foguete, esta ter rebentado, antes que a pudessem atirar.

A industrialização da pesca do atum em Cabo Verde

ILHA DO SAL, 21. — Chegou aqui, de passagem para São Vicente, uma delegação da Ferrostaal, de Essen, que há pouco tempo assinou um contrato com um forte grupo português, constituído pela Empresa de Pesca de Aveiro, Lda., a «Cofaco» — Comercial e Fabril de Conservas, Lda. e Feu Hermanos, Lda., para industrialização da pesca do atum em Cabo Verde, com base naquela ilha.

A missão desloca-se a este arquipélago, com demora de cerca de quinze dias em São Vicente, para estudos dos problemas relacionados com o estabelecimento desta grande indústria, cujo empreendimento está orçado em mais de 250 000 contos. — (L.).

Em ALCANENA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

O NOVO

MORRIS

1100

CONTINUA EM EXPOSIÇÃO NOS
STANDS DE A. M. ALMEIDA, LDA.
LISBOA—AVENIDA DA LIBERDADE, 11-11-A
PORTO—RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 501
E NOS SEUS AGENTES EM COIMBRA
AV. FERNÃO DE MAGALHÃES, 70-78

Terá grande importância o X Congresso Internacional de Pediatria que vai reunir-se em Lisboa

Foi há três anos, em Montreal, no Canadá, que ficou decidida a realização do X Congresso Internacional da Pediatria, em Lisboa. A reunião efectua-se, com efeito, de 9 a 15 de Setembro, na Cidade Universitária.

O congresso, que terá a participação de mais de 3000 congressistas, provenientes de 68 países, realiza-se com o patrocínio do sr. Presidente da República, sob os auspícios da Associação Internacional de Pediatria e da Sociedade Portuguesa de Pediatria. Constituirá um acontecimento de excepcional interesse na vida cultural e científica da Nação, com uma projecção além-fronteiras da maior importância.

Foi constituída a comissão organizadora pelos srs. prof. Salazar de Sousa, presidente, dr. J. Santos Bessa, vice-presidente, prof. Mário Cordeiro, secretário-geral, e dr. Silva Nunes, secretário-geral adjunto. A comissão conta com a colaboração dos prof. Castro Freire e drs. Horácio Menano, M. L. Levy, Rosa de Oliveira, Marques Pinto, M. Abecasis, J. Salazar de Sousa, Maia Mendonça, D. Salvador da Cunha, Luís Pimentel, J. Moreira Braga, P. Madeira Pinto, A. Campos de Oliveira, F. Arrobas.

A actividade dos organizadores do X Congresso Internacional de Pediatria mereceu a melhor atenção das entidades oficiais, designadamente dos srs. ministros do Interior, das Finanças, dos Negócios Estrangeiros, da Educação Nacional e da Saúde e Assistência, que se contam entre as entidades que constituem a comissão de honra.

Os programas científico e social do Congresso

O planeamento do programa científico foi dos trabalhos árduos da organização do congresso. Teve que se apreciar, escolher e programar um milhar de comunicações, a distribuir por 17 secções de grupo, com 56 sessões de trabalho. Funcionário, ao mesmo tempo, 9 salas,

todas com interpretação simultânea para francês e inglês, além de três sessões plenárias dedicadas a temas de maior actualidade, alguns simposios e mesas redondas. Numa sala especial, exibem-se 38 filmes científicos. A parte científica comporta, também, 118 «stands» de exposição de trabalhos de investigação pediátrica, sob a forma de gráficos, diapositivos, fotografias e desenhos.

Programa científico tão complexo como este, tinha de ser enquadrado num programa de manifestações sociais que possibilitasse aos participantes o melhor aproveitamento do tempo livre, permitindo um convívio amistoso e o encontro frutuoso dos congressistas de 68 países.

Na preparação do programa social, teve a comissão organizadora a melhor compreensão por parte das mais diversas instituições. Deve referir-se a colaboração do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Câmara Municipal de Lisboa, que oferecem recepções aos congressistas, nas Necessidades e em Montes Claros, respectivamente, do Secretariado Nacional da Informação, que apresenta o grupo de Bailados Verde Gaio na recepção-jantar da F. I. L. e colabora na «Tourada à Antiga Portuguesa» e, ainda, os proprietários das principais casas agrícolas do Ribatejo, que dão o seu concurso à «Festa no Campo», espectáculo que se dedica a todos os congressistas, no ultimo dia do congresso, e que se realiza na Herdade de Pancas.

Pedreiro trucidado por um comboio

MOURISCAS, 20. — Próximo do disco da linha ascendente da estação de caminho de ferro desta localidade, foi trucidado, pelo comboio da noite, o pedreiro Julio Gonçalves Madeira, solteiro, de 26 anos de idade.

Carreiras aéreas

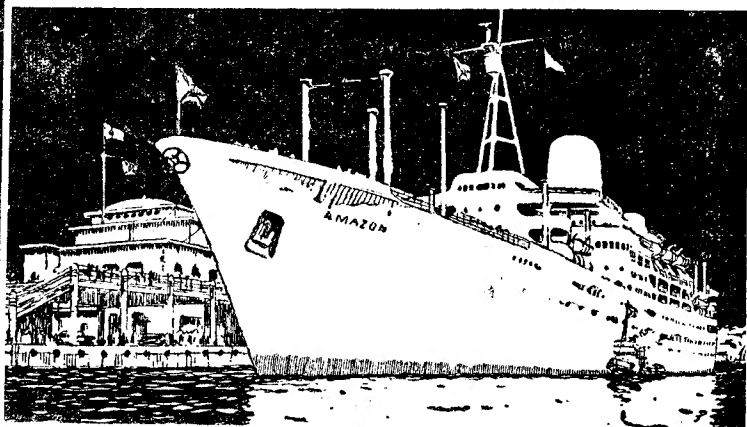
Novos voos para turistas

A T. W. A. foi autorizada a realizar cinco voos, em Outubro, para Portugal, desviando a rota da carreira Nova York-Madrid, para Lisboa, trazendo em cada voo 80 passageiros, que ficarão alguns dias em Portugal, onde iniciam a excursão para outros países euro-

peus. Serão num total de cerca de 400 os passageiros americanos que assim visitarão o nosso País.

A Canadian Pacific Airlines deve realizar, também, uma série de voos, do Canadá para Portugal, calculando-se, como dissemos, em cerca de 3000 os turistas canadianos que virão até nós.

Mala Real Inglesa



Para: LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES

ARAGON — Setembro 6
ARLANZA — Setembro 27
AMAZON — Outubro 25

Para: LONDRES

ARLANZA — Setembro 3
AMAZON — Setembro 30
ARAGON — Outubro 21

RECEBEM PASSAGEIROS EM 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSES E CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

AGENTES EM LISBOA

Para Paquetes da Classe «A» e Passagens de 1.ª e 2.ª Classes
James Rawes & Co. Ltd.

Rua Bernardino Costa, 47 — Tel. 323232 e 35331 (5 linhas)

Para Passagens de 3.ª Classe

E. Pinto Basto & C.ª, Ld.ª

Av. 24 de Julho, 1-1.ª — Tel. 31581 (10 linhas)

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 21 de Agosto de 1932 publicava:

— Destruindo a versão posta em curso após a morte do ex-rei, segundo o qual o último soberano português legaria toda a sua fortuna à Nação, apareceu, agora, publicado o texto integral do seu testamento, no qual se verifica que D. Manuel dispôs dos bens da Casa de Bragança, deixando-os em duas partes iguais, a sua esposa e a sua mãe...

Esta revelação causou geral surpresa, diluindo mesmo a atmosfera de simpatia que o último gesto de D. Manuel poderia ter criado à volta da sua urna, que atravessou Lisboa ante o respeito e o recolhimento da população republicana.

E' por isso curioso arquivar aqui o que na imprensa se publicou após o aparecimento do tão esperado documento.

RADIO

EMISSORA — Programa A — 451 m. 655 kc/s — A's 17: Melodias; 17 e 15: Orquestras ligeiras; 17 e 30: Canções hispano-americanas; 17 e 45: O pianista Roger Williams; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Opereta; 19 e 20: Conto radiofónico; 19 e 50: O acordeonista Oscar Denayer; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: A orquestra de Werner Müller; 20 e 30: Faça Portugal; 20 e 45: O povo canta e dança; 21: Noticiário — Crónica de Angola; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 25: O Orfeão de Estremoz Tomás Alcaide; 22 e 45: 2.ª emissão do jornal sonoro; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 15: Música de dança; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — A's 19: 3.ª acta da ópera «Um Baile de Máscaras», de Verdi; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Música sinfónica: Prelúdio ao 3.º acto da ópera «Os Mestres Cantores», de Wagner, pela Orquestra Sinfónica da N. B. C., dirigida por Arturo Toscanini; «Uma Noite sobre o Monte Calvo», poema sinfónico, de Moussorgsky, pela Orquestra Sinfónica de Bamberg, dirigida por Jonel Perle; 20 e 20: Concerto, por um trio da Associação dos Antigos Alunos do Conservatório de Paris; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: «Prelúdio, coral e fuga», de César Franck, pelo pianista Leonard Pennario; 21 e 50: Teatro dos nossos dias; 22 e 50: «Andante», da «Sonata n.º 2, em lá menor», de João Sebastião Bach, pelo violinista Alexander Schneider; 23: A Voz do Ocidente, programa internacional; 1: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17: Orquestras e canções; 17 e 30: Artistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Solistas; 18 e 30: Motivos portugueses; 18 e 45: Interlúdio feminino; 19: Sumário do programa da noite — Variedades; 20 e 20: Conjuntos; 20 e 30: Carta de Berlim; 20 e 45: Imagens por música; 21: Canções; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: Artista; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Conjuntos; 22 e 45: Motivos portugueses; 23: Concerto; 23 e 30: Canções; 23 e 45: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 30: Solos de instrumentos; 17 e 45: Noticiário de R. C. P.; 18: Ritos de baile; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Sumário do programa; 19 e 15: Interlúdio musical; 20: Noticiário de R. C. P.; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Aguardelas Francesas, por Roland Arday e Gabi Verlor; 20 e 40: Do Minho ao Algarve, do professor Armando Leça; 21: Noticiário (em colaboração com a E. N.); 21 e 15: Solistas; 21 e 45: Selecções; 22 e 15: Trechos recreativos.

A TALIDOMIDA e os seus efeitos

O Rádio Clube Português transmite hoje, às 22 e 15, uma entrevista com o distinto médico ginecologista dr. Cabral Sacadura, a primeira de uma série intitulada: «A Talidomida e os seus efeitos».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

TERÇA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1962

tivos; 23: Zarzuela; 23 e 45: Noticiário de R. C. P.; 1 e 30: Fecho. RADIO UNIVERSIDADE — A's 18: «Gaudemus Igitur», anúncio da estação e resumo do programa; 18 e 2: Nota de abertura; 18 e 5: Discos pedidos — Seção ligeira; 18 e 30: «Uma visita à escola secundária alemã», um programa de Rádio Frankfort da República Federal Alemã; 18 e 45: Noticiário; 18 e 50: Os dois últimos discos; 18 e 53: Resumo do programa do dia seguinte; 18 e 54: Anúncio de encerramento e marcha da M. P.; 18 e 55: Fecho da emissão.

RADIO RENASCENÇA — A's 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Aberturas célebres; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: O meu programa; 20: Gosto, conforto e música; 20 e 30: 3.º Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Dez minutos com você; 21 e 15: Miscelânea; 21 e 30: Programa «Na Escola de Jesus»; 21 e 50: Melodias no Poente; 22: Quando o telefone toca; 2: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 às 22: Rádio Graça; 22 a 1: Rádio Peninsular; 1 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Teletexto; 19 e 45: Episódio da série «O Menino do Circo»; 20 e 10: «Huckleberry Hound» (desenhos animados); 20 e 25: «25 Anos da B. B. C.»; 21: «Cinema 62»; 21 e 30: Teletexto; 22 e 5: «Surpresa Efacec», apresentação de Tomé de Barros Queirós, Mimi Gaspar e Pedro Moutinho; 22 e 40: «7.ª Arte», apresentação de F. Garcia, sendo exibido o filme «O Libertador»; 0 e 10: Teletexto e últimas notícias

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos) TEATROS MONUMENTAL — As 21 e 45 — «Meu amor é traíço».

CINEMAS S. LUIZ — «Natal Branco». MONUMENTAL — «O herói do dia». S. JORGE — «Mordidos pelo ódio». ROMA — «Rio Grande». ODEON — «Violetas imperiais». ALVALADE — «O rapaz que roubou um milhão». PAVILHÃO PORTUGUÊS — «A quimera do ouro». ESPLANADA PORTUGAIA — «Homens das terras bravas». CINE MOSCAVIDE — «Mãos perigosas». ROYAL — «Arriscada aventura».

(Para maiores de 17 anos) CINEMAS TIVOLI — «O Mundo a seus pés». CONDES — «Aventura em Marseilha».

POLITEAMA — «Tipos da praia». EDEN — «Companheiros da morte». AVIS — «Os degraus do terror». IMPÉRIO — «O jogo da verdade». LIS — «Esplendor na relva». CAPITOLIO — «Com jeito vai, mestre». CHIADO TERRASSE — «Selvagem como as montanhas». COLISEU — «O lobo humano». ARCO-IRIS — «Uma mulher no Inferno». JARDIM — «A mulher e o fantasma». IDEAL — «A capital do crime».

MARES

PREIA-MAR Dia 21 — A's 7 e 19 (3,75 m); 19 e 48 (3,79 m). Dia 22 — A's 8 e 11 (3,56 m); 20 e 40 (3,56 m). Dia 23 — A's 9 e 22 (3,42 m); 21 e 57 (3,39 m).

BAIXA-MAR Dia 21 — A's 0 e 37 (1,07 m); 13 e 02 (1,20 m). Dia 22 — A's 1 e 30 (1,32 m); 13 e 58 (1,44 m). Dia 23 — A's 2 e 45 (1,56 m); 15 e 20 (1,62 m).

FARMACIAS

TURNO I

(Ver pelos painéis das indicações e telefones entre parêntesis) AJUDA — Caramão da Ajuda. Est. da Cruz, 20-C-D (633248). ALCANTARA — A. César, R. Prior do Crato, 74 (660187).

ALMIRANTE REIS — Candido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (45751) — Gois, Lda. Suc., R. dos Anjos, 12-C-D (840101).

ALTO DO PINA — Iberia, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).

ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (776905) — Aeroporto, Av. do Aeroporto, lote 318 (722384) — Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (721409).

AREIRO — São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140) — Algarve, Av. de Roma, 7-B (777478).

AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da República, 58-D-B (771661) — Figueiras, Av. Marques de Tomar, 20 (44995) — Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) — Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).

CAMPO GRANDE — Cabrita, Cam. do Grande, 220-222 (772397).

BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321149) — Unifal, Rua da Vitória, 21 (323793) — Valadas, Suc., R. da Madalena, 235 (326260).

BENFICA — Santa Cruz, R. General Morais Sarmiento, 1-A (784838) — Vitéz, Est. de Benfca, 373-B (780548).

BELEM — Gomes, Suc. (Gonçalves) R. da Junqueira, 326 (638193).

BOM SUCESSO — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63 (611454).

CAIS DO SODRE — Africana, Rua Bernardino, 45 (369120).

CAMÕES — Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96 (321534).

CAMPOLIDE — Salutar — Rua B. n.º 75-A-B, Bairro da Liberdade (683694) — «Judice» de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424).

CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.

CONDE DE REDONDO — Salus, R. Luciano Cordeiro, 13 (42239).

ESTEFANIA — São Jorge, Av. Ro-visco Pais, 32-A-B (734027).

ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta Possidónio da Silva, lote 3 (669485) — Rodrigues & Aires, Rua da Lapa, 52-54 (662246).

GRACA — Silva, Calç. de Santo André, 16 (862074).

LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790484).

OLIVAS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).

PALHAVA — Curie, Av. Madama Curie, 15-A (778439) — Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162 (761035).

PAMPULHA — Pinheiro, R. Presidente Arriaga, 16 (661967).

PICHELEIRA — Lazmar, R. João Nascimento Costa, n.º 16-A, Bairro de Santa Engrácia (728395-720703).

POMBAL — Ribeiro & Castro, Rua Braamcamp, 58 (43409).

REGO — Universitária, R. O. n.º 29-D, Bairro Santos (778953).

DE SANTA APOLONIA AO SEATO — Conceição, Calç. de D. Gastão, 30-32 (381279) — Pereira, Suc., R. do Paraíso, 98-100 (863224) — Branquinho, R. dos Sapadores, 87 (842725).

SANTO AMARO — Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) — Costa, R. dos Lusitadas, 32 (636704).

SILVA CARVALHO, 1-9 (662838).

Fundos do Estado

Cons. 2 3/4 % T. 10 ... 640\$00 638\$00 640\$00
Cons. 3 % T. 10 ... 690\$00 690\$00 693\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ... 815\$00 820\$00
Centenários 4 % 1940 ... 1.870\$00 1.860\$00 1.880\$00
Obr. Pes. 2 1/2 % 1942 ... 1.013\$00
Obr. Pes. 2 1/2 % 1943 ... 1.013\$00
Obr. Pes. 2 1/2 % 1944 ... 1.013\$00
Externo 1.ª série ... 1.040\$00 1.060\$00
Ext. 1.ª série car. ... 1.100\$00
Externo 2.ª série ... 1.080\$00
Ext. 2.ª série car. ... 1.080\$00
Externo 3.ª série ... 1.315\$00
Ext. 3.ª série car. ... 1.320\$00 1.315\$00
Caut. 3.ª série s/j. ... 218\$00

Obrigações

Agua Lisboa 5 % ... 502\$00 505\$00
Norte de Portugal 5 % ... 935\$00
Gás Elect. 3 3/4 % ... 955\$00
Gás Elect. 4 % ... 990\$00 985\$00
Gás Elect. 4 1/2 % ... 1.004\$00
Gás Elect. 5 % ... 85\$00 88\$00
U. E. P. 3 3/4 % ... 95\$00 94\$00 96\$00
U. E. P. 4 % 1945 ... 971\$00 970\$00 975\$00
U. E. P. 4 % 1948 ... 725\$00
U. E. P. 4 1/2 % ... 1.005\$00 1.005\$00 1.007\$00
U. E. P. 5 % 1951 ... 945\$00 943\$00 947\$00
U. E. P. 5 % 1952 ... H. E. do Douro ... 971\$00 970\$00 975\$00
H. E. S. Estrela 3 % ... C. E. 4 1/2 % ... 1.005\$00 1.005\$00 1.007\$00
Metropolitano ... 945\$00 943\$00 947\$00

Ações

Bancos
Alentejo ... 6.300\$00 7.500\$00
Angola ... 1.920\$00
Espírito Santo ... 1.850\$00 1.900\$00
Lisboa & Açores ... 1.120\$00 1.130\$00
Portugal ... 46\$00 49\$00
Ultramarino ... 46\$00 49\$00
Agricultura ...

Seguros

Fidelidade ... 280\$00
Mundial ... 1.500\$00 2.000\$00
Sagres ...
Tagus ...
Soberana ...
C. Ultramarinas
Ag. Casseque ... 525\$00 550\$00
Ag. das Neves ... 350\$00
Agric. Colonial ... 125\$00
Acucar de Angola ... 602\$00 620\$00
Boror ... 95\$00 115\$00
Cabinda ... 820\$00 860\$00
Cadá ...

PINTO de MAGALHÃES, LDA. BANQUEIROS

Depósitos à ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — J. PPC 366056 (5 linhas) — Praça Paiva Couceiro, 12-E — Telef. 834724
PORTO: R. da Bandeira, 53 — Telef. 20133 — PPC (7 linhas) — Peniche — Fátima — Amarante — Arcos de Valdevez — Vila da Feira — Elvas — Tomar

Cinemas

ALMADA — Academia — A's 21 e 30: «Chegou um anjo» (12 anos). BARREIRO — Esplanada Luso — A's 21.15: «Lola Montez» (17 anos). TRAFARIA — Pavilhão Jardim — A's 21.15: «Famintos da maldade» e «Epopéia dos mares» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — Largo António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100). ALMADA — Macedo Henriques — Rua Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 271297). BARREIRO — Pimenta — Rua Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 258 (Tel. 223012). COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121). MOITA — Silva Rocha — Praça da República, 16 (Tel. 238029). MONTIJO — Giraldes — Rua Almirante Reis, 45 (Tel. 230008). SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218580). SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229025). SETUBAL — Rosado Pinto — Praça do Bocado (Tel. 22484); Farmácia Nova — Rua General Gomes Freire (Tel. 22052).

LINHA DE CASCAIS

Para sua comodidade adquira, em qualquer das estações desta linha, séries de 20 bilhetes sem data de validade.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec	Compra	Venda	C. ^a Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	640\$00	638\$00	640\$00	Colonial do Buzi	—	91\$00	91\$50
Cons. 3 % T. 10	690\$00	690\$00	693\$00	Ilha do Príncipe	—	—	600\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	—	815\$00	820\$00	Incomati	—	960\$00	—
Centenários 4 % 1940...	1.870\$00	1.860\$00	1.880\$00	Moçambique	—	36\$00	40\$00
Obg. Pes. 2 1/2 % 1942	—	1.013\$00	—	Zambézia	—	50\$00	53\$00
Obg. Pes. 2 1/2 % 1943	—	1.013\$00	—	Diamantes	440\$00	435\$00	412\$00
Obg. Pes. 2 1/2 % 1944	—	1.013\$00	—	Lobito	320\$00	320\$00	325\$00
Externo 1.ª série	—	1.040\$00	1.060\$00				
Ext. 1.ª série car.	—	1.100\$00	—	C. ^a Diversas			
Externo 2.ª série	—	1.080\$00	—	Cimentos Tejo	—	—	700\$00
Ext. 2.ª série car.	—	1.080\$00	—	Cimentos Leiria	—	—	—
Externo 3.ª série	—	1.315\$00	—	Crédito Predial	—	36\$00	37\$50
Ext. 3.ª série car.	1.320\$00	1.315\$00	—	Industrial Aliança	—	310\$00	—
Caut. 3.ª série s/j.	—	218\$00	—	Portugal e Colónias ...	—	540\$00	548\$00
Obrigações				Nacional Navegação ...	—	750\$00	780\$00
Agua Lisboa 5 %	—	502\$00	505\$00	Colonial Navegação ...	500\$00	490\$00	510\$00
Norte de Portugal 5 %	—	—	—	Port. de Celulose	—	3.050\$00	3.150\$00
Gás Elect. 3 3/4 % ...	—	—	935\$00	Portuguesa de Pesca...	—	1.000\$00	1.040\$00
Gás Elect. 4 %	—	—	955\$00	Port. de Tabacos	—	—	252\$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	990\$00	985\$00	—	Tabacos de Portugal...	—	456\$00	475\$00
Gás Elect. 5 %	—	—	1.004\$00	Aguas, Electricidade e Gás			
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—	Agua Lisboa 1934.....	—	330\$00	335\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	85\$00	88\$00	Agua Lisboa 1936.....	—	315\$00	325\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	Elect. das Beiras	—	1.550\$00	1.570\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—	Gás e Electricidade ...	278\$00	277\$50	278\$00
U. E. P. 5 % 1951	95\$00	94\$00	96\$00	H. Alto Alentejo	145\$00	144\$50	145\$50
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—	H. E. Cávado	—	1.050\$00	1.065\$00
H. E. do Douro	971\$00	970\$00	975\$00	H. E. Zêzere	1.175\$00	1.172\$00	—
H. E. S. Estrela 3 % ...	—	725\$00	—	Nac. de Electricidade	1.200\$00	1.195\$00	1.210\$00
C. P. 4 1/2 %	1.005\$00	1.005\$00	1.007\$00	União Eléctrica Port.	—	141\$00	142\$00
Metropolitano	945\$00	943\$00	947\$00	H. E. do Douro	—	1.010\$00	1.015\$00
Ações				H. E. Portuguesa	—	—	90\$00
Bancos				H. E. S. Estrela	—	—	—
Alentejo	—	—	—				
Angola	—	—	—				
Espírito Santo	—	6.300\$00	7.500\$00				
Lisboa & Açores	—	—	1.920\$00				
Portugal	—	1.850\$00	1.900\$00				
Ultramarino	—	1.120\$00	1.130\$00				
Agricultura	—	46\$00	49\$00				
Seguros							
Fidelidade	—	—	—				
Mundial	—	280\$00	—				
Sagres	—	—	—				
Tagus	—	—	—				
Soberana	—	1.500\$00	2.000\$00				
C. Ultramarinas							
Ag. Casseque	—	525\$00	550\$00				
Ag. das Neves	—	—	350\$00				
Agric. Colonial	—	125\$00	—				
Acucar de Angola	—	602\$00	620\$00				
Boror	—	95\$00	115\$00				
Cadá	—	820\$00	860\$00				
Cuí	—	—	—				
Est. do Buzi	—	—	—				
Est. do Príncipe	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio de Janeiro	—	—	—				
Est. do Rio							

ATLETISMO

Foi apresentada oficialmente a tabela portuguesa de pontuação — notável trabalho do dr. Fernando Amado

Na sala de reuniões da Federação Portuguesa de Atletismo e com a presença do inspetor da modalidade, dr. Salazar Carreira, o presidente da direcção daquela entidade e o autor da nova tabela portuguesa de pontuação, dr. Fernando Amado, verdadeiro estudioso dos problemas técnicos do atletismo, foi apresentada aos técnicos, dirigentes, treinadores e jornalistas da especialidade o novo trabalho sobre o «sistema racional para classificar as «performances» atléticas.

Como se sabe a primeira edição da tabela foi editada em 1945 e inteiramente revista em 1949. Agora, o sistema foi corrigido pelo autor depois dos Jogos Olímpicos de Roma.

Trabalho de excepcional valor que atesta, sem exceção, a capacidade do seu autor na matéria versada e que em boa verdade substitui com grandes vantagens técnicas as tabelas de pontuação já desactualizadas perante a evolução progressiva da modalidade em todo o Mundo.

Nesta apresentação da nova tabela, que se espera seja aprovada oficialmente pela F. I. A. A. já que as Federações Nacionais de outros países, nomeadamente, as da França,



O dr. Fernando Amado, autor da tabela portuguesa

ca, Espanha, Bélgica, Itália, Holanda, Inglaterra e outras, estão dispostas a apoiar a pretensão da Federação Portuguesa, o autor, dr. Fernando Amado, fez considerações matemáticas, racionais, criticando com rigor de números e factos as actuais tabelas utilizadas pela Federação Internacional.

O novo trabalho foi também apreciado pelos drs. Dido Aguiar e Salazar Carreira, que, além de dizerem ao auditório as vantagens que podem advir a entidade máxima com a aprovação definitiva da obra agradeceram ao autor o seu valioso estudo, notável na sua clareza e nas suas bases.

O dr. Fernando Amado, agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e prestou-se a responder a todas as perguntas que lhe fossem feitas sobre a tabela de pontuação. Immediatamente se estabeleceu vivo colóquio, que se prolongou e que atingiu elevada valia técnica.

ESTÁ FORMADA a selecção de juniores que vai defrontar a Espanha

Parte depois de amanhã para a Corunha a selecção nacional de juniores que vai defrontar a equipa representativa da Espanha.

A nossa equipa já está definitivamente formada e inclui os seguintes nomes:

100 metros: Jorge Soares e Carvalho Santos.
200 metros: Jorge Soares e Leonel Carvalho.
400 metros: Augusto Vilela e Fernando Gonçalves.
800 metros: Rogério Gonçalves e Julio Pereira.
1500 metros: Manuel Oliveira e Augusto Lourenço.
5000 metros: Manuel Oliveira e Manuel Sousa.
3000 m obstáculos: C. Tavares e José Ribeiro.
110 m barreiras: Cumura Imboá e Rogério Caetano.
400 m barreiras: Cumura Imboá e Jorge Coelho.
Altura: Avelino Mingas e Elío Andrade.
Comprimento: Elío Andrade e R. Soromenho.
Triplo: Elío Andrade e R. Soromenho.
Vara: José Piedade e João Ventura.
Peso: Reis Santos e Vasco Mendes.
Disco: Reis Santos e José Matos.
Martelo: Pedro Freitas e Silveira Ramos.
Dardo: José Matos e Vasco Mendes.

O «capitão» da equipa será Jorge Soares e o porta-bandeira Reis Santos. Acompanham os atletas portugueses o treinador nacional prof. Moniz Pereira e o membro do conselho técnico António Pardal.

A caravana do Sporting que se desloca a Málaga

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Seguir-se-ão em breve as provas orais e posteriormente provas práticas.

Os dirigentes «leoninos» estão, também, revendo planos, tendo em mente a época que se avizinha. Apesar de alguns jogadores terem partido para férias, como por exemplo, Hermínio Barreto, que se encontra em Lourenço Marques, o reforço da equipa de honra está processando-se em ritmo veloz. Fala-se que o promotor jogador do Queluz, Avelino, alinhara o Sporting, e que outros elementos ingressarão no basquetebol «leonino». Por outro lado, os antigos jogadores, como o caso de Armando Garranha, continuarão nas fileiras «verdes». Este basquetebolista chegou a pensar em abandonar a actividade desportiva tendo-se até constituído uma comissão executiva para a sua festa de homenagem. Entretanto, o internacional sportinguista decidiu adiar a sua festa mantendo-se por mais uma época na equipa de honra.

Neste período de defeso a actividade dos dirigentes das secções dos clubes é evidente e a tal ponto asseverante que pode dizer-se que em teoria não há defeso. Desta maneira, as conversações com os jogadores de nível técnico mais elevado tomam muito tempo aos «pescadores» criando-se até um ambiente de desconfiança mútua. Fala-se — apenas está em causa o verbo «falar» — de que o jogador Patrício abandonará as fileiras «leoninas». A ser verdade, no que não acreditamos, os «leões» perdem um valor. Diz-se, também, que José Mário, além de Hermínio Barreto, foi convidado a ingressar numa das equipas da margem esquerda do Tejo. Os dois sustentáculos do «cinco» «leonino» não se pronunciaram sobre a questão o que leva a crer que continuarão no clube a que têm prestado serviços inestimáveis.

Joaquim Carlos, um dos melhores jogadores portugueses da nova geração, figura principal e base na equipa do Benfica, não poderá na próxima época dar com efectividade o seu concurso, pois, como se sabe foi chamado aos deveres militares. Os «encarnados», têm, assim, um problema de certo modo difícil a resolver, visto que a substituição total sem perda de valor no conjunto da equipa, não é fácil e não se vislumbra nos horizontes mais próximos um jogador com todas as qualidades de Joaquim Carlos. Entretanto, os «encarnados» estão mantendo a sua «máquina» com vista à temporada de 1962-63, já que têm de certo modo, responsabilidades como repre-

A Liga Inglesa de Futebol está a ser objecto de severas críticas

LONDRES, 21 — Variadas e numerosas críticas caíram ontem sobre os dirigentes da Liga Inglesa de Futebol que são acusados pela imprensa de «boicotarem» o torneio da «Taça da Europa», a única possibilidade de que os futebolistas ingleses dispõem para amplo contacto internacional nos próximos dois anos.

Na realidade, a Liga e a Federação ainda não conseguiram chegar a acordo quanto à realização do segundo encontro contra a França, pelo que a Inglaterra corre o risco de se ver forçada a abandonar o torneio.

A Liga parece disposta a manter a irreductibilidade quanto à realização de quatro únicos jogos durante a temporada que acaba de principiar e aquele encontro seria o quinto.

Ao ser conhecida a resposta da Liga, as críticas da imprensa não se fizeram esperar e o «Daily Herald» salientava em título: «A Liga de Futebol volta a retroceder».

Por seu turno, o «Daily Express», num artigo do seu crítico desportivo Clide Toye, salientava, também em título: «A Liga abala a Inglaterra».

Sublinhando que a Inglaterra não poderá contar com contacto internacional com equipas europeias, durante os próximos dois anos, caso não participe na «Taça da Europa», Clide Toye afirmava no seu artigo:

«Corre o risco de ser destruído, durante os primeiros dois anos, o programa de preparação da equipa da Inglaterra com vista ao Campeonato Mundial de 1966».

«A Liga parece, efectivamente, na disposição de negar a Federação de Futebol a possibilidade da Inglaterra participar na «Taça da Europa», o segundo torneio internacional em importância, só ultrapassado pelo Campeonato Mundial, no qual participam todas as principais potências futebolísticas europeias».

Peter Lorenzo, crítico do «Daily Herald», comenta: «Repete-se a velha história. A Liga de Futebol ainda não permitiu que a selecção inglesa defronte a França, num torneio que pode considerar-se vital para a preparação dos futebolistas ingleses com vista ao Campeonato Mundial de 1966».

O primeiro jogo com a França disputado a 3 de Outubro, em Sheffield, e o encontro da segunda jornada, conforme os regulamentos daquele torneio, deverá ser disputado a 20 de Março de 1963.

E nesse ponto que a Liga se tem mantido irreductível, afirmando que o facto da segunda data coincidir com o decurso do Campeonato da Inglaterra, dá aos clubes o direito de não dispensarem os seus jogadores para mais de quatro encontros internacionais. — (A. N. I.).

Nadadores franceses bateram um «record» europeu

LEIPZIG, 21 — A equipa de França de estafetas 4x200 metros natação livre (homens) estabeleceu nova marca da Europa com 8 m e 25 s e 8/10, desde os Jogos Olímpicos de Roma.

Foram estes os tempos de passagem dos nadadores franceses: Christophe, 2 m e 7,4 s; Gropail, 2 m e 4,6 s; Pommat, 2 m e 8 s; Gottvalles, 2 m e 5,8 s. Evidentemente, os franceses também bateram a marca nacional que era de 8 m e 29,4 s desde 15 de Julho findo (em Paris). — (F. P.).

NO PORTO

Diário de Lisboa encontra-se a venda a partir das 21 horas, nas tabacarias de MATOSINHOS, FOZ AVENIDA DA BOA VISTA, RUA DA BOA VISTA CARVALHOSA, PRAÇA MARQUES DE POMBAL, RUA DE COSTA CAVAL, CONSTITUIÇÃO, PRAÇA DA REPÚBLICA e BONFIM.

NOTÍCIAS VÁRIAS

O Cascais é campeão de juniores de hóquei em patins

No ringue da Juventude Salesiana, no Estoril, disputou-se, ontem, a noite, o último encontro do Campeonato Regional de Juniores, jogando os «cinco» da J. Salesiana e do Cascais. O resultado final foi de 1-1, o que permitiu ao Cascais a conquista do respectivo título.

Para este encontro os grupos alinharam e marcaram: SALESIANA — Adelino; Dinis, Venancio, José Ramalhinho, Espadinha (1) e Santos.

CASCAIS — Paixão; António José, Luís Costa, Cunha e José Carlos (1).

A classificação final foi a seguinte: 1.º, Cascais, 14 pontos; 2.º, Campo de Ourique, 13; 3.º, J. Salesiana, 13; 4.º, Belenenses, 9.

Foi adiado o torneio de handebol do Sporting

O Sporting tinha projectado organizar em breve um torneio de handebol. Entre as várias equipas convidadas figurava a do Sporting de Luanda. Todavia, e exactamente pelo facto de esta última equipa não

AINDA O JOGO SANTOS-PENAROL

RIO DE JANEIRO, 21. — Os dirigentes do Santos Futebol Clube vão propor ao Penarol, de Montevideo, as datas de 25 ou 28 de Agosto, ou ainda 7 de Setembro, para a realização do terceiro jogo para apuramento do vencedor da «Taça dos Libertadores da América».

Como já se noticiou, o Santos sugere também que o prêmio seja disputado em Assunção ou Lima, mas nunca em Buenos Aires, cidade vizinha de Montevideo. — (A. N. I.).

HOJE, À NOITE

FUTEBOL — Jogo do Benfica, em Copenhague.

HOQUEI EM PATINS — Campeonato Regional da 1.ª Divisão: Mundet-Campo de Ourique, Belenenses-C. F. Benfica, Oeiras-Cascais, C. U. F. Sporting, Lisgás-Sintra e Benfica-Paço de Arcos, nos ringues dos primeiros, às 22 e 23 horas, respectivamente em reservas e primeiras categorias.

REMO — Partida (Aeroporto, às 22 horas) dos remadores da TAP e do Clube Ferroviário de Portugal, para Luanda, a fim de participarem no festival náutico das festas da cidade.